REVISTA DA SEMANA

NO TEXTO:



O RECANTO PARADISÍACO DA TRAGÉDIA

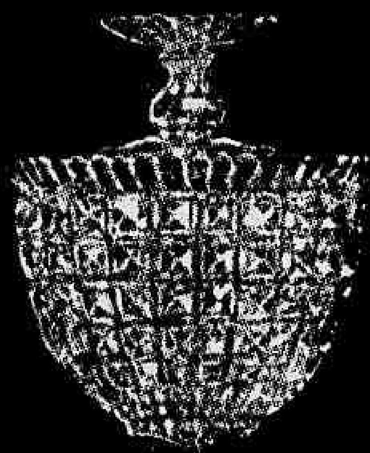
ASSASSINATOS NA FRONTEIRA



A MAIOR EXPOSIÇÃO DO BRASIL EM LUSTRES FINOS, IMPORTADOS DIRETAMENTE DAS MELHORES FABRICAS DA EUROPA.

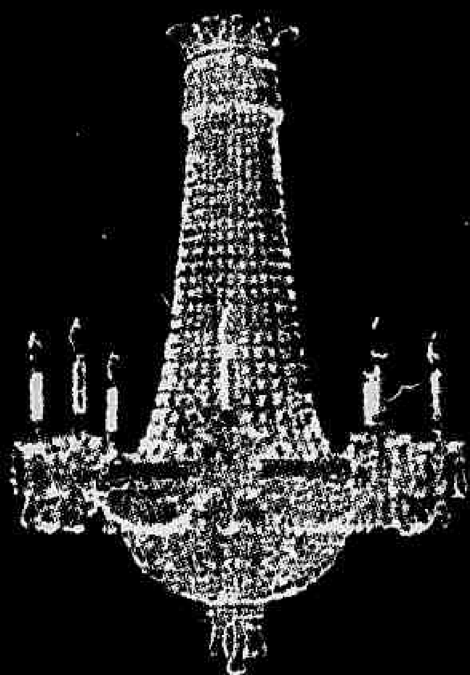
LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA E FRANCESES EM AUTENTICOS ESTILOS MARIA TEREZA, ISABELINO, CLASSICO, IMPERIO, VERSALLES E MODERNO E TAMBEM EM BRONZE ARTISTICAMENTE TRABALHADOS.



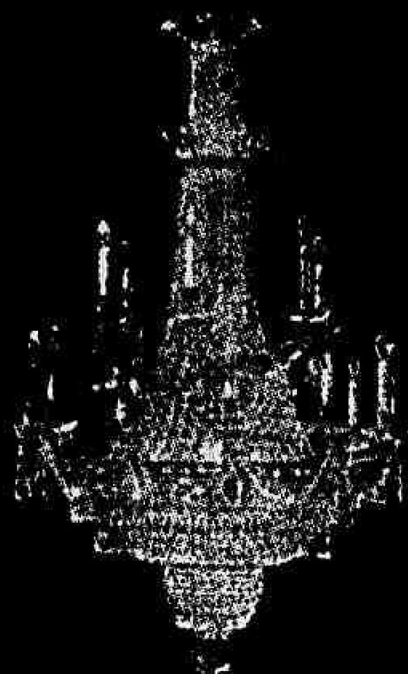




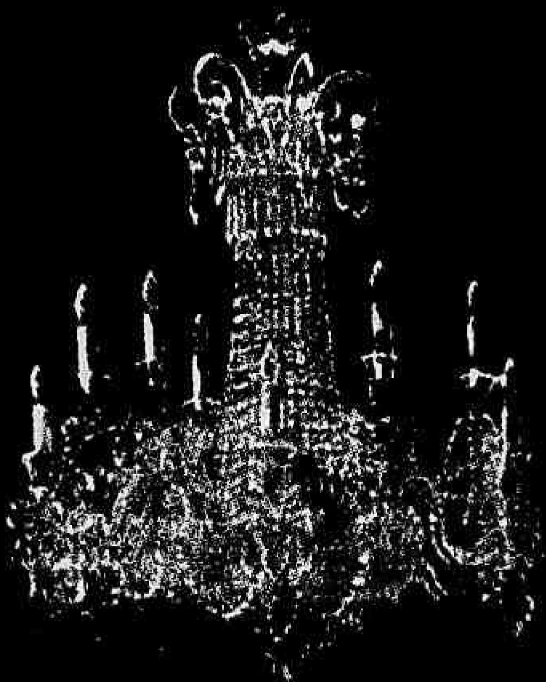
Especialidades em grandes lustres sob encomenda para finas residencias, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. — Colocação gratuita por pessoal especializado.

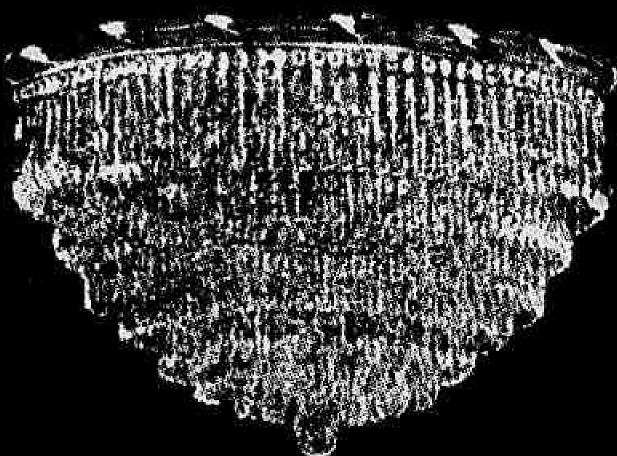






ARTISTAS DECORADORES PARA ORIENTAÇÃO NA ILUMINAÇÃO DE SUA RESIDENCIA







LUSTRES
MASUET
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. BRASIL, 216 — FONE: 8-2958
S. PAULO



Vista geral da Colônia Anchieta, na antiga Ilha dos Porcos, hoje Ilha Anchieta, centro onde se desenrolaram os dramáticos acontecimentos.

O RECANTO PARADISÍACO DA TRAGÉDIA

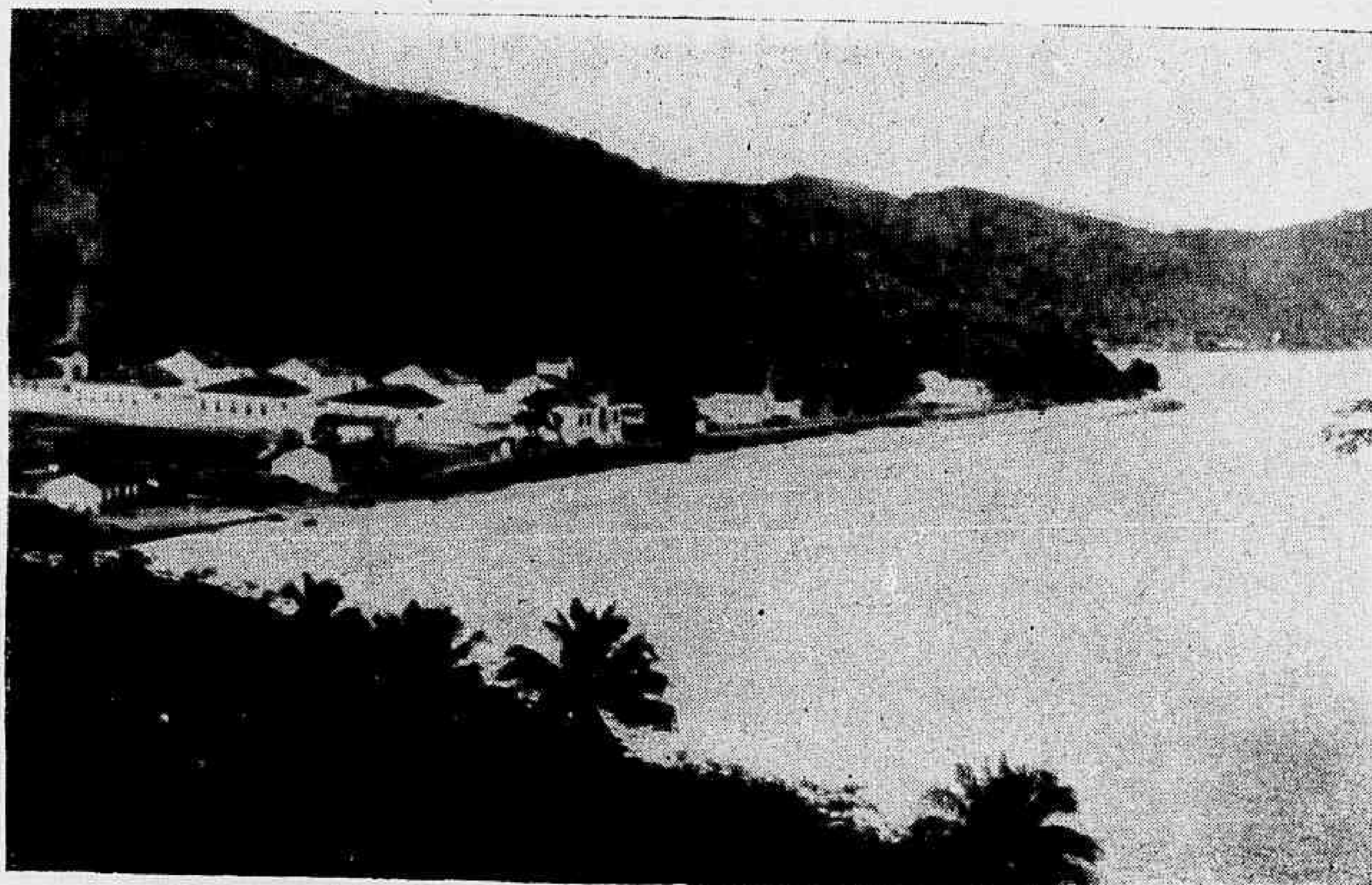
A HECATOMBE DE ANCHIETA — VELHAS CIDADES E ENSEADAS TRANQUILAS — A REBELIÃO DOS CRIMINOSOS

Texto de LEONEL C. FERREIRA

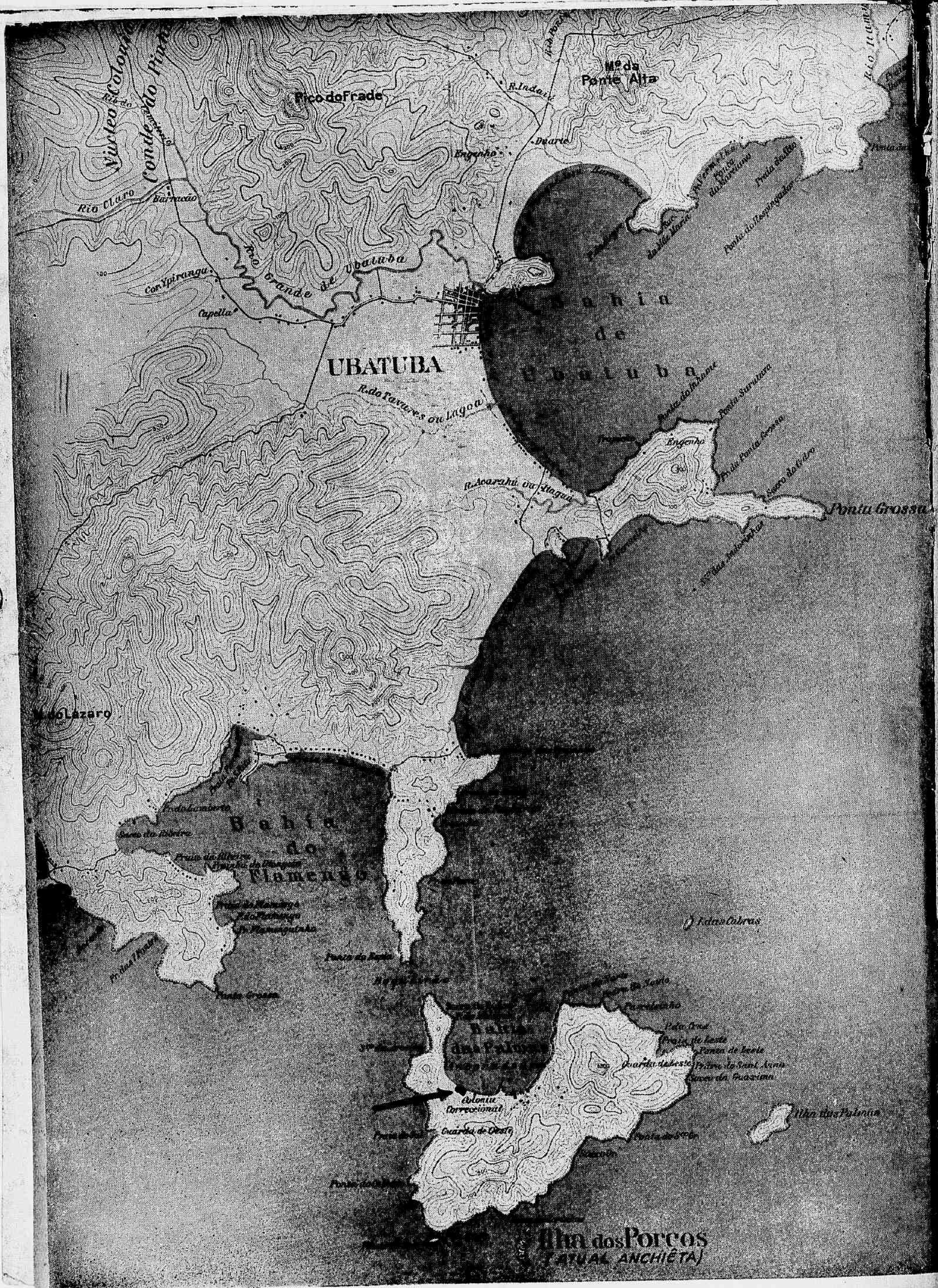
ENGASTADA na costa mais linda do Brasil, ao lado dos contrafortes da cordilheira marítima, no local outrora denominado Iperoig, primitiva aldeia dos índios Tamoios, está situado um dos mais velhos e históricos municípios paulistas: a vetusta cidade de Ubatuba.

Ubatuba fica no fundo de uma belíssima enseada, que se abre em leque, com um esplêndido pôrto: Ubatumirim. O espigão e morros, que formam a península de Ponta Grossa, protegem-na dos ventos sul.

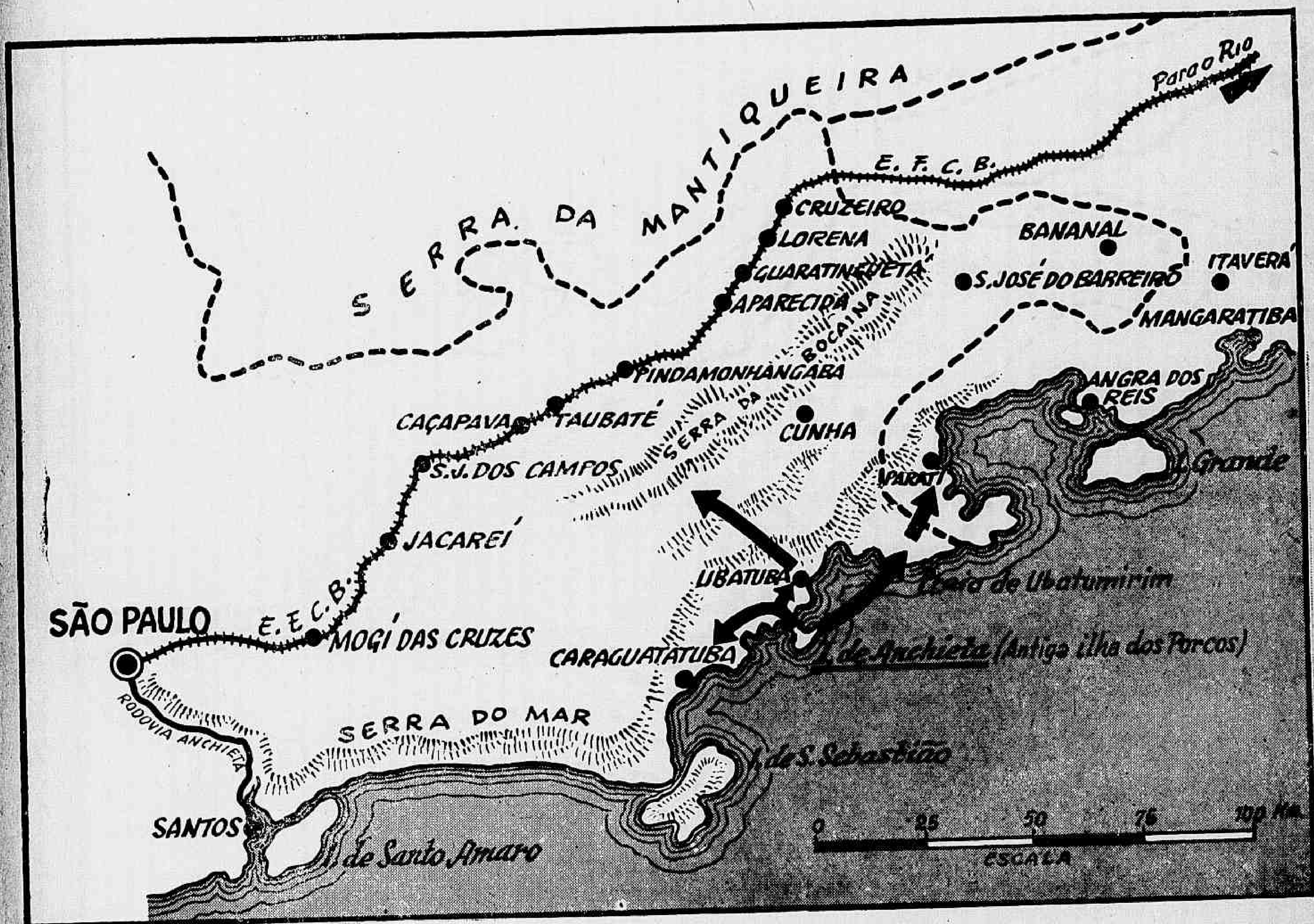
Esta parte do litoral paulista é um verdadeiro rendilhado de ilhas pontilhando praias encantadoras de areal extenso, com uma vegetação luxuriante, e as sinuosidades de pequenos golfos. A vila de Caraguatatuba está situada no extremo NE. da belíssima praia que lhe deu o nome e se dilata numa extensão de 12 kms. Cêrca de quatro léguas de Ubatuba fica a praia do Puruba. A sudeste da ponta do Espia, no extremo NE. paulista, até à fronteira do Estado do Rio, está situada a antiga ilha dos Porcos, hoje a ilha correcional de Anchieta. Com 19 kms.



Um belo aspecto da enseada da Colônia correcional de Anchieta, teatro da tragédia dos presidiários.



Pico do Frade
Mº da Ponte Alta
Nucleo Colonial
Conde do Pinhal
Rio Claro
Barracão
Rio Grande de Ubatuba
Con. Ypiranga
Capella
Engenho
Duarte
UBATUBA
Bahia de Ubatuba
Ponta Grossa
Bahia do Flamengo
Bahia das Palmas
Colonia Correccional
Guarda de Oeste
Guarda de Leste
Ilha das Palmas
Ilha dos Porcos
(ATUAL ANCHIÊTA)



Mapa do litoral paulista, à esquerda, vendo-se assinalada a ilha correcional de Anchieta. Acima a região assinalada pela evasão dos presidiários

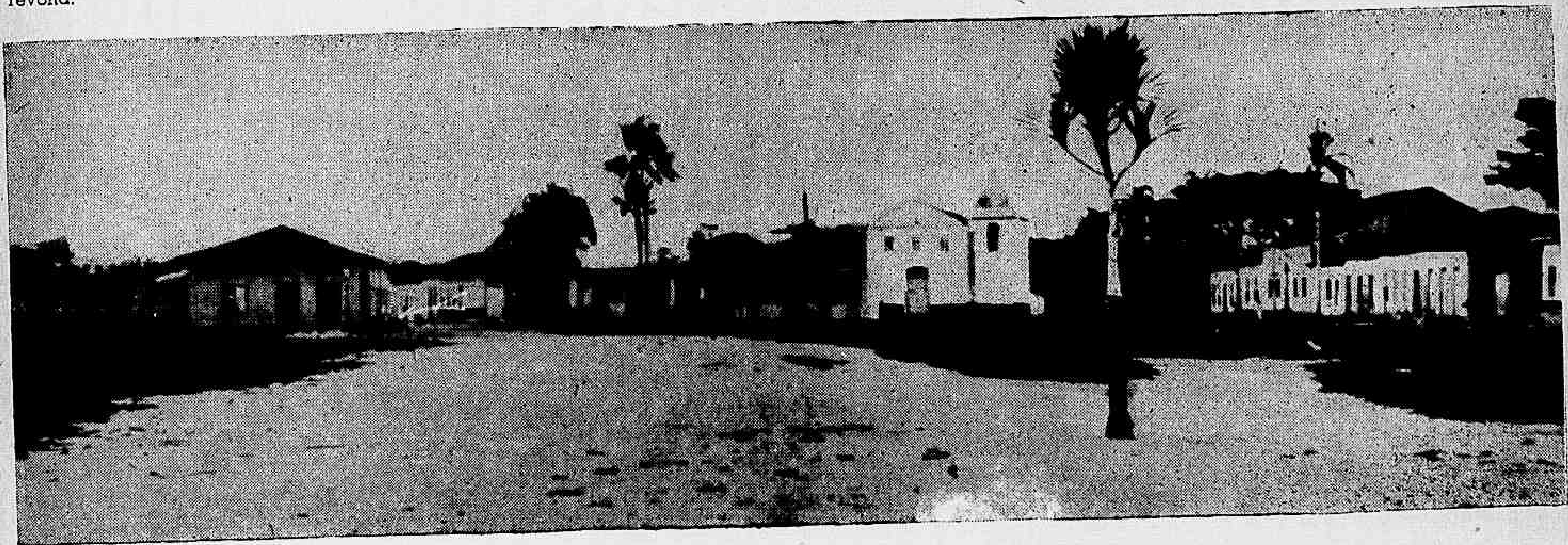
de perímetro, no meridiano de Ubatuba, prolongamento de um dos grandes contrafortes da serra denominada Jundiaquará. Está separada do continente por um canal de 560 metros de largura. Os espigões da orla da serra cortam e retalham a região de rios e córregos apenas navegáveis por canoas.

Nesse recinto de uma natureza que inspira quietude com seus habitantes entregues à faina diurna do mar, eclodiu a tragédia dos facínoras, com a fúria e a brutalidade de ódio e de morte. A chacina ainda no presídio, obedeceu aos imperativos cruéis de uma vingança a longo tempo reprimida.

Abatida a guarnição por traiçoeiro golpe seguiu-se brutal vandalismo de depredações. Um tenente, dois sargentos, três cabos, 41 soldados, e um enfermeiro para 450 detentos! Parece que aqui está a verdadeira causa da revolta.

Alcançando a faixa litorânea os rebeldes ameaçaram a paz e a tranqüilidade dos municípios de Ubatuba, Parati e Itaverá. Não se sabe ao certo o número de mortes desta sangrenta tragédia. No entanto, os detentos pouparam as famílias dos funcionários que residem na ilha. Tudo indica que os autores desta intentona de sublevação de presos, jamais vista no Brasil, foram os perigosos bandidos: Pereira de Lima, China Shaw e Diabo Louro. Além de outros mais.

Encurralados no litoral, os infelizes presidiários estão sendo capturados pela Fôrça da Polícia, ajudada por tropas do Exército e com a participação de aviões da FAB. Essa sangrenta lição do presídio correcional de Anchieta foi uma severa advertência para os responsáveis pela manutenção da Lei e da Justiça. Oxalá, nunca mais se repita!



A vila Caraguatatuba — velha localidade paulista — que foi invadida pelos rebeldes de Anchieta

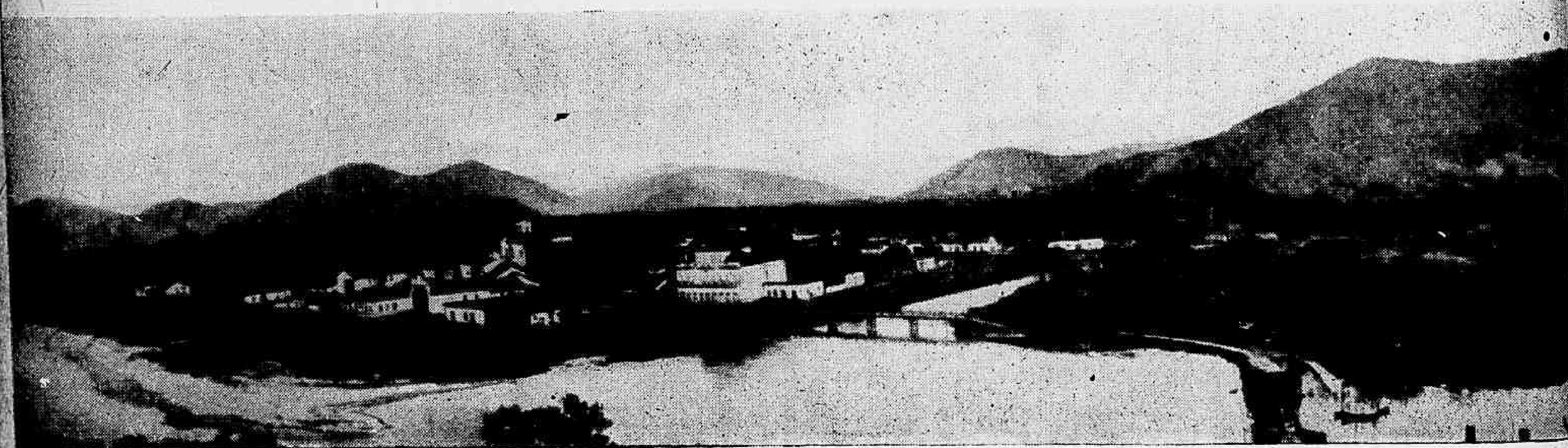


A enseada de Ubatuba, lugar delicioso de paz, foi o teatro das lutas e escaramuças dos detentos em pé de guerra.



O largo da Matriz de Ubatuba, recanto de tradicional beleza, viu passar as hordas insurrectas dos presidiários.

O RECANTO PARADISÍACO DA TRAGÉDIA



Uma velha foto da antiga Ubatuba: lugar aprazível pela sua situação litorânea. E' característica a fisionomia do seu vetusto casario.

(Continua na página 54)

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 27 ★ 5-7-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

O Recanto Paradisíaco da Tragédia por Leonel C. Ferreira) .... 3/6 e 54/57
Os canhões falam aos legisladores .. 10/13
Assassinato na Fronteira (por Natanael Guimarães) 15/19
Os arigós ameaçam os céus (por Martins d'Alvarez) .... 27/29 e 32/34

LITERATURA

Se Anchieta Falasse... (por Renato de Alencar) 7
Maçarico, o Perneta (por Paula Lopes) 26
Volta (por Colette) 38
Onde as violas gemem (por Luís Cristóvão dos Santos) 49
O pequeno conto (por Geo William) .. 8
Semana Literária (por Edmundo Lys) .. 20/21

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista 8/9
A personagem da semana (Fernando Bastos Ribeiro) 9
Puxe pelo cérebro 42
A Revista há 50 anos 51
Passatempo (Renato Cartaxo) 43
Lido... Visto... Ouvido... (Jim) ... 52/53

ROMANCE

Um príncipe em minha vida (Michel Davet) 22/23

FOLHETINS

Filho, meu filho 40/41
As aventuras do Capitão Rob 24/25

FEMININAS

Frio 35
Novíssimas criações 36/37
Conversa de mulher (Isolete) 42
Rotina de beleza 43
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) .. 46
À luz da psicanálise (Dr. Luís Fraga) . 47

CARICATURAS

Êste mundo e o outro (por Darcy) 45
Divórcio (por Théo) 14

VARIEDADE

Aconteceu no Maranhão 30/31

CAPA — Gina Lollobrigida (Foto Luxardo)

SE ANCHIETA FALASSE...



"Não matarás!". "Ama ao teu próximo como a ti mesmo". "Aquêle que com ferro fere, com o mesmo será ferido". Em tôdas as religiões do mundo são iguais estas sentenças. Os códigos penais continuam a punir os assassinos com a máxima severidade, desde a prisão celular, por tempos que regulam uma existência inteira, à pena capital, com a eliminação da vida. Mas, apesar de tanto rigor, os celerados continuam a cometer crimes hediondos, os delinqüentes surgem a cada passo, nos centros civilizados e nos sertões mais remotos. A causa? Hereditariedade? Meio? Direito de punir com as próprias mãos? Instinto congênito? Não. Apenas desordem social. Um criminoso, dêsses que estavam na prisão estadual de Anchieta, não pode ser considerado uma fera, nem um homem normal. A ciência penalógica não admite, desde muito, o criminoso nato de Lombroso. O delinqüente nada mais é do que um indivíduo impulsionado por uma causa aparente, ou visível, confessada, ou oculta. Que seja considerado um enfêrmo, antes de ser levado à enxovia. Antes de entregá-lo a um diretor de presídio, recalcado, com sífilis no cérebro, rancoroso e cruel, que seja examinado por especialistas do corpo e da alma, numa análise do espécime que ainda pode ser reintegrado na comunhão social completamente regenerado. A tragédia da prisão de Anchieta é uma advertência e uma lição. Dolorosa lição que poderia ter sido evitada, se os nossos homens públicos meditassem duas horas por dia nesse problema da reclusão humana. E quando o caso sucede em São Paulo, a perplexidade sobe de grau. Se ali, na unidade modêlo, na terra da cultura mental e dos fulgores de uma civilização que se projeta além de nossas fronteiras, irrompem fatos como o de que nos ocupamos, que diremos de outros Estados mais pobres, menos aparelhados, com uma organização presidiária tão primitiva como se estivéssemos ainda em plena Idade-Média? O nome dessa ilha relembra o do apóstolo do Brasil, Pe. José de Anchieta. Que fêz êle para vencer a revolta dos índios unidos contra os portuguêses na Confederação dos Tamoios? Armou-se com os arcabuzes de El-Rei? Pediu caravelas com bôcas de fogo e homens de desembarque? Empunhou o bacamarte, enfiou à cinta o punhal da vingança? Não! Usou da palavra e do exemplo, da cordura e da fôrça moral. Sòzinho, com a sotaina rasgada pelos espinhos das macegas, os pés sangrando nas longas caminhadas por ínvios caminhos, à chuva e ao sol, o apóstolo do Novo Mundo firmou a paz de Iperoig, foi o missionário do Bem e da Verdade, tolerante e bom, grande na sua misericórdia, poderoso na sua humildade Deram à prisão-calabouço o nome de Anchieta. Por Deus! Ou a tornem digna dêsse nome, ou volte a ser dos Porcos, ou lhe mudem o batismo para Átila, Calígula, Vespasiano, Nero... Respeitem a memória de Anchieta, que, se voltasse a S. Paulo e visitasse a Ilha do Inferno, saberia converter aquelas feras enjauladas em homens dignos de nossa civilização. Fundem ali uma Escola, e dêem à mesma o nome do Apóstolo. Talvez não voltemos a corar de vergonha.

RENATO DE ALENCAR

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 230,00
Seis meses .... Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 350,00
Seis meses .... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Diretor: **GRATULIANO BRITO**

Redator-Chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**

Paginação de **VICTOR TAPAJÓS** — Desenhos de **ALBERTO LIMA**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

O PEQUENO CONTO

O TRUQUE E SEU EFEITO

Por GEO WILLIAM



JIM MAC TIGRE quase não dormia aquela noite. Rolara de um para outro canto da cama, enquanto que a sua jovem espôsa o espreitava do leito, separada do marido apenas pelo criado-mudo do centro. Jim Mac Tigre deveria, logo no fim daquele dia, disputar o título de campeão dos meio-pesados, com Jerry Canzoni, o famoso pugilista, o demolidor de esperanças e de... ossos.

Jim tinha-se preparado, sem dúvida e estava uma máquina viva de músculos e energias. Mas um complexo de inferioridade o dominara há algumas semanas e êle não mais tinha fé em seus punhos poderosos. Certos cronistas também se encarregaram de esfarelá-lo bastante, trombeteando as excelsas qualidades de seu antagonista e gastando prognósticos bem pouco favoráveis a êle. Tudo isso influíra tremendamente e daí, na véspera do combate, sentir ânsia terrível. Perder o sono à distância de horas do duelo com luvas de seis onças, era perder qualquer oportunidade de vitória.

★

Mal-humorado, nervoso, mal dormido, submeteu-se à derradeira massagem. Seu "manager" demonstrava abertamente a justificada apreensão e os "book-makers" disso se aproveitaram para aceitar apostas na proporção de seis por um. Enquanto que Jim se preparava para armazenar a maior surra da época, êle que reunia tôdas as qualidades para se tornar campeão, sua espôsa empenhava tôdas as jóias e apostava no marido, aproveitando a bela oportunidade da margem oferecida que redundaria em lucro compensador, sempre que Jim viesse a ganhar. Todos duvidavam. Mas Giselda tinha um estranho sorriso nos lábios.

★

O primeiro assalto foi um verdadeiro desastre para Jim. A enorme assistência começou a apupa-lo. O segundo foi pior. Delineava-se nítida a derrota. Jim não encontrava ânimo para combater e resistia mecânicamente, surdo a qualquer injunção. No intervalo do terceiro para o quarto assalto, meteram-lhe na luva um recado.

— Sua espôsa mandou isto — disse-lhe um dos "segundos".

Léu. O bilhete era breve e dizia: "Desde há muito que eu amo Jerry Canzoni e hoje, após a surra tremenda que êle te proporcionar, irei em companhia dêle! Jerry é maravilhoso! Giselda.

Um furor louco assomou ao cérebro de Jim. Olhou para a cadeira onde estava sentada a sua espôsa que, nesse momento, dirigia a Jerry o melhor dos seus sorrisos... Quando o "gong" anunciou o "round" seguinte, a assistência boquiaberta viu um Jim incrível ! Uma máquina de dar sôcos. Um touro furioso solto dentro do ringue. Jerry, sob a terrível saraivada de golpes, caiu, levantou-se, tornou a cair e finalmente estatelou e, com êle, o título de campeão!

★

Quando, terminada a luta Jim olhou raivoso para o local onde estava a espôsa, viu-a, lágrimas correndo-lhe pelo rosto belíssimo, agitar-lhe os braços. Então compreendeu. Fôra um truque de sua espôsa para espicaçá-lo e dar-lhe a necessária coragem para vencer o seu complexo. Com um pulo felino atravessou as cordas e, na presença de todos, ergueu ainda com as luvas amarradas nas mãos, aquêle corpo flexível que era sòmente seu. E colou os lábios tumefactos pelos golpes aos lábios frescos da jovem espôsa, como que desejando sugar-lhe a alma!

— Meu grande, meu incrível amor!

— Meu grande e meu campeão!

— Sim, "teu", ùnicamente "teu" campeão! (IPA).

A Semana

Cinema para crianças



O Juiz de Menores, dr. Valdir de Abreu, acaba de receber de certo exibidor cinematográfico desta capital um pedido singular. O dono do cinema lhe pede, simplesmente, que revogue o artigo 128, parágrafo 3º do Código de Menores! Que reza o dispositivo legal? Proíbe, peremptòriamente, a entrada de menores de cinco anos nos recintos de nossas casas de cinema durante os espetáculos. O despacho do Juiz foi uma lição ao empresário cinematográfico. Ilustrando sua resposta, o Juiz de Menores descreveu ao proprietário de cinemas que a lei não podia retroceder, sendo impossível deferir seu requerimento, uma vez que as nossas casas de exibição de filmes eram perniciosas a crianças até cinco anos de idade. E esclareceu: "A atmosfera das salas de espetáculo fica pesada e viciada pelas emanações dos espectadores, mal arejadas, muito quentes, tornam a respiração difícil e a fazem portadora de germes maléficos. E têm outros inconvenientes anti-higiênicos que as tornam perigosas para as crianças de tenra idade". Nada mais justo. Uma sala de exibição de filmes aqui no Rio se torna insuportável, mesmo aos adultos. Tal é a quantidade de espectadores a fumar, que, muitas vêzes, temos a impressão de que alguma coisa está queimando, na iminência de um incêndio. Além disso, os engraçadinhos, os mal educados dizem pilhérias, imitam animais, tudo em irritante desrespeito à lei e aos presentes. Cinema para criança não é isto.

Vá plantar batatas

JÁ houve uma época em que se dizia isso, quando a gente estava amolado por outro. Pelo que parece, a moda sempre deu resultados, pois o nosso país passou a produzir batata em grande escala, a ponto de perderem-se milhares de toneladas do produto por excesso de produção e carência de transportes. Em virtude disso, o Sr. Ministro da Fazenda acaba de explicar o motivo por que não foi incluída a batata no contrato firmado entre o mesmo titular e o Banco do Brasil para a garantia de preços mínimos de arroz, feijão, amendoim, farinha de mandioca, girassol, trigo em grão, soja e mate. A batata não entrou nessa combinação, o que não pode deixar de ser uma desmoralização para a família dos tubérculos. O motivo alegado pelo titular da pasta do dinheiro é uma prova de que nós estamos plantando batatas sem nenhum plano batatal. A Comissão de Financiamento da Produção rejeitou pedidos da Federação das Associações Rurais de S. Paulo, e não deixou que a batata entrasse na turma em que se vê até o girassol. Alega o Sr. Ministro que a batata é um tubérculo muito fácil de deteriorar-se em virtude do clima e do tempo. E isso, não por culpa da infeliz, mas porque nós não dispomos de aparelhamento capaz de proteger-lhe a pele, da batata, é claro. Que fazer? Instalar armazéns frigoríficos! Mas preferimos outra coisa: deixar que plantem batatas e estas apodreçam. Vão plantar girassol!



Em Revista

O Revelador de Mentiras

ESTÊVE, recentemente, nos Estados Unidos, uma delegação de autoridades policiais de S. Paulo, que fôra à América do Norte estudar a organização policial do grande país. E' inútil dizer que todos os delegados voltaram encantados com o que foi mostrado em matéria de processos para descobertas de crimes e criminosos. Mas, há um aparelho por lá que os tonteou. E' um tal denominado "Revelador de Mentiras". Por intermédio dêsse aparelho não há criminoso que não termine confessando mesmo a verdade. Embora haja alguns casos frustrados, as autoridades estão certas de que a coisa é mesmo digna de adoção por qualquer polícia desejosa de reprimir o crime e punir os delinqüentes. Por êsse motivo, os senhores delegados já apresentaram ao Govêrno de S. Paulo um relatório, no qual solicitam a importação de tais aparelhos. Muito bem. A luta contra o crime e os criminosos é sempre crescente; mas, neste nosso grande e belo Brasil, sempre há um cidadão mais inteligente e jeitoso do que o outro em matéria de crime. Se nós adotarmos o Detetor de Mentiras (Lie Detector), não tenham dúvida de que, no dia seguinte, os acusados estarão munidos de um "Give the lie to..." sòmente para contrariar. E hão de encontrar quem prove por A mais B que o aparelho policial está defeituoso e é uma afronta à nossa democracia e princípios cristãos...



Recreação hospitalar

SEGUNDO noticiaram os jornais, o vereador Roberto Gonçalves Lima apresentou um requerimento à nossa Câmara Municipal pedindo à Comissão de Finanças que incluísse no orçamento atual as seguintes verbas: Cr$ 100.000,00 para a instalação do Serviço de Recreação Hospitalar do Distrito Federal; Cr$ 100.000,00 para a compra de aparelhos cinematográficos; Cr$ 100.000,00 para aluguéis de filmes; Cr$ 60.000,00 para pronto pagamento, e Cr$ 100.000,00 para custear "shows" de artistas radiofônicos a exibir-se nos hospitais da cidade. Como vemos, o nosso legislador está apelando para a cura pelo auxílio da diversão. Essa teoria já tem sido adotada em algumas nações; mas, é conveniente salientar esta circunstância: só se deve dar música, teatro e cinema a um doente, quando os doentes têm hospitais, e os hospitais têm tudo o de que necessitem. De que servirá divertir com artistas radiofônicos a enfermos em certos hospitais, enquanto centenas de doentes morrem à míngua, pelo simples fato de não haver leitos onde êles possam morrer humanamente? Achamos que os enfermos gostariam de divertir-se um pouco. Mas não se esqueçam os nossos legisladores desta verdade cruel: há nesta cidade verdadeiras populações necessitadas de amparo hospitalar, e há hospitais que se ressentem de melhoramentos urgentes, de material, de gente, e que nada se faz por falta de verba! "Verbo" há de sobra...



A PERSONAGEM DA SEMANA



Sr. Fernando Bastos Ribeiro

TEATRO sempre foi escola de cultura e de educação. Através de suas peças levadas à luz das gambiarras, os autores procuravam focalizar episódios históricos, críticas construtivas, análises sociais. Isso se dava, especialmente na antiguidade clássica, na velha Grécia de filósofos, escultores e gênios da arte. Depois, com a evolução dos costumes (ou dos maus costumes...) foram sendo motivo teatral o jocoso e o imoral. Veja-se o famoso teatro de Gil Vicente. Sua arte foi exposta, não faz muito, à sociedade carioca, com a presença do Presidente da República e todo um cortejo de altas personagens, causando escândalo no Municipal. Mas se tratava de demonstração histórica, e não de coisa feita a propósito. Para moralizar o nosso teatro burlesco e de revista, o atual titular do Serviço de Censuras e Diversões Públicas, Sr. Fernando Bastos Ribeiro, está disposto a exercer a maior fiscalização, detendo os abusos que tornam as representações de companhias em verdadeira exibição de deboche e indecências impunes. Tudo neste mundo deve ter limites. Até mesmo a imoralidade. O palco de nosso teatro popular passou a ser campo de sensualismo indecoroso, num grau de licenciosidade capaz de fazer corar as pedras. Diante dessa degradação da arte teatral, o Sr. Bastos Ribeiro não terá contemplações. Não permitirá os excessos grosseiros, o deboche, a exibição pura e simples de uma devassidão que simula teatro para atrair os pervertidos. Já era tempo de a autoridade responsável acabar com essa errada concepção de que o nosso teatro popular só poderá manter-se, derivando para a obscenidade. O nu sensual, chamariz de pornofonias e "bolas" prostibulares, é o grande sucesso de nossas revistas, ao passo que o bom teatro, o teatro de arte, vai morrendo. E' a perversão dominando o sentido da educação artística, num paradoxo inconcebível. Só louvores merece, pois, o Sr. Fernando Bastos Ribeiro. E seria obra completa, se o govêrno ajudasse o bom teatro, amparando-o, até que nossas populações fôssem capazes de nutri-lo com suas preferências. Mas, já é o início de uma vitória, a vitória da Moral e dos Bons Costumes.

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestavel que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é patrimônio precioso, é indiscutivel factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

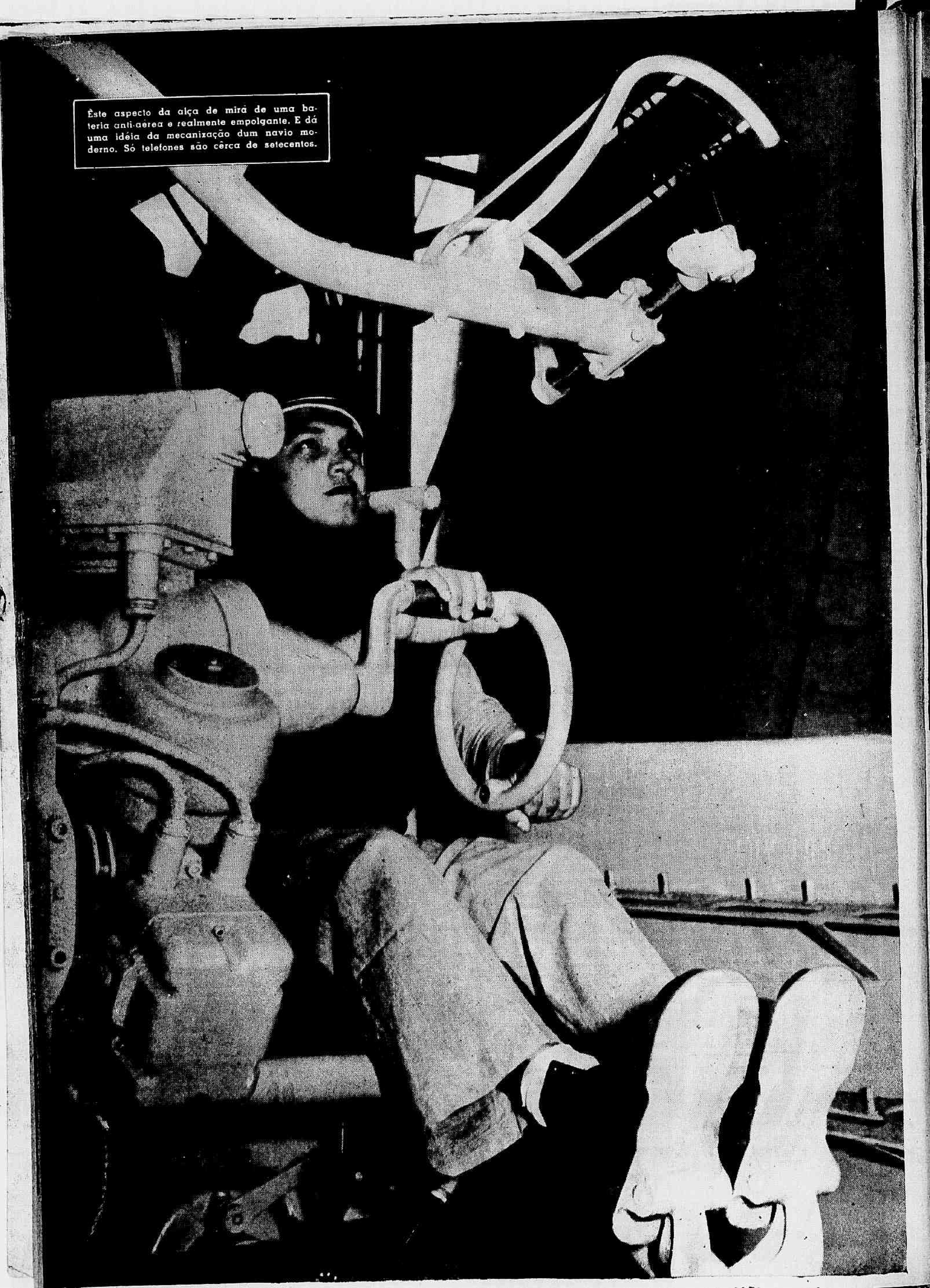
Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vitima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais paises onde penetrou

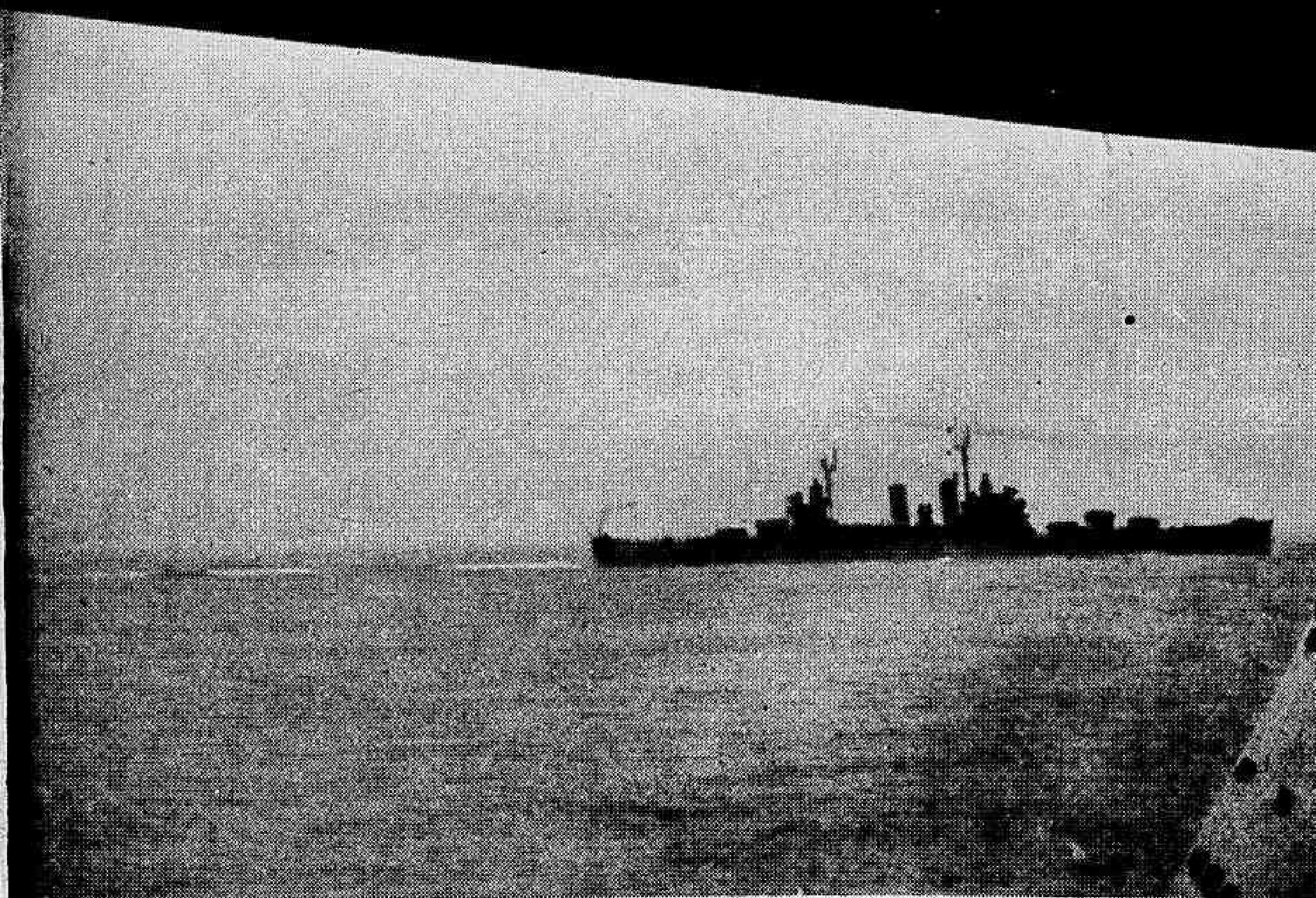
Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante.



Êste aspecto da alça de mira de uma bateria anti-aérea e realmente empolgante. E dá uma idéia da mecanização dum navio moderno. Só telefones são cêrca de setecentos.

SÔBRE AS ONDAS





Sob os canhões do "Tamandaré" vê-se ao longe seu irmão o "Barroso". Á direita, um marinheiro regulando um tiro numa das modernas peças de bordo.

A BORDO DO TAMANDARÉ ★ A MARINHA RECLAMA RECURSOS PARA A SUA MANUTENÇÃO ★ VERBAS DE PESSOAL VERSUS MATERIAL

Fotos de ALBERTO FERREIRA

OS CANHÕES FALAM AOS LEGISLADORES

PROSSEGUINDO na reportagem que tivemos a satisfação de realizar em tôrno da visita que os legisladores patrícios levaram a efeito aos cruzadores "Barroso" e "Tamandaré". Neste, como no "Barroso" o ambiente foi da maior cordialidade e as demonstrações transcorreram com êxito completo. O que temos no tocante a recursos materiais em relação à nossa Marinha ainda é muito pouco, em face da extensão de nossa costa; mas como ao Brasil jamais interessaria uma política que não fôsse a da paz e da defensiva, a que temos hoje já representa algo mais do que tínhamos ontem, e nos satisfaz.

Sabemos o que representa de sacrifício para nós a compra de aparelhamentos bélicos ou não. Porque as verbas de pessoal são os devoradores dos orçamentos. E o que diz respeito ao material vai ficando sempre para depois. Todavia, o patrimônio que os legisladores viram com seus próprios olhos merece conservação que só se consegue com dinheiro. Que êles e o Poder Executivo saibam ter fôrças para reagir contra os outros apelos que, como uma triste constante em nossa história administrativa, tem resultado em sacrifício de patrimônios como êste.



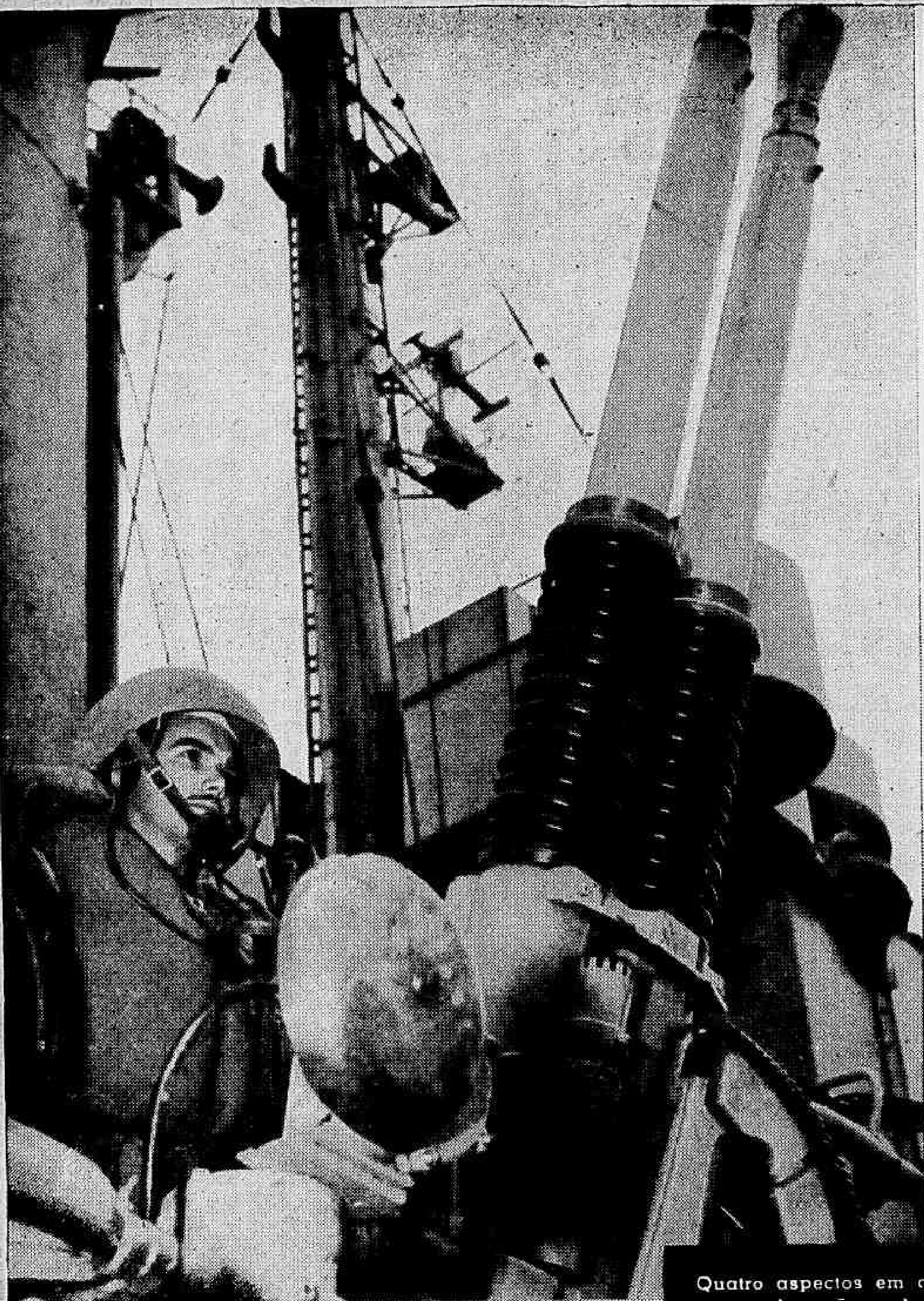
Flagrante apanhado no instante em que um canhão abria sua bôca de fogo.

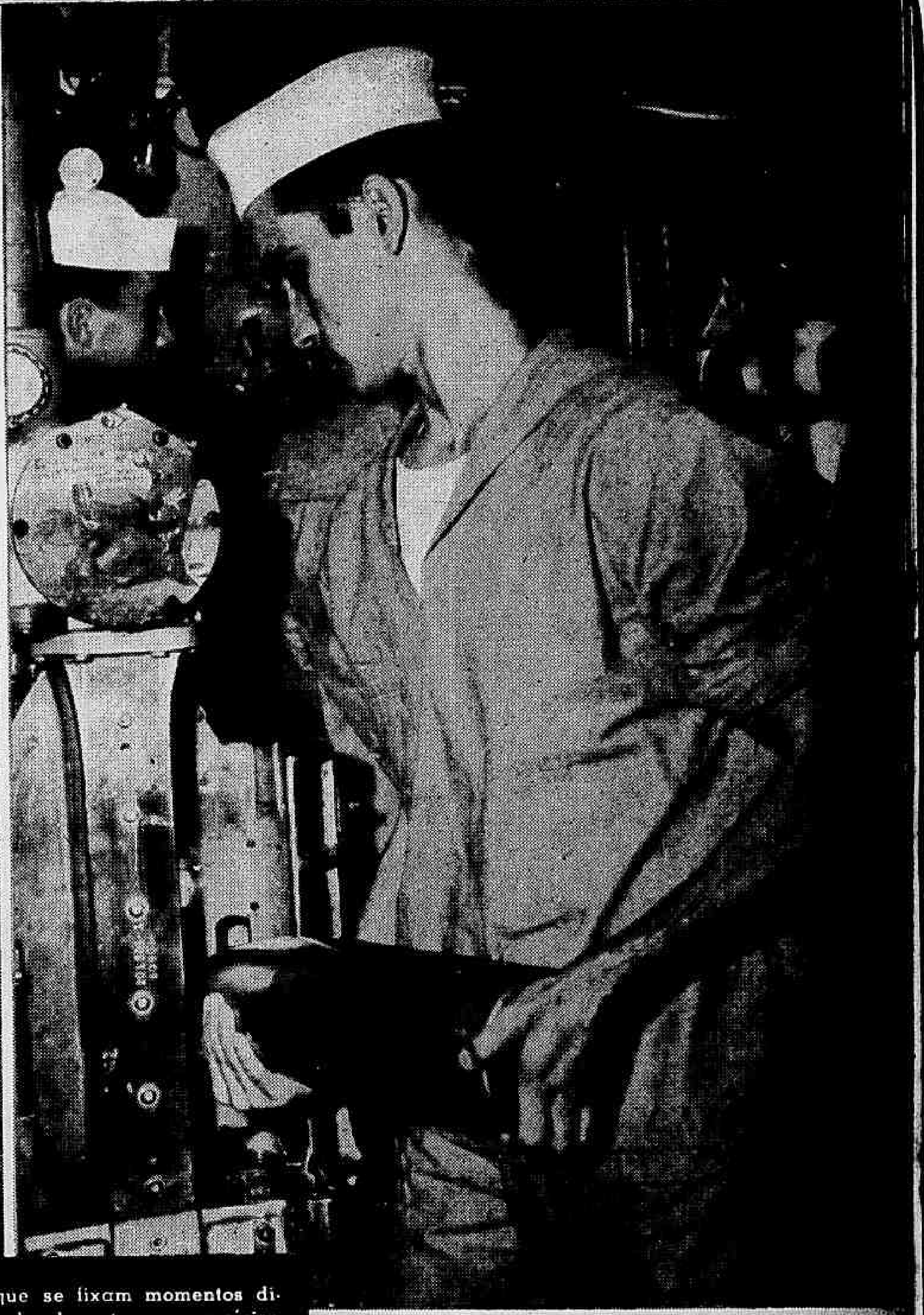
OS CANHÕES FALAM AOS LEGISLADORES



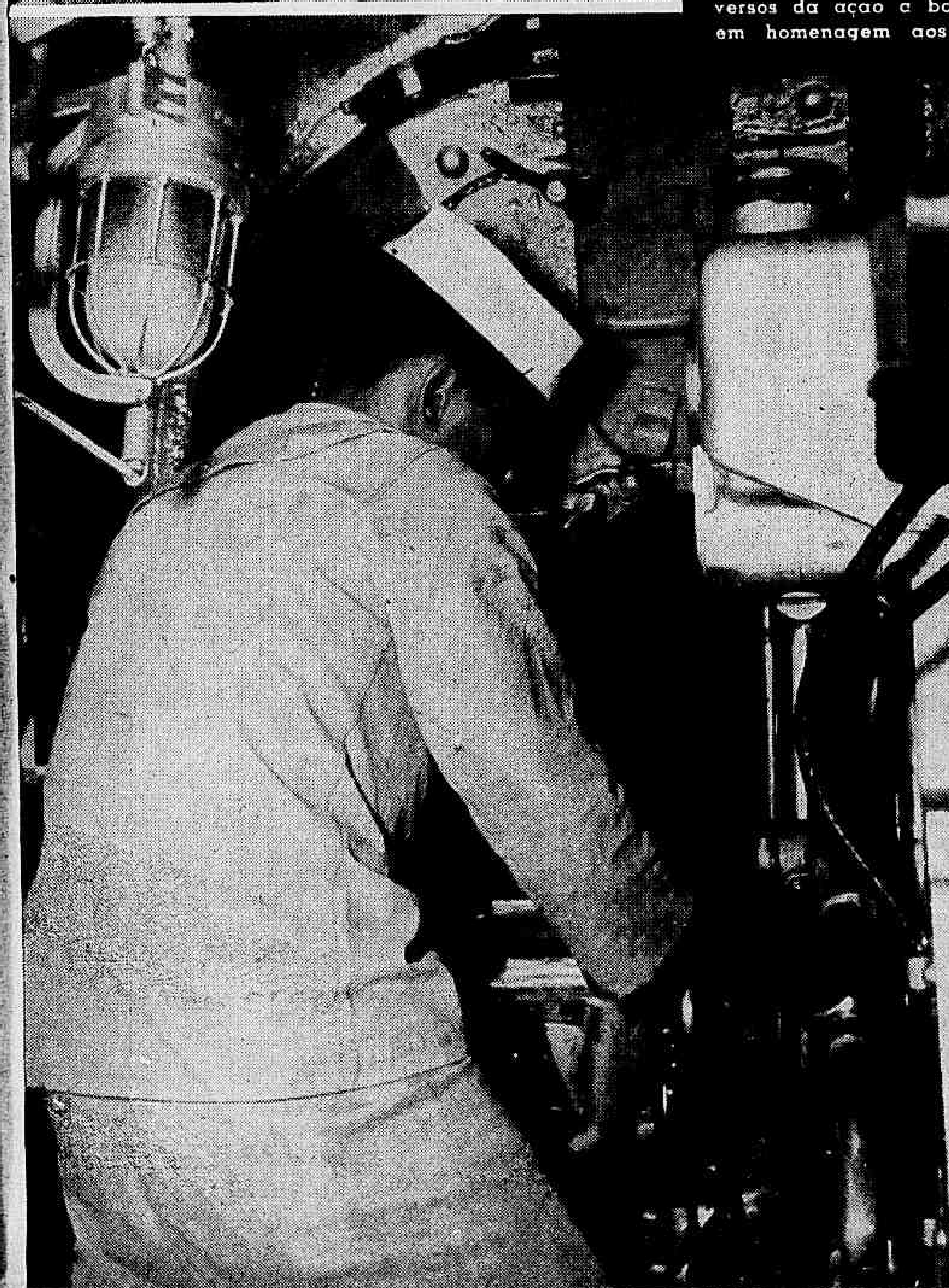


À esquerda, marinheiros manobrando, a bordo da belonave, canhões que vão entrar em ação; acima, representantes do Legislativo observam a ação.





Quatro aspectos em que se fixam momentos diversos da ação a bordo durante os exercícios em homenagem aos Legisladores brasileiros.





O DIVORCIO



ESTÃO VERDES...
— Você também é divorcista, Felisberto?
— Pra que, minha velha?

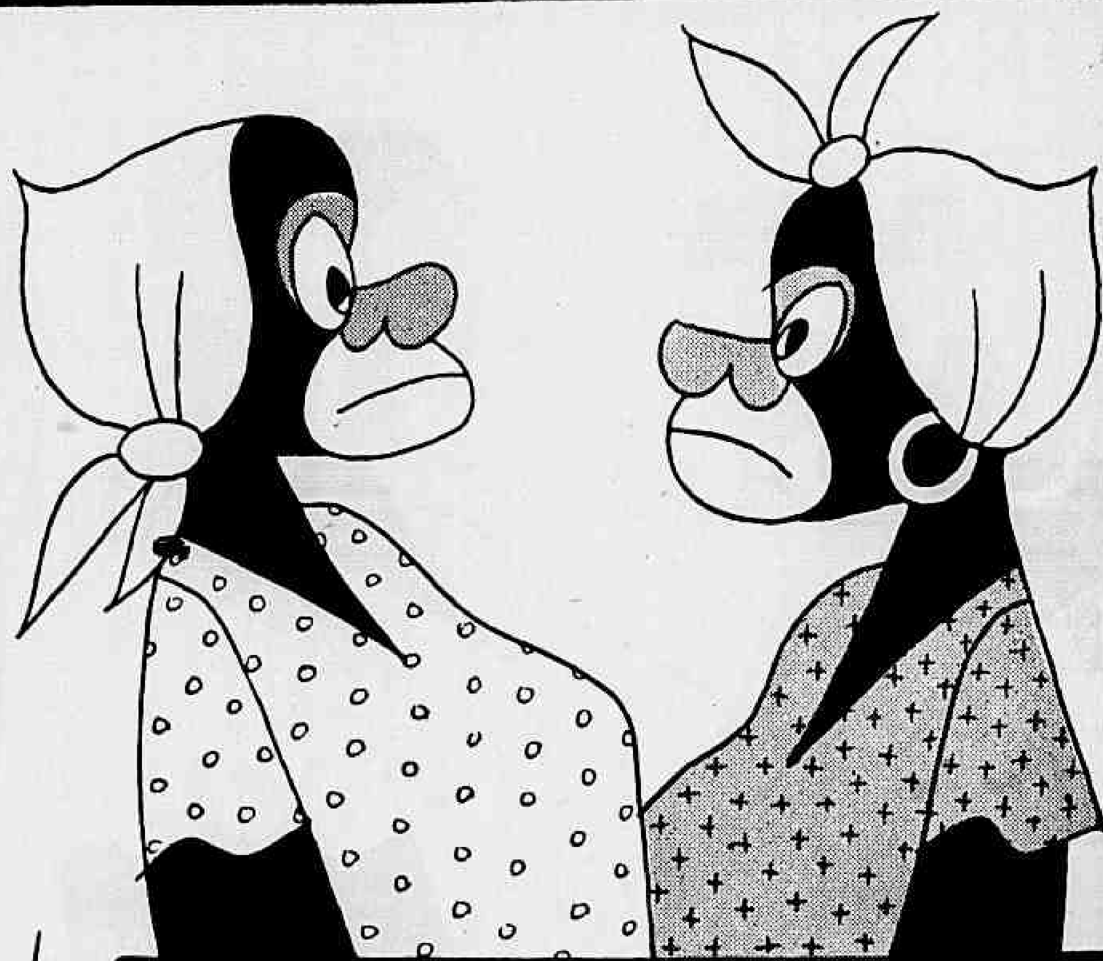


LIBERDADE, LIBERDADE!

— ÊLE — Essa tirania vai acabar...



A OFERTA E A PROCURA
— Parece incrível! Os **brotinhos** são tôdas pelo divórcio!
— Interêsse. Aumenta o abastecimento de maridos...



ESPÍRITO DE IMITAÇÃO
— **Nois** tem que **casá**, Bastiana! Como é que **vamo visitá** as **patroa** quando elas **divorciá?**

CAÇADAS HUMANAS NO RIO URUGUAI



José Freitas, irmão da vítima, cansado pelas longas buscas, retirou a terra de sôbre o corpo do seu infeliz irmão.

ASSASSINATO NA FRONTEIRA

METRALHADOS DOIS JOVENS BRASILEIROS QUANDO NADAVAM NO RIO URUGUAI — GENDARMES ARGENTINOS OS ASSASSINOS — INDIGNADO O JUIZ DE DIREITO DE SANTA ROSA — NÓDOA NAS RELAÇÕES BRASILEIRO - ARGENTINAS — METRALHADAS AS CASAS DE COLONOS BRASILEIROS

Texto de NATHANIEL GUIMARÃES **Fotos de JUAREZ FLORES**

A zona da fronteira, no Rio Grande do Sul, foi sempre uma região insegura e perigosa. Ali são cometidos os crimes mais torpes com a completa impunidade dos responsáveis, que escapulam através da fronteira, furtando-se, assim, fàcilmente à ação da justiça. A população brasileira, ao longo da fronteira Brasil-Argentina, é na verdade uma população abandonada. Ninguém se acha em segurança naqueles limites extremos da Pátria, distante das grandes cidades e sem proteção policial suficiente. Além disso, a zona fronteiriça não é uma zona calma, pacífica. Muitas vêzes, enquanto a população dorme pacatamente em suas casas, cenas de autêntica barbaria e primitivismo se desenrolam na calada das noites. São os ladrões de gado ou os contrabandistas que, em correrias e tiroteios, vão deixando atrás de si rastros sangrentos e cadáveres, símbolos de um império de terror e insegurança.

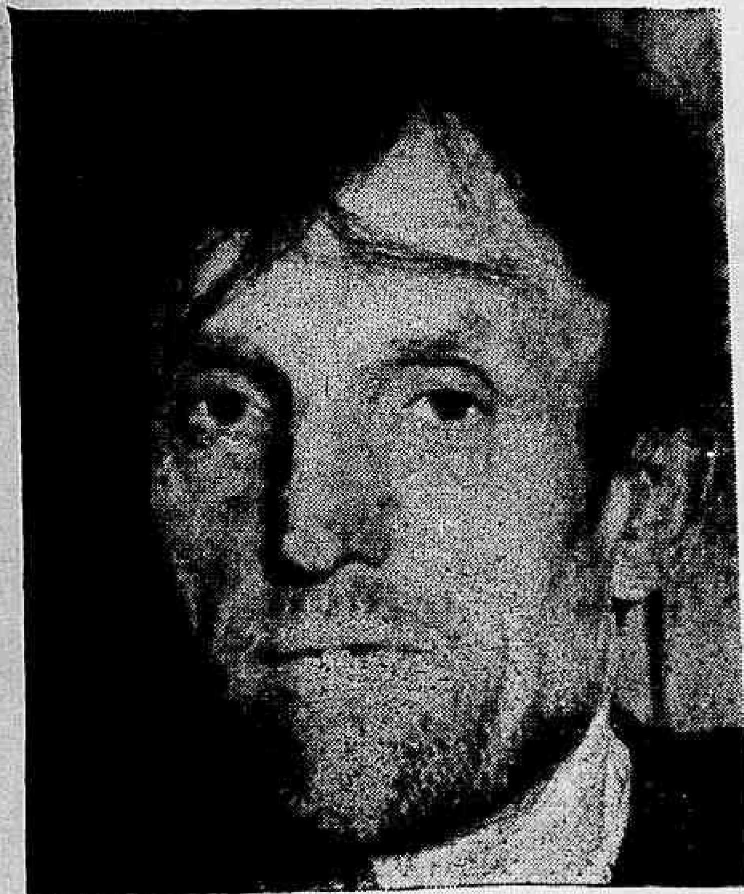
Anos atrás eram os sangrentos conflitos do contrabando de pneumáticos. Depois o pitoresco contrabando de farinha-de-trigo, realizado diàriamente por milhares de brasileiros, feitos verdadeiras formigas, através da Ponte Internacional de Uruguaiana — Libres. E atualmente, — além do sempre receioso trigo argentino, a aguardente e uma centena de outros produtos, formando um contrabando miúdo e constante que toma a forma de verdadeiro "comércio vinculado", — as violências da gendarmeria argentina, assassinando indefesos brasileiros ao longo do rio Uruguai. Êsses fatos lamentáveis, que ocorrem a longo tempo na fronteira Brasil-Argentina, devemos atribuir a uma causa: falta de policiamento no lado brasileiro.



José de Oliveira Freitas — irmão do infortunado Donário — momentos antes de ser ouvido pelas autoridades. Passou quatro dias procurando o corpo do irmão nas águas do rio Uruguai.



Pedro Sousa — companheiro de Donário — teve o chapéu transpassado pelas balas dos argentinos. Salvou-se por verdadeiro milagre. E' bastante conhecido na região como elemento ex-contrabandista.



O colono Fredolino Hiegs foi uma das testemunhas do covarde assassinato praticado pelos gendarmes argentinos. Seu depoimento coincidiu com os prestados pelas demais testemunhas do fato.



O subchefe de Polícia do Estado do Rio Grande do Sul, Dr. Renato Costa, policial encarregado das investigações que se processam, disse em seu relatório: "Foi um crime brutal e selvagem".

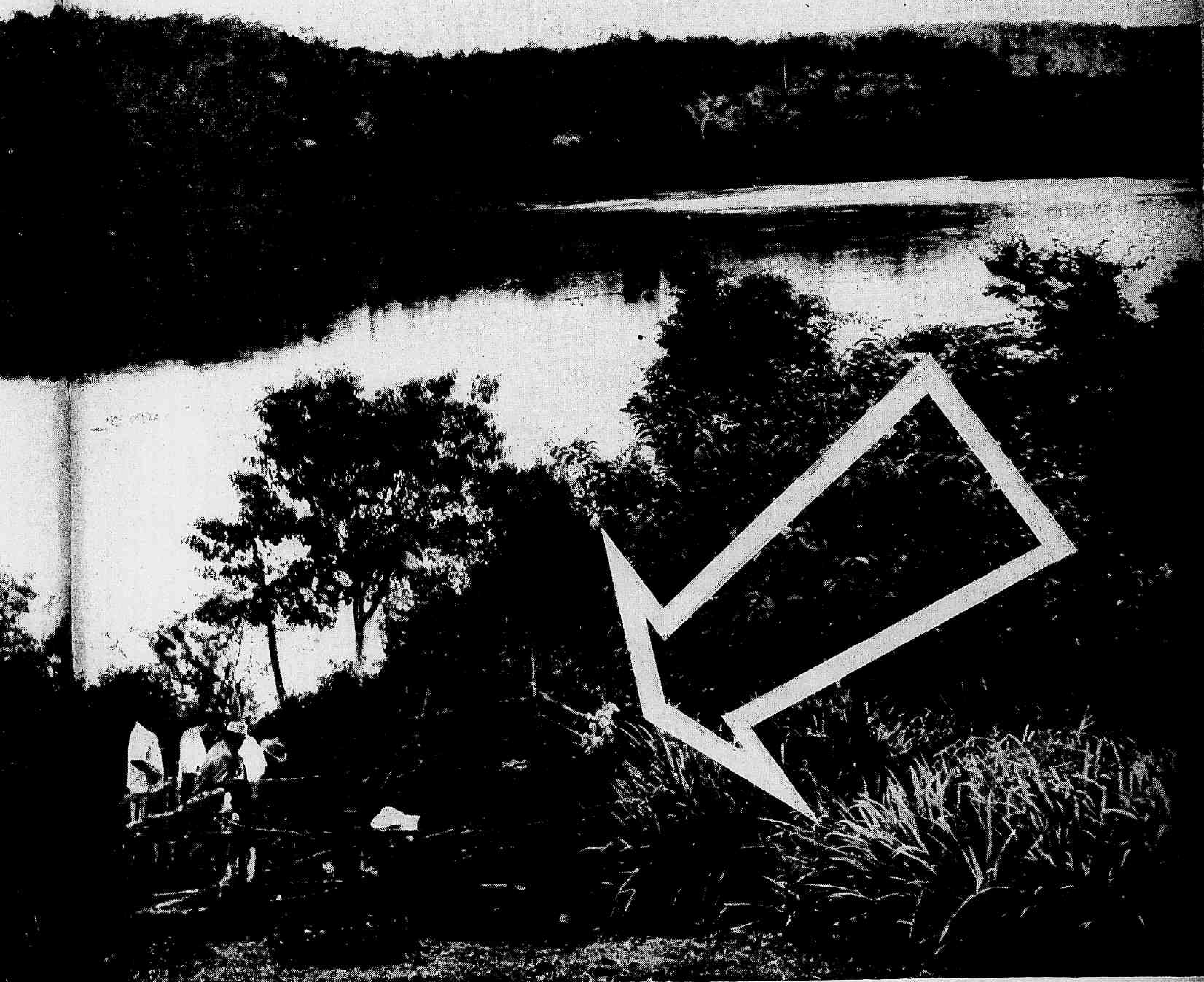


Êste é o legendário rio Uruguai. Suas águas tranqüilas

OS CRIMES DE CANAL-TORTO

Na tarde do dia 17 de maio passado, dois jovens brasileiros, Pedro Sousa, de 26 anos, e Donário de Oliveira Freitas, de 17, davam um passeio de canoa pelo rio Uruguai, à altura do Canal-Torto, no Município de Santa Rosa. Como fizesse certo calor, o jovem Donário, excelente nadador, re
seguia à
Assim,
para o
surpreend
gem do
os joven
misterios
chegou
as água
Pedro S
busca d
furado e
da outra
Momen
sileira a
gentinos,
das águ
noite se
e provid
cortina
margens

CAÇADAS HUMANAS NO RIO URUGUAI



tranqüilas convidam à aventura de um mergulho. Assim pensavam os infelizes metralhados pela gendarmeria argentina. Assinalada, a sepultura de Donário.

dador, resolveu banhar-se, enquanto Pedro Sousa seguia à remo as valentes braçadas do amigo. Assim, afastaram-se em brincadeiras um tanto para o lado argentino. Em dado momento foram surpreendidos por violenta fuzilaria vinda da margem do país vizinho. Surpresos e espantados, os jovens procuraram pôr-se à salvo das balas misteriosas. O jovem Donário Freitas, porém, não chegou a nadar alguns metros e desaparecia sob as águas, varado pelas balas. Seu companheiro, Pedro Sousa, que remava desesperadamente em busca da margem brasileira, teve o chapéu perfurado em vários pontos pelos projéteis vindos da outra margem.

Momentos depois, os moradores da margem brasileira apreciavam, estarrecidos, os gendarmes argentinos, até então ocultos nos matos, retirarem das águas o corpo do infeliz banhista. Como a noite se aproximava, foram suspensas as buscas e providências para aquêle dia. E uma pesada cortina de sombras e silêncio desceu sôbre as margens do legendário rio Uruguai.

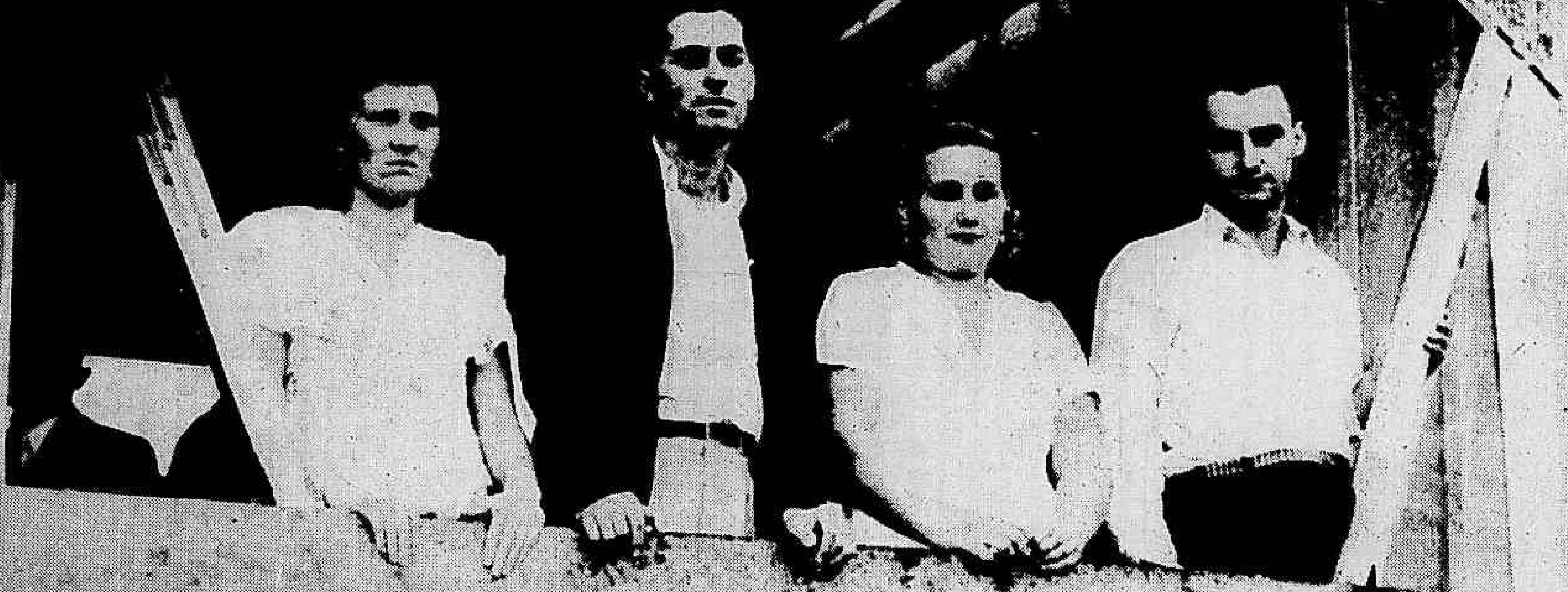
DEPOIMENTOS DRAMÁTICOS

Na manhã seguinte ao assassinato de Donário, José de Oliveira Freitas, irmão do infortunado jovem, juntamente com alguns voluntários, iniciava a procura do corpo de seu irmão. No lado oposto, a gendarmeria argentina apreciava, silenciosamente, as penosas buscas dos brasileiros.

Entrevistado, mais tarde, pelos jornalistas vindos de Pôrto Alegre, José de Oliveira Freitas narrou o sucedido com voz sentida. Estava cansadíssimo, a barba por fazer.

— "Donário era um menino bom — disse. — Não deve ser confundido com um contrabandista. Êstes bandidos, como costumam fazer, vão querer desculpar-se dizendo que êle fazia contrabando. Mas contrabando aqui não se faz à luz do dia. Meu irmão veio de Santo Ângelo, onde reside, para passar uns dias comigo. Não conhecia a fúria dos argentinos e julgava que pudesse tomar banho no rio sem ser agredido. Foi o que êle fêz. Sem nenhuma preocupação, resolveu nadar um pouco. O coitado nem sabia que, ocultos nas barrancas, estavam os assassinos, prontos para roubar-lhe a vida. Quando fui avisado da brutal e covarde agressão procurei imediatamente tomar providências. Em Pôrto Mauá narrei o fato ao comandante do destacamento dos fuzileiros navais. Pedi auxílio. Êste respondeu-me que não poderia tomar qualquer medida sem que eu informasse com certeza o que, de fato, havia ocorrido. Em face disso, sem o amparo da única autoridade brasileira existente nas imediações, resolvi, eu mesmo, tomar a atitude que me cabia: procurar o corpo de meu irmão assassinado. Aproveitando a escuridão da noite fui até a margem argentina a fim de ver se o encontrava. Meu trabalho, porém, foi em vão. Durante os quatro dias que se seguiram, percorri as barrancas e o leito do rio. Os argentinos viam o alarma do nosso lado, mas continuavam quietos. Êles sabiam onde estava o corpo de Donário, mas tinham in-

CAÇADAS HUMANAS NO RIO URUGUAI



Bernardo Smanhoto e seu empregado Bruno Wobto viram, desta sacada, quando o gendarme, do outro lado, abriu fogo.

terêsse em ocultar o monstruoso crime. E o senhor sabe quem achou meu irmão? Foram os urubus. Quando já havia perdido a esperança de encontrar Donário, ouvi alguns tiros do outro lado. Eram os gendarmes que atiravam nos corvos para que êles não denunciassem onde estava o cadáver. Quando percebi o que havia, nadei em direção de um ponto escuro no meio do rio, que mais parecia um tronco de árvore. Era meu irmão que tinha uma enorme pedra amarrada ao pescoço. Retirei o corpo com dificuldade até a barranca brasileira. Ali, juntamente com uns amigos, vimos o furo das balas que o atingiram nas costas. Foi um quadro horrível, que nunca mais esquecerei. Mas os gendarmes não perdem por esperar."



Enquanto corria o tradicional chimarrão, a equipe de investigadores ouvia testemunhas e colhia dados sôbre os incidentes praticados pelos argentinos.

AS TESTEMUNHAS

O crime, cometido à luz do dia, foi presenciado por moradores do lado brasileiro. Há, portanto, testemunhas oculares do bárbaro assassínio perpetrado por elementos da gendarmeria argentina. O jovem Pedro Sousa que, no passado, estêve ligado ao contrabando, jurou estar, no momento da agressão, apenas passeando de canoa com seu amigo Donário. Entrevistado, narrou detalhadamente o sucedido.

— "Fui convidado por Donário para dar um passeio de canoa. Quando chegamos ao canal, à altura de Canal-Torto, Donário resolveu tomar banho. Não vi nenhum preparativo nem qualquer movimento de ameaça do lado argentino. Só me lembro quando começaram a atirar. No momento em que fomos alvejados estávamos mais do lado argentino, pois, como o rio está muito baixo, o canal ora se aproxima da Argentina ora do Brasil. Mas tenho certeza de que fui perseguido até quase à barranca do lado de cá. Isso não me admirou, pois os gendarmes costumam atravessar o rio e vir fazer policiamento no lado brasileiro. Eu fugi de canoa mas meu companheiro tentou escapar a nado. Tive sorte porque êles queriam me matar, tanto prova que acertaram meu chapéu, como se vê. Francamente, eu tenho visto essa gente fazer o que quer aqui neste rincão. Mas o que êles fizeram no pobre Donário foi um crime monstruoso."

Outro testemunho importante é o da família Smanhoto, que assistiu, da rústica sacada de sua residência, às margens do rio Uruguai, ao revoltante ato de banditismo dos gendarmes argentinos. Estava o chefe da família, Bernardo Smanhoto, na referida sacada, quando teve a atenção despertada por disparos vindos da outra margem do rio Uruguai. Entrevistado, declarou o que havia visto.

— "Deveriam ser 17 horas, aproximadamente, quando em companhia de minha família tomávamos chimarrão e ouvíamos rádio no avarandado que dá para o rio e de onde se divisa perfeitamente a costa argentina. Vi quando os dois rapazes desciam o canal, um numa canoa e outro nadando. No mesmo instante observei que um gendarme caminhava lentamente pela barranca do outro lado, dando a impressão de que não queria ser visto. Vi quando êle se ajoelhou e tomou posição para atirar. E ouvi, em seguida, os disparos. Não notei que um dêles havia sido atingido, pois prestei atenção ao que fugia na canoa. Sòmente me certifiquei do crime quando vi um grupo de soldados, cinco ou seis, que tentava retirar do rio o corpo que boiava. Os soldados— concluía o Sr. Bernardo — ficaram naquele local e imediações até o dia seguinte, enquanto o irmão de Donário procurava localizar o corpo. Foi um crime bárbaro praticado friamente."



José Freitas e Pedro Sousa, o irmão e o amigo, contemplam o caixão de Donário, após a exumação do cadáver.

OUTROS CRIMES

O Dr. Paulo Beck Machado, Diretor do Fôro de Santa Rosa, endereçou ao Secretário do Interior do Rio Grande do Sul um telegrama de veemente protesto, assim redigido: "Dr. Egídio Michaelsen. Secretário do Interior. Pôrto Alegre. — Repetindo-se os constantes atentados da Gendarmeria Argentina, dirijo-me a V. Excia. rogando enérgicas providências no sentido de pôr têrmo imediato à seqüência de crimes pela mesma praticados. A gendarmeria, agora, dia primeiro do corrente, entre a Vila de Pôrto Lucena e do Pôrto Vera Cruz, neste município, chamou o nosso patrício, Patronímico ainda por mim desconhecido, e o assassinou covardemente. Os crimes traiçoeiros praticados aumentam e êste é o sexto caso ocorrido na fronteira entre a divisa dêste município. Contando com a pronta e eficaz ação de V. Excia., cumprimenta-o atenciosamente. (ass.) Paulo Beck Machado, Juiz de Direito, Santa Rosa". A êste telegrama o Secretário do Interior respondeu prometendo imediatas providências junto à União e o envio de alguns destacamentos da Brigada Militar, bem como uma estação rádio-emissora em Pôrto Xavier, localidade fronteiriça. Como pode verificar-se, não foram apenas os crimes de Canal-Torto que vieram trazer uma situação de sobressalto às populações junto à fronteira. Há vários outros crimes praticados. Sabe-se, por exemplo, que nos últimos três anos foram eliminados cinco gendarmes argentinos e que o contrabando, atividade ilegal da fronteira, vem sempre sendo feito e semeando mortes e violências. Por tudo isto, verifica-se fàcilmente a necessidade de uma ação conjunta dos dois governos com o fim de, mediante um acôrdo, dar combate às bem organizadas quadrilhas de contrabandistas tanto de um lado como de outro. Além disso, um acôrdo sôbre o policiamento da fronteira evitaria as naturais desavenças surgidas ao longo da linha de fronteira, evitando-se, assim, maiores conseqüências.

Com o recrudescimento dos crimes, das violações do território brasileiro, dos espancamentos bárbaros e do império do terror na zona fronteiriça, apresentou-se aos olhos das autoridades a razão principal dêste lamentável estado de coisas: a falta de policiamento. As fronteiras do Brasil estão desguarnecidas.

O CRIME IMPERA NA FRONTEIRA

O capitão reformado do exército, Luís Berbigier, agricultor naquela zona, prestou às autoridades importante depoimento sôbre a situação na região fronteiriça. Pessoa esclarecida, o Sr. Luís Berbigier pintou o quadro de tristeza e abandono em que se encontram as costas brasileiras do rio Uruguai. Narrou inúmeros crimes, assassinatos e contrabandos que colocam a população em permanente sobressalto. Falando aos jornais aquêle antigo militar disse:

— "Êsses fatos lamentáveis ocorrem pela ausência completa de um policiamento do lado brasileiro. No distrito de Alecrim, com mais de 40 quilômetros de costa, existem apenas duas praças, que não dispõem de qualquer meio de comunicação, nem mesmo cavalos. Que podem fazer êstes homens? Que respeito podem impor diante de uma fôrça organizada do lado de lá

(Cont. na pág. 47)



Quando o irmão da vítima concluiu sua narrativa, um pesado silêncio envolveu os policiais e os jornalistas. José olha com desdém para o lado argentino.

SEMANA LITERÁRIA

UM AUTOR

MARCEL ARLAND



A Academia Francesa vem de conceder a Marcel Arland o "Grande Prêmio de Literatura". Essa láurea vem coroar — como já foi comentado — trinta anos de uma superior atividade literária e romancista, ensaísta, crítico, contista que tudo tem sido Marcel Arland. O laureado da Academia se iniciou de fato em 1922, publicando na N.R.F. um artigo famoso sôbre "Le nouveau Mal du Siécle". Desde então, êsse operoso escritor não teve uma interrupção na sua obra. E, em 1929, levantava o Prêmio Goncourt, com seu romance "L'Ordre".

Nascido em Verennes em 1899 conta Arland, atualmente, cinqüenta e três anos. A crítica viu nele uma vítima da função de... crítico. De fato, constatou, com um pouco de má vontade que, exercendo a crítica permanentemente, Arland revelara em seus romances muitas influências de autores lidos. Assim, marca-se melhor — é uma opinião — nos contos. E Marcel Girard afirma dêle que é — "un excellent ouvrier des lettres françaises". E' curioso observar que Marcel Arland sempre teve em pequena conta os prêmios literários e, particularmente, os da Academia. Menos combativo, hoje em dia que, aos lados da fronte larga, os cabelos começam a grisalhar, aceitou com certa alegria ingênua êsse grande prêmio. Conta o noticiário que a nova lhe chegou à sua residência de Brinville, no momento em que trabalhava ao ar livre o estudo que dedica a Baudelaire. Seu comentário não deixou de ser um tanto irônico:

— Já esperava isso, um acadêmico me contou...

Na oportunidade, Arland assegurou que os prêmios literários não devem ser procurados, mas que é de bom tom aceitá-los, se são oferecidos... O importante, afirmou ainda, é que os prêmios não influam, nem antes, nem depois, sôbre o autor e sua criação. E Arland recordou seus começos, a estima de Gide, que gostou de seu romance "Terres Etrangères" e o tornou conhecido... O aprêço de Valery Larbaud que fêz a primeira crítica de sua obra.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Noêmia de Azevedo, que participou da primeira Exposição Paulista de Poesia Ilustrada (1948) e da primeira Semana do "Novíssimo" (1949), ambas organizadas pelo poeta Reynaldo Bairão, acaba de lançar o seu primeiro livro de versos, intitulado: "Cântaro Aberto". Trata-se de uma poesia simples e humana, onde a feminilidade é a sua mais intensa característica.

★

São Paulo atravessa uma face de conferências e cursos. Renato Almeida e Cecília Meireles realizaram conferências patrocinadas pelo Clube de Poesia, versando sôbre assunto de suas respectivas especialidades. Guilherme de Almeida, na Faculdade de Direito, pronunciou viva palestra sôbre "A musa do cancioneiro". Miguel Reale apresentou interessante tese sôbre "As diretrizes do pensamento contemporâneo". Walter Gieseking realizará agora em princípios de julho um curso de interpretação da obra de Claude Debussy, idêntico aos já realizados nas Universidades de Tucuman e Montevideo. O referido curso do célebre pianista alemão será patrocinado pela Pró-Arte.

★

Walter Lewy, conhecido pintor surrealista, está expondo os seus últimos trabalhos no salão do Clube dos Artistas e Amigos da Arte. Walter Lewy parece ter abandonado o surrealismo, pois está visìvelmente interessado em experimentações abstratas...

★

Dando cumprimento aos seus objetivos culturais, a Câmara Brasileira do Livro, com sede nesta Capital e tendo como presidente Hernani Seabra, acaba de instituir três prêmios anuais, a serem distribuidos a partir dêste ano. São os seguintes:

"Prêmio ao Escritor ou Jornalista que melhor contribuição prestar à Campanha do Livro", no valor Cr$ 10.000,00;

"Prêmio de Literatura", a ser distribuido anualmente, em rodízio, a livros de poesia, romance, contos e ensaio. Neste ano, o gênero escolhido foi poesia. Êsse prêmio monta a Cr$ 20.000,00;

"Prêmio Artes Gráficas", destinado ao livro de melhor apresentação gráfica aparecido até o dia 10 de novembro de cada ano. O prêmio consiste num bronze simbólico.

Os interessados poderão obter informações mais pormenorizadas na secretaria da Câmara Brasileira do Livro, à Rua Xavier de Toledo, 114, quarto andar, sala 406, São Paulo.

Fora do Prelo

● CENAS DA VIDA INDÍGENA

Curioso: à medida que o homem avança em sua marcha permanente de civilização, mais se interessa pelas coisas e pelos sêres que lhe recordam o passado, os estágios dos avós, os primitivos parentes. Daí a simpatia com que vem sendo acolhida a indiologia das Edições Melhoramentos, a que pertencem: "Terras e Índios do Alto Xingu", de Manuel Rodrigues Ferreira; "Uoni-Uoni conta sua história", de Mário Baldi; "Histórias dos meninos índios", de Hernâni Donato; "Índios de Mato Grosso", de Erich Freundt; "Índios e sertanejos do Araguaia", de Haroldo Cândido de Oliveira; "Índios do Brasil", de Renato Sêneca Fleury (autor da biografia de Anchieta, naturalmente ligada ao assunto); "Uma excursão entre os índios do Brasil", certame educativo; e, agora "Cenas da vida indígena", do engenheiro Manuel Rodrigues Ferreira, já citado. E' um álbum, luxuoso e bem legendeado dos silvícolas do Xingu. "O etnólogo encontrará nessa obra esclarecimentos acêrca de casas, canoas, armas, adornos, instrumentos de música, rêdes de dormir, cerâmica, fiação, fabricação de remos, preparo de farinha, lavoura e pesca, danças e jogos", lembra Herbert Baldus. Todos, aliás, acham atração e fontes de ensino admirável — entre o passado e o presente — nas páginas de "Cenas da vida indígena".

● FATOS QUE PAPAI NARRAVA

Dedicado aos seus sobrinhos, publica o escritor Edison Ruivo de Sousa êste opúsculo em que recapitula fatos contados por seu pai. E' uma série de historietas, casos, que nos recordam o meio paulistano desde o século passado. Estas histórias, conservadas na tradição oral, narradas nos serões familiares, ganharam na maneira singela de contar do autor que agora as encerra nesta obra, pois nos comunicam com acontecimentos do passado e têm, com seu toque de fantasia, um delicioso saibo de velha crônica de fatos.

● A RUA DA MINHA CASA

Em edição Pongetti, aparece êste livro de poemas de Maria Cardoso e Resende de Castilho. Trata-se de uma poesia despretensiosa e, como indica o título do livro, feita de cotidiano e de simplicidade. A poetisa encontra os seus temas ao sabor do acaso e, assim, varia sua poesia que vai dos acontecimentos mais insignificantes aos mais altos. Ela possui ainda, para enriquecer-lhe o lirismo, um sentimento de humor que não raro aponta, quebrando a severidade dos versos e da inspiração, como um garôto que, justamente, passasse pela rua de sua casa, cantando um estribilho brejeiro.

● O PINTINHO VADIO

Da influência da literatura infantil na formação de sentimentos e caracteres todos sabem. Sem exageros, podemos atribuir-lhe parte considerável na educação dos garotos. Além do mais, cabe assinalar o aspecto artístico dos livros, que aprimoram o senso de côres e de proporções do pequeno leitor. Atendendo a todos êsses fatôres, as Edições Melhoramentos vêm estampando a Coleção Primavera, à qual pertence êste volume 25, "O pintinho vadio".

De autoria de Gilda Figueiredo, com ilustrações de Hilda Bennett, aliás atraentes, "O pintinho vadio" é uma historieta simples e natural, que ensina, sob a capa de brincadeira, alguma coisa útil à gente de palmo e meio.

Notícias de São Luís

OS escritores da nova geração maranhense estão entusiasmados com o plano editorial de Lago Burnett, que vem de comprar um prelo manual, com o qual pretende lançar obras de seus colegas inéditos. "Afluente" (assim se chamará a editora, em homenagem à revista dêsse nome, que era dirigida por Burnett e Gullar) abrange uma série de exelentes trabalhos a serem lançados, entre duas coleções distintas: uma, de autores maranhenses; outra, de autores maranhenses sôbre o Maranhão. Para a primeira, estão programados livros de Carlos Madeira, José Sarney Costa Evandro Sarney, Bandeira Tribuzi (poesia); Lucy Teixeira, Luís Machado (contos); José Bento Nogueira Neves (teatro); Antônio Luís Oliveira (ensaios); Domingos Vieira Filho (folclore) e J. Figueredo (xilogravuras). Na segunda coleção, "Cadernos da Ilha", o autor de "O Ballet das Palavras" tem, em vista, os seguintes lançamentos: "Roteiro Sentimental e Histórico da Cidade de La Ravardière", guia organizado por Domingos Vieira Filho, em colaboração com Lago Burnett; "Cancioneiro da Ilha", antologia de poemas de inspiração regional; "O Touro Selvagem", peça teatral, em versos, de Bandeira Tribuzi, baseada numa lenda local; "Cantigas", seleção de músicas de Antônio Vieira e um guia turístico, com fotografias artísticas de Dreyfus Azoubel. "Afluente" pretende lançar, também, alguns trechos seletos de Lautreamont, em tradução livre de Ferreira Gullar. — "Tudo isto, porém (declarou em recente entrevista a um diário sanluisense, o poeta-editor Lago Burnett) só será conseguido com o apoio do Govêrno do Estado e a colaboração do presidente da Academia Maranhense de Letras, pois essa Casa, como é sabido, possue uma verba anual de Cr$ 150.000,00 para a publicação de obras de maranhenses. E não será injusto que nos cedam uma parte".



RAUL DEVEZZA NO MARANHAO — Antes de perder a vida num acidente em Manaus, estêve Raul Devezza em S. Luís da Maranhão, onde realizou exposição de seus quadros e visitou os lugares pitorescos dali. Na foto, Devezza (de boina) entre Paiva Filho e Ambrósio Amorim, na Ponta d'Areia, São Luís.

Notícias do Recife

A EDITÔRA "Região" vai lançar, dentro de poucos dias, o livro de Evaldo Cabral, jovem sociólogo que estreará com um importante estudo sôbre sua terra.

★

PREPARA-SE o contista Mauritônio Meira para visitar São Paulo, no próximo mês. O poeta Cezário de Melo, também, deverá seguir, nessa época, como presidente de uma embaixada de escritores infanto-juvenis.

★

ESTÁ SENDO aguardado, nesta capital, dentre êstes dois meses, o poeta maranhente Lago Burnett, o qual, a convite de amigos intelectuais do Recife, pronunciará uma conferência, no Departamento de Cultura.

★

GILBERTO FREIRE já entregou os originais de um seu ensaio que será publicado pelos jovens editores de "Região".

SÉCULO E MEIO DO NASCIMENTO DE VITOR HUGO



A propósito do 150º aniversário do nascimento de Victor Hugo, muitas foram as comemorações efetuadas na França e fora dela. Entre o que de melhor se realizou, para lembrar o mestre imortal, se insere a contribuição do cinema. «Les Films du Compas», de Roger Leenhardt, realizaram uma película muito interessante, da qual consta êste retrato do poeta, ainda adolescente, e impresso no frontespicio de uma de suas primeiras edições.

UM LIVRO

PAÍS DAS ÁGUAS

HÁ precisamente um ano, registavamos nesta seção o aparecimento dêste livro de contos: "País das Águas", de Manoel Ferreira. Hoje voltamos a êle, depois de uma releitura mais detida, feita por simples prazer e que estamos realizando das obras que nos pareceram dignas de guardar para um momento de folga. A escolha de "País das Águas" nós a devemos a uma sugestão de Antônio Olinto que se estendeu, justamente, na apreciação do livro de estréia do novo escritor mineiro, merecedor de maiores estímulos e diante do qual a crítica se manteve de uma sobriedade desconcertante. Mais, ignorante.

Essa sobriedade pode ter vários motivos. Cremos que a originalidade do contista foi uma delas. O nome novo do autor foi outro. Finalmente, temos a considerar a apresentação gráfica do livro, muito pobre de advertências e com uma capa que assusta um pouco ou, pelo menos, nos previne contra a obra.

Dirão talvez que, conforme a velha advertência, não devemos julgar os livros pela encadernação. Sim, realmente, não é o processo bom. Entretanto, a simpatia por um livro, a descoberta de um autor vêm muito da apresentação de suas obras. Se isso não acontece com um autor consagrado, no caso dos novos autores é exatamente o que se verifica. Êste livro, por exemplo, gràficamente não deve ter dito nada aos seus leitores. Nós o tomamos com desconfiança. E, se não fôsse uma citação de Valéry, no pórtico do conto "As Invenções", possivelmente não leriamos o livro — perdendo o encontro de um moderno contista dos mais originais e dos mais vivos.

Realmente, "País das Águas" — título do primeiro dêstes contos — é um livro que aproveitando o que de melhor nos legou o surrealismo, se realiza inteiramente no mistério poético e nos descança da náusea das letras contemporâneas, do realismo metafísico mais recente. E' de novo o mundo de Kafka, melhor, o mundo dos poetas da mais alta categoria angelical, o ambiente, a atmosfera do lirismo chariano de "Artine", por exemplo. Os contos de Manoel Ferreira estão na linha das narrativas sonambúlicas de Kafka e têm aquêle humor satírico, às vêzes, a anedota sarcástica de Marcel Aymé. Mas, tudo isso, tôdas essas referências ocasionais estão apenas marcando a linhagem do contista brasileiro: não há influências dessa gente, nem substanciais, nem técnicas. Talvez Manoel Ferreira ignore mesmo êsses ou alguns dêsses autores que são membros de sua família intelectual. A influência, se assim se pode dizer, que encontramos em seus contos é a de Carlos Drummond de Andrade. Porém é uma influência diluida, uma espécie de pura simpatia do autor pelo poeta que atingiu tão profundamente o mistério onírico, "la vie inexprimable", da adesão de René Char.

*Foi antigamente que não se podia falar de poesia aos prosadores e de prosa aos poetas. Hoje, entretanto, essas fronteiras estão suprimidas. Mòrmente no caso do conto e de um conto como êste aqui em que a supressão da realidade temporal e especial, que lhes serve apenas como aferição, nos situa logo dentro de uma nuvem mítica, num mundo liberto de tôda medida. E nos arrasta por sua extraordinária fôrça a essas paragens de nuvem, familiarizando-nos com seus horizontes sem limites. Todo lugar feito à imaginação, o criador usa da ordem lógica como de uma catapulta: daí, atira seus personagens para as regiões infinitas, mergulha-os num mundo especial, onde tudo não é **ORDEM E BELEZA** — mas certa ordem íntima, certa beleza interna, ordem lírica, beleza imponderáveis, nascendo das entranhas dos acontecimentos dos heróis, e não da fugaz aparência das coisas e dos sêres. Alguns títulos dos contos de "País das Águas" poderão sugerir ao leitor o que lhes queremos dizer deste livro: "Suicídio na rosa", "O matador da esperança", "O homem que procurava", etc. Se o leitor já estêve alguma vez diante de uma tela de Dalí ou de Tanguy, saberá como vai se sentir diante dêstes contos: inteiramente fora de casa. E essa ausência nossa que nos proporcionam os contos de "País das Águas" — eis o que têm de melhor. Aqui, como no pensamento de Char — "o homem fogé à asfixia"... e não só o homem, mas os animais, as flores, os objetos, as paisagens. Tudo não está: vem a ser.*

Edmundo Lys

UM PRÍNCIPE EM MINHA VIDA

Novela de MICHEL DAVET

E pouco a pouco as vozes se elevavam de todos os lugares como se elevassem preces à noite. Vozes que subiam as ravinas, estrangulavam-se de encontro aos rochedos, gritando de alegria nos recantos solitários, por vêzes semelhando a gemidos e a prantos. Suspiros de aves tristes entre dois sonhos. Nas épocas de estio, as noites eram como sêres loucos, multidões de mistérios.

Eu acreditava em fadas, como acreditava na Santa Virgem. Manoue me contava, durante a noite, histórias surpreendentes, nas quais os heróis se agitavam em minha vida calma como amigos muito próximos, com seus trajes de ouro, colares de diamantes, espadas refulgindo na monotonia de nosso recanto. De noite eu via coisas maravilhosas nos tições acesos sob a marmita, coisas lindas como jamais ninguém houvera visto, nem por pensamento, nem por idéia. E eu ouvia as histórias de Manoue, com todo o respeito, a sonhar. E ela dizia: "Era uma vez, uma princesa muito loura, de cabelos côr-de-sol, brilhantes como fios de mel..."

Malique, sentado sôbre um depósito de sal ao fundo da salinha, parecia sonhar com alguma coisa, os braços cruzados, o olhar distante. Êle, da mesma forma que eu, sentia pela nossa Manoue uma afeição profunda, verdadeira devoção de alma agradecida. Manoue, tôdas as noites, à mesma hora, nos contava histórias prodigiosas. Muitas vêzes, à medida que eu ia crescendo, eu contemplava minhas tranças negras com afeto, preocupada, esperando a vinda do meu príncipe que devia estar a caminho.

Depois de contar-nos histórias de coisas antigas, logo que o relógio dava as nove badaladas, Manoue se calava, cobria a cabeça. Eu olhava o baixar de suas pálpebras como duas fôlhas sêcas, sem côr, que se colocavam sôbre os seus olhos pálidos. Eu sabia que ela orava para dentro de si mesma, sem fazer qualquer ruído de palavras, e na prece a gente se eleva muito acima das coisas. Eu a deixava orar, procurando adivinhar por entre seus lábios murmurantes os segredos que ela dizia a Deus e que muito me irritavam, pelo fato de não poder ouvir nada.

Os últimos lampejos do fogo faziam dançar as brasas na placa de cobre, com os tições formados em batalha. A um lugar qualquer próximo de nós, um animal faz ruído, o que chega a acordar anossa gatinha, que abre um ôlho, ali na sua cama entre cinzas. Lentamente, as últimas brasas se desfazem como os meus castelos de ouro. Kisette, quase majestosa, ergue a cabecinha, boceja molemente e volta a dormir.

— Santa Maria! Santa Mãe de Deus!

Era Manoue que quebrava o silêncio, assustando-me a repetir estribilhos de sua litania noturna, como se voltasse à terra. Ao ver-me perplexa, sorria com o seu bom sorriso, como alguém que estivesse muito longe e que voltasse novamente à vida neste mundo.

Nós respondíamos por simples hábito, tontos de sono, automàticamente, satisfeitos por aquêle bem-estar ambiente, como se estivéssemos animados por aquelas invocações monótonas, cantantes, consoladoras, seguindo pela estrada de luz que leva ao paraíso.

Algumas vêzes, Manoue, em plena oração, como que se se lembrava sùbitamente de alguma obrigação e interrompia a prece, dirigindo-se a Malique:

— Não se esqueça de botar a vasilha do leite lá na janela!

Malique não podia reter o riso, ocultando o rosto entre as mãos espalmadas, para que ela não visse. Eu ria também até não mais ter fôrças para tanto. O sono se espantava um pouco com isso, mas voltava a minha cabeça a oscilar, procurando apoio nalguma parte da parede. Logo que a oração terminava, eu tonta de sono, quase a sonhar em meio daquele murmurar de preces, não sabia quando tinha que dizer "amém", e dizia "ainda", até que Malique pronunciava a palavra salvadora, "amém", e se erguia calçando os seus tamancões.

Em seguida êle recobria o fogo com a camada de cinzas, pegava-me como se eu fôsse uma gata, embrulhava-me no largo chale de Manoue e me acomodava ao leito. Nosso quarto era uma grande peça de tijolos já desbotados pelo sol, tanto pela ação das águas, como pelos anos.

Das armações pendiam fôlhas de fumo que, de noite, pareciam asas abertas de pássaros negros e grandes, prontos a nos envolver.

O leito de Manoue era muito alto, e, para que ela o alcançasse, era preciso trepar-se a uma cadeira. Parecia, quando deitada nesse grande leito, uma boneca de madeira com os cabelos divididos sob um boné de fitas. À luz da lua branca, os desenhos de sua coberta pareciam dançar, e nada era capaz de perturbar o seu tranqüilo sono.

Eu dormia sôbre um colchão cheio de palha de milho, a chiar cada vez que eu movia com um braço ou com uma perna, ou quando eu me encolhia como um gato friorento.

Antes de ferrar no sono eu costumava olhar para o reflexo pálido da noite enluarada a cair pela chaminé. E pensava se um anãozinho misterioso não iria aparecer, de um momento para outro, por entre as cinzas. Não iria uma estrêla desgarrar-se do céu e vir diretamente cair entre as cinzas do fogão?

E quando o relógio dava as dez horas, meu pensamento se ensombrava. Aquelas horas longas soavam a meus ouvidos como se fôssem uma canção: "Tarde... é tarde... muito tarde... eu durmo... eu durmo... durmo..."

No celeiro, sôbre nossas cabeças, os morcegos faziam a sua festa. Gritavam como se estivessem a discutir os problemas de sua habitação coletiva, outras vêzes semelhavam a exclamações de festas, felizes pela boa colheita de trigo de que dispunham. O ar frio da noite entrava por debaixo da porta.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Bertille era uma criança órfã, que vivia em companhia de sua tia Manoue. Com êles vivia, desde muito, Malique, filho adotivo de Manoue, mulher rústica, de bom coração, proprietária de pequena fazendola do interior da França. Bertille, porém, apesar de seus dez anos de idade, já começava a ter sonhos de moça, a pensar no futuro. Malique a adorava, e ela muito ajudava nos trabalhos caseiros e do campo.

CAPÍTULO III

Nenhum ruído quebrava a calma dos caminhos. No céu amarelado a lua ainda se via. Ao longe, numa sombra violeta, quase côr-de-rosa, dos lados em que nascia o sol, as cabanas pareciam encolhidas de sono, e nesse grande silêncio irrompia o primeiro canto dos galos.

Meus tamanquinhos matraqueavam sôbre as pedras, e se a porta da granja se abria sùbitamente com o seu ruído de correntes e de ferrolhos, eu corria para amolar Malique, ainda carregado de sono e mal penteado. Então eu o seguia docemente para os lados do poço, apenas pelo prazer de ver sua cabeça avermelhada mergulhar num só pulo na água gelada, e reaparecer cheia de caretas, a escorrer pingos como um cachorro molhado. Então eu ria fortemente, embora tremesse também.

À porta do curral eu ouvia o barulho das ovelhas e carneiros que baliam ao ouvir o ruído dos meus tamancos. Êles nunca se enganavam. Já me conheciam, de longe. Corriam para a porta de saída, em massa compacta. Ao retirar os paus da porteira, era preciso que eu me afastasse convenientemente, a fim de não ser arrastada pelos animais que corriam e pulavam como loucos.

A essa hora matinal o frio nos picava como em tempos de inverno, mas se ia desfazendo pouco a pouco, e o nevoeiro úmido chegava sùbitamente sem que se soubesse como, parecendo uma fumarada a irromper da relva. Então, lá do seu leito de rosas, o belo sol se erguia. Quando êle subia majestoso por detrás das colinas e por sôbre as florestas, com os véus estendidos da côr-de-fogo, eu lhe fazia a minha reverência, marchando para êle como se o fizesse diante de um Soberano. O sol me abraçava entre os seus braços de ouro, e sua carícia me aquecia até ao coração. A relva se desabrochava em florinhas de cálices delicados e coloridos, e eu fazia meus discursos às borboletas. Tôda a minha infância foi uma vida de liberdade, ao ar-livre, de luz. Mas minha infância passou.

Um dia eu fui à aventura, procurar cogumelos ao fundo de uma grota que nós possuíamos. E êsse dia marcou uma data inesquecível em minha juventude e por tôda a minha vida. Trata-se de um recanto selvagem, onde havia anos e anos, ninguém havia ido, lugar sombrio e deserto. Pois foi ali que eu me perdi. Meu vestido se agarrou ao mato, era açoitada pelos ramos das moitas e minhas pernas ficaram cheias de marcas ardentes.

Depois de muita luta para libertar-me daquela prisão entre vegetais, andei e me vi, de súbito, numa clareira onde havia violento perfume de flores selvagens, de erva molhada, de ar tépido. Eu, cansada, estendi-me sôbre a relva e adormeci, procurando proteger-me contra os mosquitos que esvoaçavam como pós de ouro.

— Hei, você aí, beleza! Dei-lhe permissão para vir dormir em minhas terras?

Eu quis erguer-me e endireitar-me, procurei abrir os olhos, mas senti a mais intensa luz do sol sôbre mim. Com os olhos fechados, eu não tinha fôrças de pensar, nem de entender as palavras que alguém me dirigia com uma voz desconhecida:

— "Eu sou o pequeno Príncipe Serge. Feche os seus olhos. Não gosto que me olhem."

Senti que sua mão pousava sôbre minhas pálpebras. Percebi também que uma outra mão muito suave e meiga me acariciava os lábios e eu recebia um beijo, um pequenino beijo quente. Depois tudo desapareceu e eu fiquei

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



com um gôsto esquisito e gostoso na bôca, um gôsto de inexplicável perfume, de misturas misteriosas. Senti então o mais terrível dos medos. E grande vergonha. Não podia levantar-me, nem fugir. Tinha receio de encontrar novamente aquela visão. Mas êle havia partido. Eu ouvira o estalar dos ramos. Então eu tratei de ir-me embora. Não havia em volta senão as sombras azuis do crepúsculo que se aproximava. Ao chão divisei pequeno bastão de madeira que êle deixara ao retirar-se.

Quando eu cheguei a casa, estava ansiando e cansada. Ao ver-me em tal estado, Manoue ergue os olhos aos céus e ralha comigo. Veio a noite. Sentada ao fundo do alpendre, pela primeira vez eu me senti entorpecida, morna, sem consciência, enquanto diante da porta Manoue gritava e gritava pedindo que eu entrasse.

Mil pensamentos confusos turbilhonavam em meu cérebro, agitando-se, misturando-se, confundindo-se, fugindo e voltando novamente, e eu sentia em meu coração uma espécie de cólera, de tristeza e de febre.

— Ah! Um príncipe e um beijo!

Eu jamais tinha sonhado com uma coisa destas. Eu adorava os contos de Manoue porque êles narravam tanta história bonita, porque eram cheios de encanto, de iluminuras e de surprêsas. Eu adorava os príncipes com suas espadas reluzentes, e Manoue me dizia que um dêles, o mais belo e fascinante, um dia vinha ver-me e amar-me.

Malique erguia os ombros:

— Não é preciso enganá-la assim. Ela podia crer nisso e tornar-se triste.

— Eh! Eu não a estou iludindo, não! — respondia Manoue a pentear-me as tranças negras. Se ela vier a amar um belo camponês, algum dia, ela o achará tão belo como um príncipe. Você não sabe o que é o amor, meu filho. O amor faz grandes coisas!

Eu também acreditava nisso, esperava o meu príncipe, e não duvidava, de maneira alguma, da opinião de Manoue. E era tranqüilamente, sem preocupações, sem sonhar acordada, sem pensar nisso excessivamente, satisfeita com a minha vida em companhia de Manoue, a alimentar nossas criações domésticas, vestindo minhas roupas de côres vivas, que eu me julgava, verdadeiramente, num palácio de ouro. E eis que, sùbitamente, num instante, o sonho da infância tranqüila, maravilhosamente concebido, se converte em realidade e o meu príncipe surge tão cedo ainda, o príncipe que me idolatrava, e eu me transportava ao paraíso da felicidade, com uma alegria indescritível, sem que eu tivesse ânimo de declarar o que sentia aos que me cercavam.

(Continua no próximo número)

Aventuras do Capitão Rob

Uma Aposta Temerária





25 A luta a bordo do "Memphis" entre os nativos Canacks e o pessoal de Larry prosseguia violenta. Os atacantes eram inimigos de Larry e de seus comparsas, mas Jojo era homem de grande fôrça física e não tardou a vir em socorro do patrão, afastando os inimigos. Êle procurou saber da parte de quem êles vieram atacar o barco de Larry, mas os assaltantes conseguiram fugir. O barulho a bordo do "Memphis" chegou aos ouvidos de Rob, que, subindo ao convés do "Liberty II", assestou o binóculo para lá, procurando descobrir o que se passava. Como precaução, armou-se e aguardou.





26 Rob decidiu ir até ao "Memphis" para informar-se do que se passava e ajudar os que estivessem sendo atacados. Ao chegar ao costado do veleiro de Larry, ainda viu quando Jojo arremessava às águas um dos atacantes. "Que se passa aqui?" — pergunta. Larry procura explicar que foram nativos larápios que assaltaram o barco com intenção de furtar. "Por que não comunica o caso à autoridade policial da ilha?" — sugere Rob. Mas Larry dá de ombros. Rob passa os olhos em derredor. Só havia desordem em tôrno. A luta fôra terrível. "Êsse Larry é mesmo um sujeito estranho", pensa Rob.





27 No dia seguinte, muito cedo ainda, Larry sobe à coberta. Toma do telescópio e olha para o barco de Bjorn. Êle estava precisando engajar um marinheiro, pois estava com o braço acidentado e não podia trabalhar. Larry vê um "cara nova" seguindo de bote para o "Viking". Quem seria? Pensou em Bill, seu desafeto; mas Bill não tinha barba, nem bigode. Contudo, Larry, bastante desconfiado, seguiu o roteiro do suspeito e viu quando êle se dirigia à praia. Foi-lhe nos passos, cada vez mais convencido de que se tratava, exatamente, de Bill, disfarçado. E Larry aguardou a oportunidade.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA: — Depois de ter andado em várias aventuras perigosas pelos mares da China, em companhia de duas jovens, Marga e Willy, o Cap. Rob ganha uma regata em S. Francisco e entra numa disputadíssima travessia entre a América e a Europa, pelos mares orientais. Êle consegue chegar em primeiro lugar em Honolulu, a etapa inicial. Contra êle está conspirando Larry, indivíduo de maus costumes e que pilotava o barco "Memphis". Larry deseja, por todos os meios ilícitos e criminosos, evitar que o iate de Rob continue a prova, pois seria o vencedor do prêmio de 500 mil dólares oferecido pelo milionário Brookfeller, que também estava competindo. Larry, aliado a dois indivíduos perigosos, já havia incendiado um iate da competição. Também incumbira outro comparsa de inutilizar o "Liberty II". Enquanto isso, as duas amigas de Rob chegam a Honolulu na lancha "Pandora". Ao partirem, Rob estabelece uma rota mais longa, porém que os livrava das calmarias de certas zonas daqueles mares.







28 Bill sobe a uma pequena elevação e se senta na relva imaginando um novo plano para alijar Larry da competição. Êle não lhe perdoava a surra que lhe aplicara a bordo do "Memphis", e só pensava em vingar-se. Bill desejava também apoderar-se do barco do seu desafeto. Estava arquitetando outro ataque a Larry e sonhando com o prêmio de 500 mil dólares, quando ouviu ruído atrás de si. Mas já era tarde. Larry se atirou contra êle, domincu-o e arremessou-o no abismo à beira-mar. Era o fim de Bill — pensou Larry. E, sacudindo o pó das mãos, murmurou: "Não me amolará mais"







29 Mas Bill fôra um sujeito de sorte. Ao invés de cair sôbre as pedras ficou enganchado no galho de forte árvore, balançando sôbre o precipício, desacordado ccm o terrível choque. No dia seguinte dois camponeses foram encontrá-lo naquela posição estranha. Com muito trabalho, os pastôres da ilha o retiraram, reanimando-o. Recuperando os sentidos, Bill agradeceu o socorro. Olhou para a baía e viu o barco de Larry, ainda ancorado. Fechou os punhos com a maior ira dêste mundo, resmungou os maiores desaforos contra o inimigo. Os camponeses ficaram intrigados com o fato.







30 Nesse ínterim chega ao pôrto o último barco que faltava: o "Laura", do milionário John Brookfeller. Estava atrasado. Rob, entre o bom-humor de todos e a boa disposição desportiva de John, que não se abatera com a derrota nessa segunda etapa, sugeriu: "Mr. Brookfeller, até agora temos tido bom tempo. Mas não sabemos o que nos espera. Acha que devemos prosseguir?". O milionário diz que o cheque está depositado num banco em S. Francisco e pertencerá ao navegador que primeiro chegar a Ymuyden. Larry, com o pensamento nos 500 mil dólares, aprova entusiàsticamente: Bravo!

MAÇARICO, O PERNETA

Ilustração de A. PACOT

Conto de PAULA LOPES

CONHECI-O a equilibrar-se numa tôsca perna de pau, vivendo de expedientes ou mendigar pelas ruas da cidade, utilizando para isso o seu defeito físico. O apelido de Maçarico vinha-lhe da infância, quando êle, saltitando pelos estribos dos bondes, vendia os jornais diários da capital. Depois cresceu e o apelido ficou. Tornou-se rapaz, tentou vários meios de vida, quis ter uma profissão. Mas, influenciado pelas perigosas companhias, acabou sendo malandro. Foi o que mais prático encontrou para viver. Ser malandro, não corresponde ao significado comum da palavra. Não se trata de um sujeito inimigo do trabalho, pouco inteligente e desleixado. Ao contrário, o malandro tem boa aparência, é esperto e sabe quando deve empregar sua atividade para ludibriar os semelhantes mais honestos. Por isso, Maçarico preferiu ser malandro. A vida de trabalhador era muito pacata e desenxabida para seu temperamento aventuroso.

Foi fácil ingressar na nova vida. Conhecia vários elementos "mestres na arte" a que ia dedicar-se. Dias depois de se ter ligado ao meio, fizera logo a sua estréia com grande sucesso!... O temperamento expansivo que possuía, calhava como um luva naquele ambiente. Desempenhou as mais arriscadas tarefas, sem que a polícia conseguisse apanhá-lo para a primeira identificação. Êste fato dava-lhe uma certa notoriedade entre os demais. Por isso, todo trabalho difícil do bando, era êle o escalado para fazer o reconhecimento e preparo da ação imediata. Estava sempre disposto. Muitos roubos, assaltos e pequenos crimes, foram cometidos com a sua eficiente colaboração. Nunca fazia objeções às sugestões dos outros, salvo quando algum dêles apresentava a hipótese de matar alguém!... Aí então demonstrava seu veemente protesto. Era, por natureza, contrário ao crime de morte. Podiam chamar-lhe de sentimental bôbo, de mamão e outros adjetivos que pejorassem a sua coragem, mas continuava sendo um ardente defensor do direito de viver.

Até que certa vez, quando assaltavam um botequim, altas horas da noite, o inevitável aconteceu!

O dono da casa despertou com os ruídos e veio, de revólver em punho, enfrentar os ladrões. Ora, foi fácil justificar entre os colegas que o massacre do corajoso português havia sido um gesto de legítima defesa. Maçarico, porém, não quis conformar-se. Ficou sèriamente impressionado!... Não quis levar sua parte no roubo e, ao ouvir os companheiros lerem a notícia do crime nos jornais, sentiu uma irritação tão forte, que gritou nervosamente proibindo-os de continuarem com a leitura.

Êste acontecimento foi o princípio do fim da sua carreira de crimes. Começaram as desinteligências, as discussões por motivos fúteis, e a conclusão foi êle romper com o bando. Daquela data em diante agiria sòzinho.

Há, entretanto, na natureza humana, uma tendência amigável que nos impede de viver só. Ressentindo-se dessa falta, Maçarico perdeu o entusiasmo de agir. Não que lhe faltasse sorte. Pelo contrário, fôra até bem sucedido tôdas as vêzes que arriscou. O que lhe faltava era o estímulo da convivência entre as pessoas com as quais havia rompido.

Dessa impressão tediosa de solidão, teve uma idéia que lhe pareceu aceitável. — Que tal se arranjasse uma grande "chance" e voltasse para a vida honesta?... Não seria um trabalhador sacrificado. Poderia meter-se em pequenos negócios, ser independente! Para conseguir isso, deixaria a capital, iria para o interior. Era sem dúvida outra aventura mais interessante que a vida insulsa que estava vivendo ùltimamente.

Se assim pensou, melhor executou. Antes de uma semana já havia feito tudo conforme planejara.

O pior foi conseguir o automóvel que lhe serviu na fuga. Contra a vontade, foi obrigado a dar uma coronhada na cabeça do chofer. Mas não o despojou dos haveres. O que adquirira no último assalto dava para cobrir êste primeiro ato honesto de sua nova vida. Roubou apenas o carro para fugir. Era preciso ganhar tempo. A polícia já estava no seu encalço.

Em caminho, depois de muito viajar, se lembrou que precisava desfazer-se do carro. Embora estivesse distante do ponto de partida, com o auxílio do Rádio poderia ser prêso a qualquer momento. E enquanto pensava na solução para o caso, prosseguia na longa marcha rumo ao desconhecido.

Pela estrada rústica que percorria, avistou um grande lago. Aproximando mais, viu que a parte mais profunda marginava a estrada e tinha por dique a ribanceira. A casualidade vinha em seu auxílio!... Mais que depressa, preparou tudo, acionou o motor e atirou no abismo o bonito carro de praça.

Quando as águas trêmulas se fecharam sôbre o veículo, a lembrança do motorista, deixado à margem da estrada, causou a Maçarico um certo mal-estar. Não foi pròpriamente de remorso. Apoiava-se na convicção de que no mundo só existem duas classes de pessoas: os vitoriosos e os vencidos.

Acreditando-se capaz de lutar para permanecer entre os vitoriosos, êle não quis perder tempo imaginando os atos pouco louváveis de sua vida. Continuou andando pela mesma estrada que vinha percorrendo de automóvel. Não tinha noção exata de onde se achava. Durante a noite viajara a êsmo, tomando qualquer rumo desde que fôsse para frente. Pela manhã, na estrada deserta, circundada por campinas que se perdiam de vista, convenceu-se de que havia escolhido o melhor caminho. Sua impressão de segurança estava reforçada naquele ambiente estranho.

Prosseguiu andando sem parar. Durante algumas horas não encontrou viva alma. Só quando o calor intenso do meio-dia começou a se fazer sentir, foi que avistou finalmente uma velha fazenda.

Era o seu oásis. Lá poderia comprar alimento e descansar. Se fôsse possível, compraria um cavalo para seguir até à cidade ou vila mais próxima. Caso despertasse suspeita, diria estar à procura de um amigo. Fáceis, portanto, de serem enganadas. E ludibriar a boa-fé de pessoas incultas, não lhe era trabalho difícil. Porém, o que êle não contava com o imprevisto que aconteceu, quando, da porteira da fazenda, gritou o seu decorado: — Oh, de casa!

(Cont. na pág. 46)



OS ARIGÓS AMEAÇAM OS CÉUS

COMO NASCEM OS ARIGÓS — O "CONTO" DA VIDA FÁCIL NA CIDADE MARAVILHOSA — OS "PAUS DE ARARAS" — O DRAMA DA HUMILHAÇÃO — DESGRAÇA POUCA É BOBAGEM! — MÃOS À "OBRA"! — OS JOVENS QUEREM "BICOS" PARA AUMENTAR A RENDA — O RIO VERTICAL — OS ARIGÓS AMEAÇAM OS CÉUS

Texto de **MARTINS D'ALVAREZ**
Fotos de **ARNALDO VIEIRA**

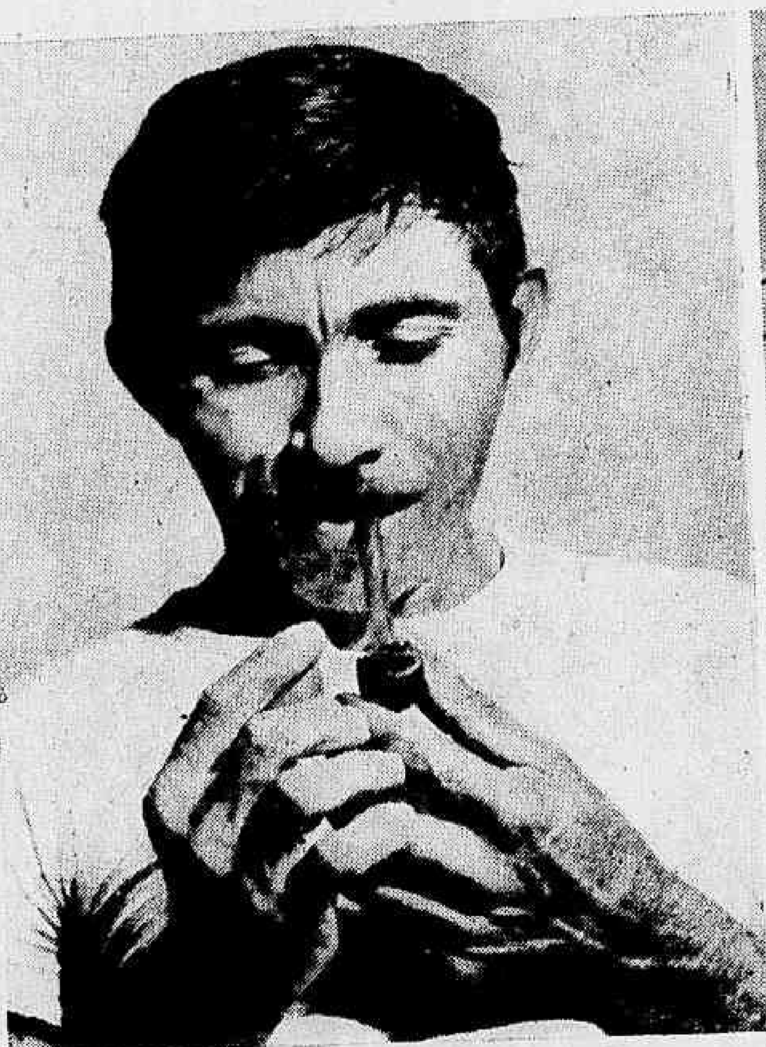


Com êstes pés o arigó rasga caminhos. E, desconfiados, como todo homem do interior, antes de aderir ao trabalho vai ver a "obra" de perto.

OS ARIGÓS AMEAÇAM O



Entregando-se ao "Deus dará", abandona o lar para "dar uma voltinha" de milhares de quilômetros.



E, com a confiança que as notícias do sul lhe inspiram, reacende o cachimbo meio desconfiado.



Ao chegar ao Rio perturba-se. Mas logo reage e sorri, pensando: "Desgraça pouca é bobagem..."

NÃO
o
registran
rústico.
O Rio
parte ê
a maior
seja: o
aventure
acenem
cidadezi
roçado
ao tab
vestir c
Para
no des
vida p
dial! A
as hor
crifício
Graç
a nação
prcbler
norte,
Agora,

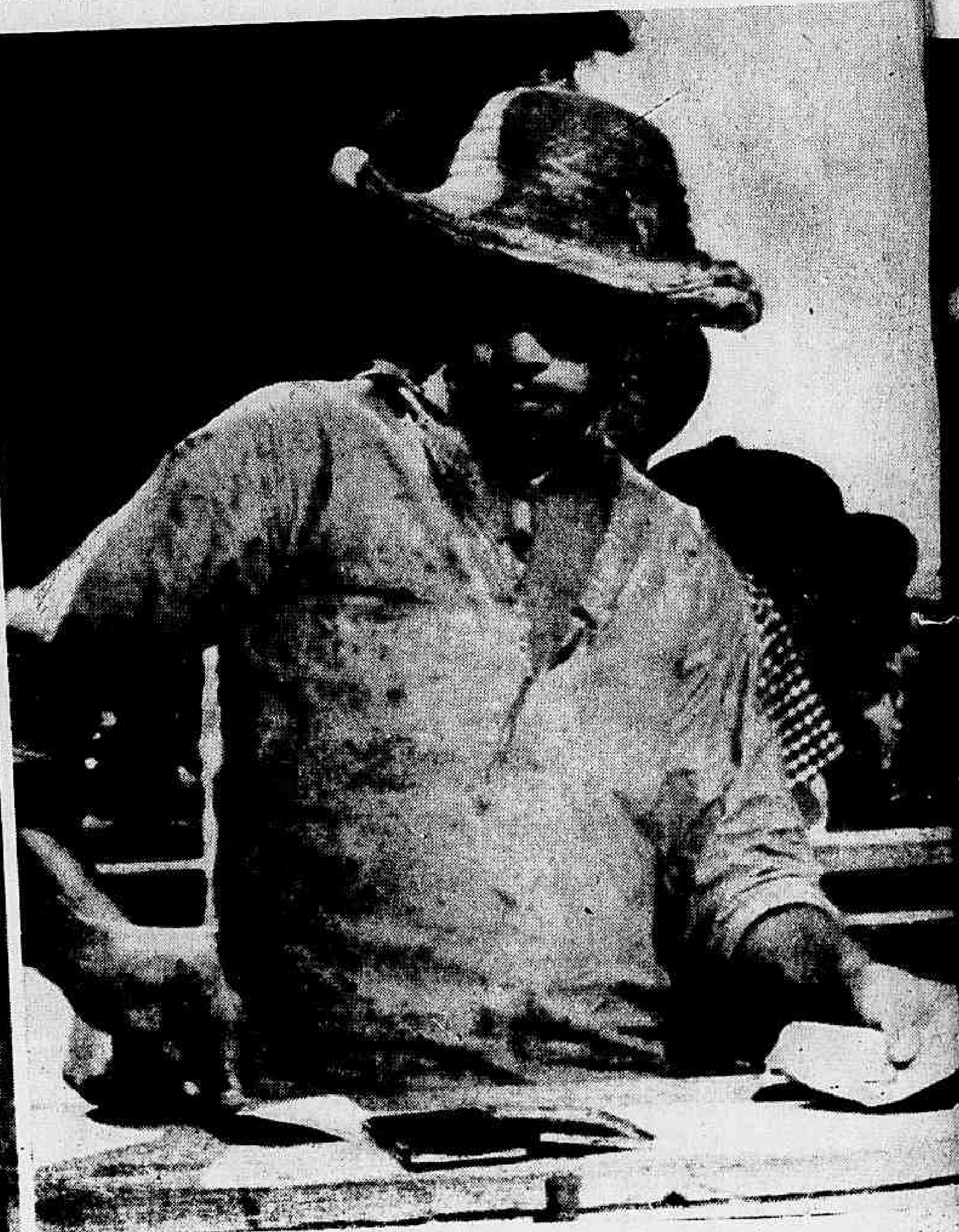
O

Aqu
"conto
autore
emprê
propac

CO



Tudo azul! Agora é bater a foto na Lambe-lambe da rua para a carteira.



E legaliza-se para a vida com a impressão digital, assinatura do analfabeto.

E

OS CÉUS

NÃO sabemos donde lhe vem a alcunha. Mas o certo é que pegou. Até os dicionários já registram: "Arigó" — (Bras., Centro) **Indivíduo rústico.**

O Rio é um imenso viveiro de Arigós. De tôda parte êles vêm. O Nordeste entra, porém, com a maior cota. Tudo lá contribui para que assim seja: o meio ingrato, a vida difícil, o sangue aventureiro latejando nas artérias. Basta que acenem de longe, o Arigó não resiste, larga a cidadezinha sem futuro, abandona a criação e o roçado de resultados problemáticos, vira as costas ao tabuleiro agreste onde brota algodão para vestir o Brasil e se atira no mundo.

Para onde vai, não sabe bem. Que vale pensar no destino incerto, se não há perigo de uma vida pior? As dificuldades são coisas de todo dia! As atribulações são amigas velhas de tôdas as horas! Quem tem a alma temperada no sacrifício não pede conselhos à imaginação.

Graças a essa determinação estóica do Arigó, a nação vai resolvendo devagarinho o seu maior problema: a falta de braços. A Amazônia, no norte, é um exemplo e São Paulo, no sul, é outro. Agora, chegou a vez do Rio de Janeiro.

O "CONTO" DA VIDA FÁCIL NA CIDADE MARAVILHOSA

Aqui êles chegam todos os dias, atraídos pelo "conto" da vida fácil na Cidade Maravilhosa. Os autores dêsse "conto" são agentes gratuitos de emprêsas carecidas de mão-de-obra barata. Êsses propagandistas levianos pintam a metrópole na-

CONTINÚA NA PAG. 32



Os arigós, dentro da obra, fazem, êles próprios, a sua comida. E o "menu" é à moda da terra.



E comem, realmente, de colher, embora nem sempre a "bóia" seja uma sopa.



Bebem, na vasilha onde Pilatos lavou as mãos, água do ôlho d'água da parede.

ACONTECEU NO MARANHÃO ?

N[illegible] sensacional [illegible] no Maranhão [illegible] impossível [illegible] verdadeira [illegible] telegrafistas esqueceram [illegible] notícia do hebdomadário [illegible]

[illegible] banquete das [illegible] Mariana [illegible] tradicional [illegible] esposo Manuel Assun[illegible] movimentada [illegible] esse ambiente [illegible]

[illegible] também [illegible] As [illegible] se moviam e [illegible] um assunto para [illegible]

[illegible] recém-casadinhos se imobilizam [illegible] se sentem um pouco comovidos. Espera-se [illegible] emocionante em que a imagem [illegible] ser tirada para o Album das [illegible]

[illegible] instante [illegible] em que [illegible]

enquanto [illegible] intenso. Mariana se atirou nos braços de seu marido, a "demoiselle d'honneur" que estava próxima do fotógrafo soltou um grito, enquanto Jesus Cândido Barreto [illegible] levantava-se ameaçador.

[illegible] o fotógrafo ficava em pé, aturdido e lívido, diante dos destroços de seu aparelho. Só lhe ficara a mão na mão e as sobrancelhas queimadas. Por milagre ninguém da assistência [illegible] A pedido do sr. Barreto, [illegible] em [illegible] inquérito. Tudo faz crer que se trata de uma farsa sinistra de um anônimo [illegible] de [illegible] que se teria introduzido no **atelier** do fotógrafo [illegible] em seu aparelho [illegible] Mariana [illegible]

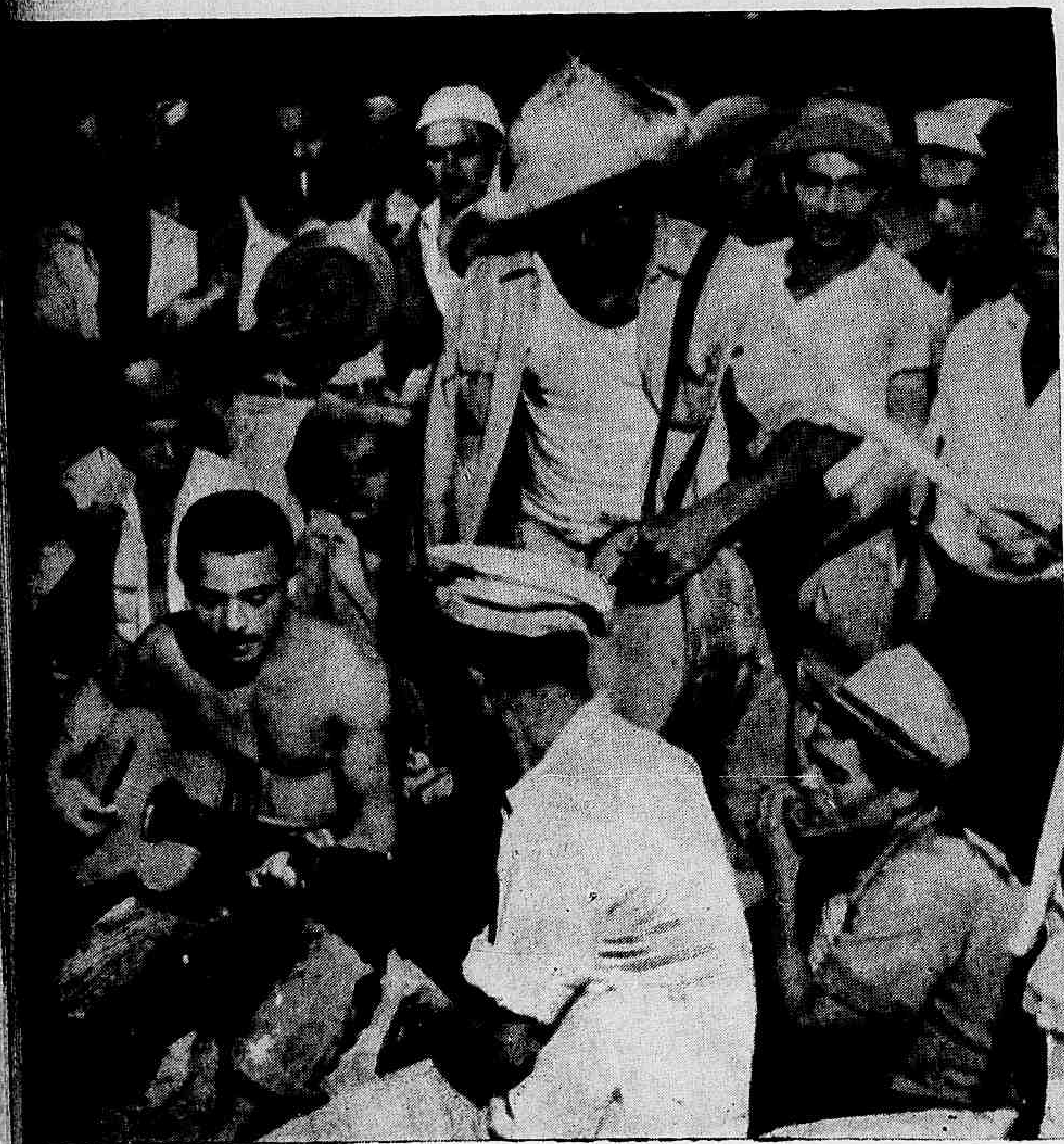
OS ARI-



Depois de ceiar, batem um papo sôbre a terra distante. A seguir, pernas para o ar, a rêde, o violão para matar saudades do rincão e dos que lá ficaram. Nos sábados, à noite, o sarau é bem mais animado.



Aos domingos, em geral, vão à missa, lembrados do último pedido da mãe em lágrimas. E comparecem ao Correio, onde pedem a quem sabe que lhes escreva uma carta à família distante.



(Cont. da pág. 29)

cional como a verdadeira Terra da Promissão. Afirmam que há trabalho em abundância, salários elevados, moradia e passadio ao alcance de todos. Tudo isso num magnífico ambiente de cartão postal. E exibem, como prova, uma dessas lindas e espetaculares gravuras do Rio.

Os pobres caboclos não têm dúvidas, caem no "conto". Liquidam por qualquer coisa os seus parcos haveres, apurando, quase sempre, a quantia necessária para o transporte e se largam aos azares da sorte com a família.

A viagem até o Rio transcorre para êles como uma verdadeira odisséia. Por mar ela é feita na terceira classe promíscua dos vapores da Costeira ou do Lóide. Os retirantes, amontoados como bichos num extremo do navio, vêm vindo, mal comidos e mal dormidos, entre enguios e vômitos, até serem lançados como párias, lívidos e extenuados pelo enjôo, no tumulto do cais do pôrto.

OS "PAUS DE ARARA"

Por terra, vêm quase sempre arrumados como sardinhas em desconfortáveis caminhões, expostos ao sol e à chuva, sacolejados como ganzás pelas estradas carroçáveis do sertão. No percurso, às vêzes comem, às vêzes fazem que comem, enganando o estômago com rapadura e farinha. Como não podem pagar um leito de pensão nos pontos de pouso, dormem por aí, ao ar livre, em qualquer lugar.

A êsses estranhos veículos, abarrotados de criaturas empoeiradas e palradoras, de crianças que choram alto, de mulheres que gritam com as crianças, de homens que praguejam contra a algazarra, a ruindade da estrada e as "graças" do motorista, o espírito jocoso do sertão apelidou de "Paus de Araras".

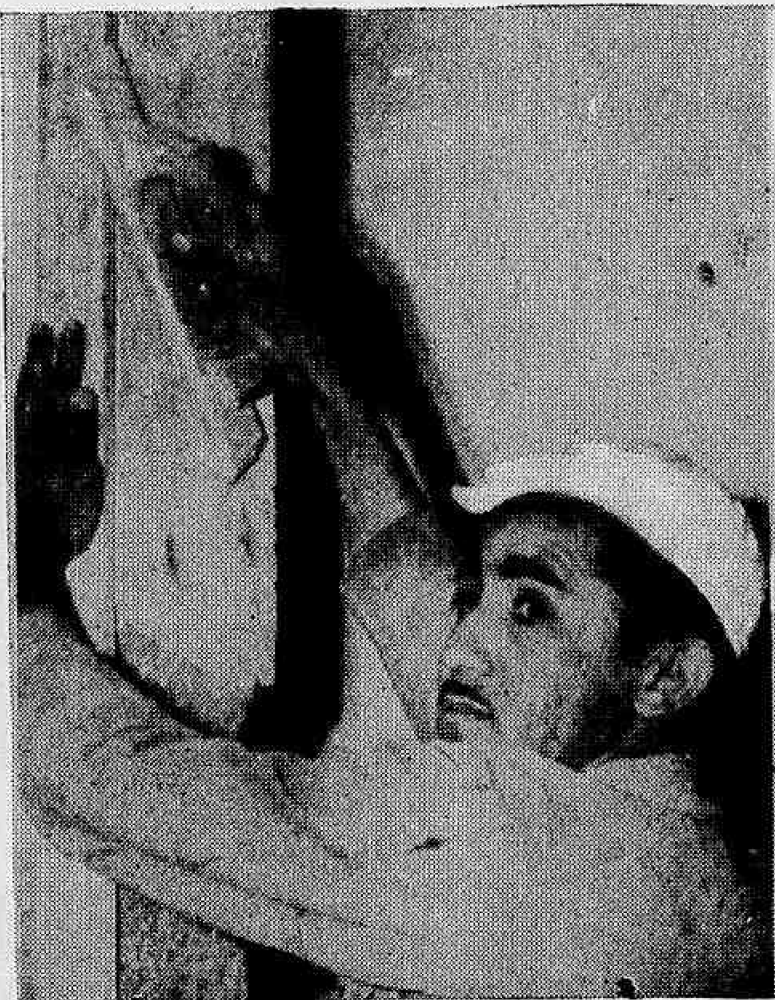
E' que as araras são aves barulhentas, andam sempre aos bandos. E pau em que elas pousam chama a atenção de tôda gente.

Assim, quando êsses "Paus de Araras" conseguem chegar ao Rio, pois às vêzes se despedaçam nos precipícios do caminho, os pobres retirantes são jogados como trapos num canto de rua suburbana, para que se arranjem como puder.

GÓS AMEAÇAM OS CÉUS



Agora não é mais o problema do emprêgo. E pensa: "Preciso cavar um "bico" para aumentar a renda"



Por isto é que êsse guapo porteiro de cinema, à direita, é, até às quatro horas da tarde, simples aju-



dante de pedreiro, vestido do jeito que se vê à esquerda. Depois, o arigó é um homem engalanado.



Uma tragédia... Uma indenização!... Parêntesis no trabalho... Mas a "obra" continua, como continua a vida. O arigó tem a sua filosofia a respeito.



OS ARIGÓS AMEAÇAM...

O DRAMA DA HUMILHAÇÃO

Nesta hora amarga é que os Arigós alcançam a realidade desoladora. Quando pensavam que os seus sofrimentos haviam terminado, é que a cortina se levanta para o drama da humilhação no palco da cidade sem entranhas. Têm, de início, que recorrer à caridade pública, até que a Providência divina se condoa de sua sorte e aponte uma solução.

E' aqui que entram em ação as emprêsas exploradoras dessa miséria heróica. Todos os braços válidos são chamados ao trabalho a trôco de miserável salário mínimo.

Para os indivíduos solteiros a situação não é das piores. Mas, para os casados, com família, a desgraça, apenas, muda de figura: passa de um quarto infecto de hospedaria de imigrantes para um barraco de latas, na favela.

DESGRAÇA POUCA E' BOBAGEM!

A fibra dos Arigós é, no entretanto, admirável. Deslocados de seu meio, sem parentes, sem amigos, sem instrução e sem ofícios, não se deixam vencer pela cidade estonteante. À perturbação inicial logo reagem, entressorrindo e pensando: "Desgraça pouca é bobagem!"

Estudam o panorama de atividades da cidade. Dão um balanço íntimo nos seus conhecimentos. Calculam onde se podem arranjar. E não perdem tempo... Reacendem a confiança com o cachimbo.

A construção de edifícios de apartamentos foi logo o que lhes apontaram, à chegada. Aí havia emprêgo para todos, na certa. Vários agentes quiseram contratá-los. Mas êles já estavam cansados de ser enganados.

Por isso os Arigós, desconfiados, vão primeiro ver a "obra" de perto. Conversam com os companheiros, inúmeros outros Arigós que lá trabalham. Escolhem o setor que lhes convém. Pesam as condições e o preço. E só depois dêste exame é que aderem.

MÃOS À "OBRA"

Nesta altura, então, começa um novo capítulo da novela dos Arigós, o capítulo da "obra". A "obra" passa, daí por diante, a ser tudo para êles: lar, família, preocupações e divertimento. Na "obra" êles se plantam indefinidamente, como mandacarus na caatinga. Trabalham as horas regulamentares. Fazem a própria comida e comem. À noite, armam as rêdes ou se estiram nas tábuas e dormem.

Vez por outra, na hora de deitar, vem-lhes a lembrança amável da terra natal distante, dos entes queridos que lá ficaram, do ambiente amigo e solidário em que viviam. Neste momento saudoso, êles apanham o violão ou o cavaquinho, se estiram ao longo das rêdes e entoam uma canção ou modinha sentimental. Ao soarem os primeiros acordes, os demais Arigós se aproximam e, silenciosos, mergulham no seu atribulado mundo interior.

Aos sábados, porém, a coisa muda. Depois da ceia de feijão com carne, todos os artistas da "obra" se reúnem: tocadores de gaita, violão, cavaquinho, pandeiro, tambores, reco-reco, ganzá, acompanhados de um côro

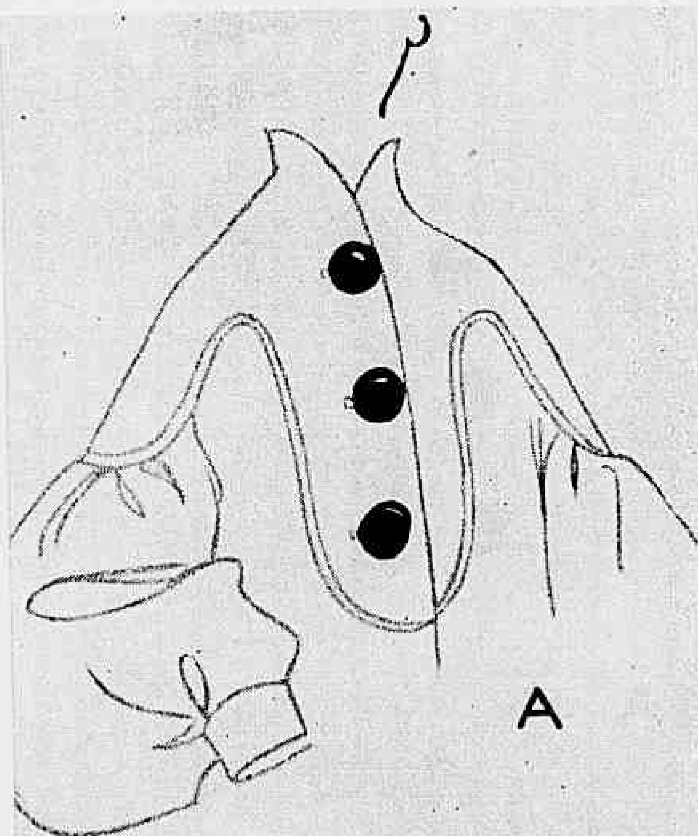
(Cont. na pág. 46)

Quando a obra é concluída, os arigós dizem adeus e batem asas para outra que já os está esperando.



Adeus roçado, lavoura, queimada, sol quente, chuva fria. Machado, foice, enxada, corda de laçar...

FRIO

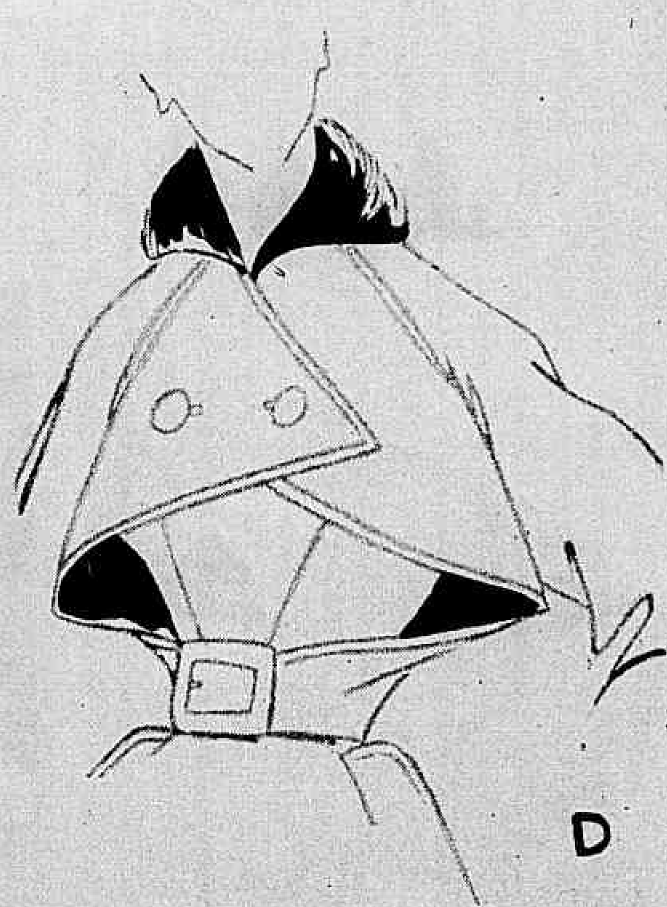


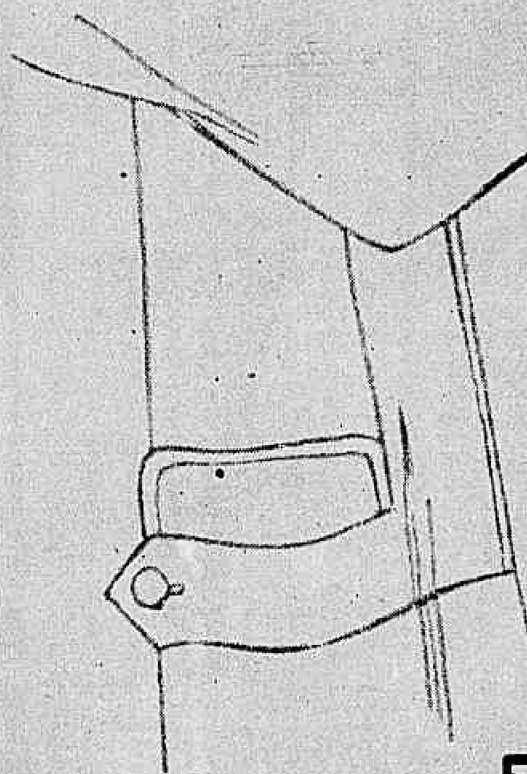






Jean Patou guarnece com uma farta pele de lontra uma redingote em tweed prêto e branco. A linha é muito junta, os bolsos simples e um pouco salientes. Botões masculinos.





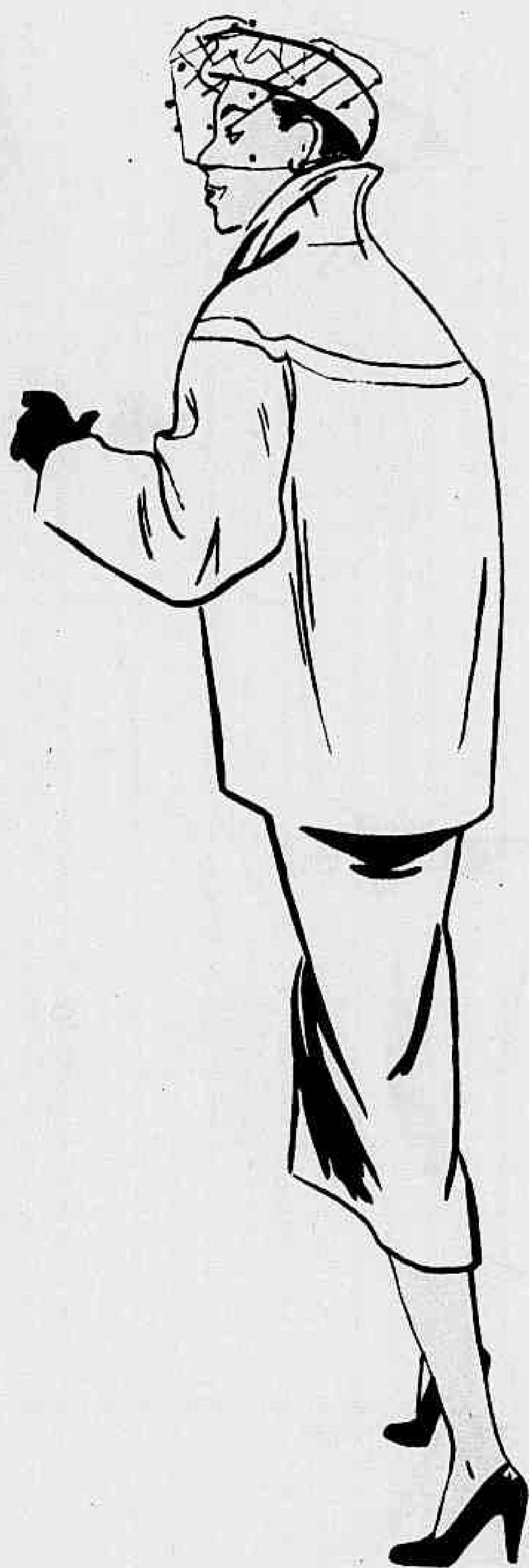


A nota dominante dos nossos manteux parece ser um movimento acentuado de queda ou abolição da cintura. Martingales de todos os feitios e de tôdas as larguras, pinces estudadas abrindo-se em determinada altura encontram-se em muitos modelos. Tanto manteaux como casacos dissimulam sua amplitude e a retém nas costas sob um cinto falso ou martingale arredondada. A curva do busto é acentuada por blusas que deixam perceber a linha da cintura ou efeitos de coleteria, contrastando com a abertura das saias, especialmente nos redingotes.

NOVÍSSIMAS CRIAÇÕES



1



MANTEAUX de saias amplas ou casacos curtos usados com saias estreitas, eis os ditames da moda para o inverno atual. O chapéu da estação é de pequeno formato, muitas vêzes uma boina honesta ou disfarçada. 1 — Elegante e confortável casaco de linhas arredondadas, mais estreito na parte de baixo que nos ombros. 2 — Efeito novo de bolero num manteau que parece um vestido. 3 — Casaco reto com recortes pespontados e gola de lontra. 4 — Amplo manteau com originais bolsos que se abotoam na gola. (Vide diagrama na página 50)



com
erno
uma
o de
om-
ves-
ntra.
gola.

VOLTA

É preciso sempre retornar. E' preciso deixar o que é amado e merece sê-lo, como também o que nos emociona e nos faz rir, por exemplo o cão basset cujo apetite só se demonstra com a simulação de um furor que faz tremer tudo; é preciso deixar de aguardar os passos esperados, uma visita matinal, não mais ouvir as proezas da pequenina artista que com oito anos faz prova, tanto na tela como no palco, de uma experiência atribuível a atores de muita tarimba.

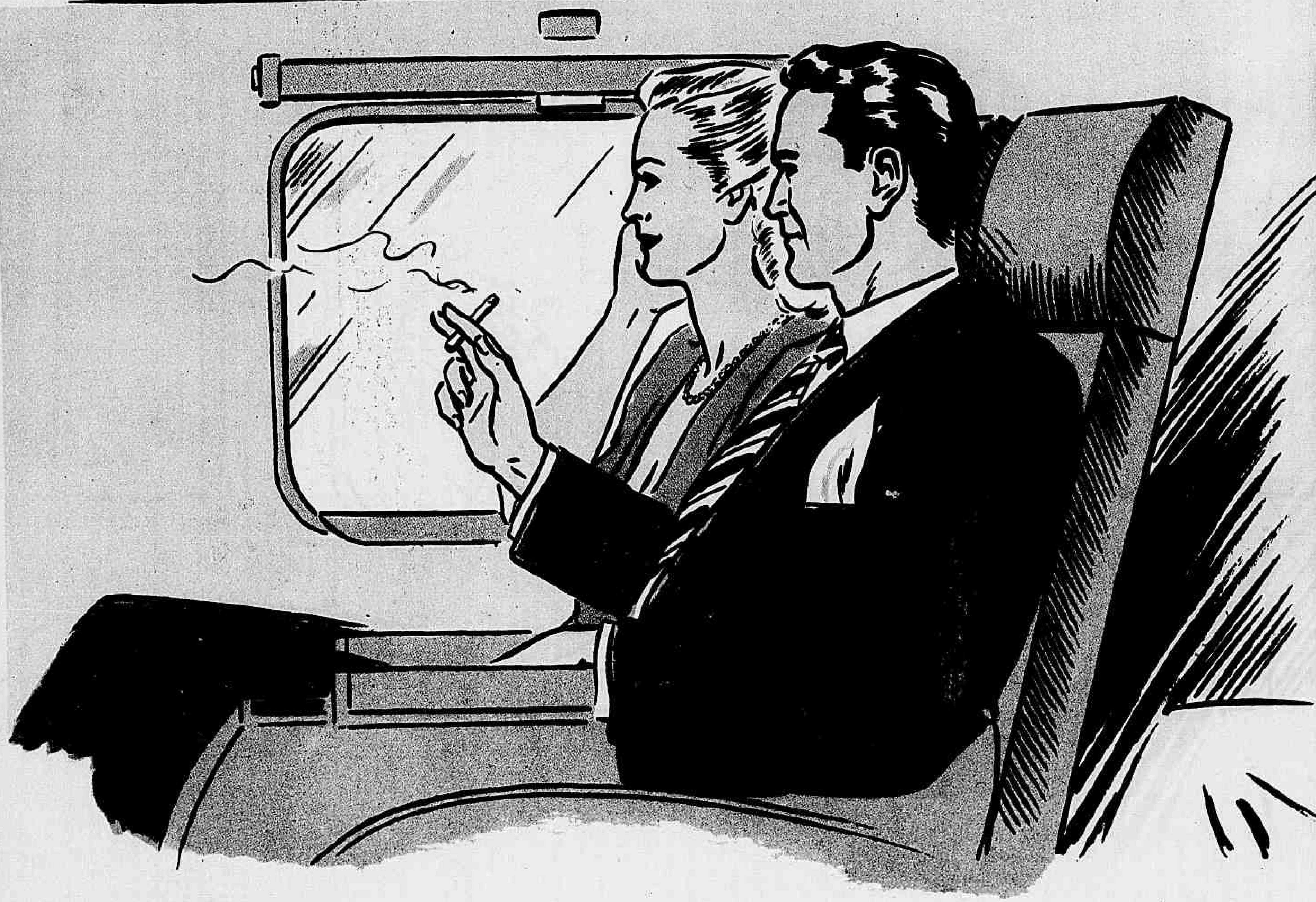
E' em minha presença que se trava um debate afetuoso, que se discute o meu incômodo regresso a Paris: "Não, não de trem. Tudo, menos o trem para ela. O calor... E a crise por que passou... De automóvel, muito menos. — Porque? — Muito longa a viagem. E sem confôrto. — Bem. De avião, então? — Ah, não me agrada muito que ela vá de avião... Mas e ela, que prefere? — Ela não disse..."

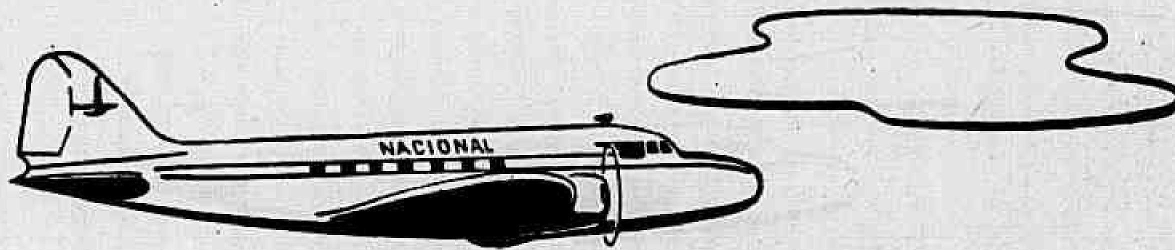
Ela não disse nada. Ela não ouviu, está lendo. E oculta o riso. O meu melhor amigo me encara. Que digo eu? Êle me sopesa. Como despachar o objeto que ora se presta a tudo, ora reage com intolerância? Em que trouxa acomodar êste grande gato, para um percurso de mil qüilômetros? Mas o gato já decidiu por si, o objeto se deu o prazer de encerrar o debate, e de escolher o avião. Às vêzes é agradável assumir o papel de juiz presidente, cujo voto vale duplamente na urna.

A cadeira de rodas, no terreno do aeroporto, o calor da estufa de antes da partida, um maço de jornais, um pouco de algodão hidrófilo em cada ouvido para atenuar os ruídos, a pequena caixa de papelão com o almôço e a garrafinha de vinho. Bem que preciso de tudo isso para enfrentar a Air-France, pois me caceteio em avião. Nada é a meu gôsto lá em cima, exceto a velocidade. "Olha, temos ainda um pedaço de mar para atravessar... Olha aquela fita de terra, não será justamente o trajeto que percorremos na semana passada?..." Não consigo me interessar pelo trajeto nem pela nuvem imprevista na qual nos metemos como num casulo. Confesso a minha inaptidão. Minha poesia é de rés do chão. "Olha, vês que passamos sôbre a terra em que nasceste?" E acreditas, meu companheiro, que vou reconhecer a minha terra do alto dessa bruma fugídia, atravessada de estradas, quadriculada de campos, cortada por uma torrente de água que me dizes ser o Ione. Não o esperes. Uma coisa é certa. Se a fantasia maliciosa que se esconde no coração, sempre impenitente, dos septuagenários, me inspirar, se tiver que considerar ao mesmo tempo a impotência e o espírito de curiosidade que engendra, hei de sempre recorrer ao avião, que economisa minhas horas. Enquanto êle me transporta eu o esqueço, sua função mágica é suprimir as distâncias. E' um modo de não tocarmos senão o ponto de partida e o fim longínquo, que ocorre subrepticiamente diante de nós. Minha poesia é de rés do chão. Mas tu a detens, avião, pois és o único que pode descer... Tua descida e não tua irrupção pelo deserto das nuvens me encanta. Quatro horas, não são necessárias mais que quatro horas para cobrir com tuas asas uma pequena França, apagar suas cidades, esmagar suas montanhas. Aguarda-me a maior maravilha: meu quarto branco e vermelho, meu leito sôbre o qual navegarei, meu fanal azul como um luar de teatro: tudo isso, e eu o ignorava, fica a quatro horas de Nice.

Conto de COLETTE

Ilustrações de RENATO DE SOUZA





RECIFE
MACEIÓ
ARACAJÚ
SALVADOR

diretamente ligadas ao Rio



Realize esplêndidas viagens ao Norte, pelos novos aviões DC-3 mi-tos da NACIONAL. Descontos de 25% Magnífico tratamento à bordo e periodo mínimo de tempo

através da maior rêde aérea do interior

Aracajú
Araxá
Almorês
Alfenas
Almenara
Anápolis
Araçuaí
Aragarças
Ar guarí
Assunção
Balisa
Barra
Barreiras
Barretos
Bela Vista
Belo Horizonte
Bocaiuva
Buriti Alegre
Cáceres
Caiapônia
Cambuquira
Campanha
Campinas
Campo Grande
Caratinga
Carinhanha
Caxambú
Conquista
Coromandel
Corumbá
Coxim
Cuiabá
Curvelo
Diamantino
Dourados
Goiânia
G. Valadares
Guaxupé
Guiratinga
Ilhéus
Ipameri
Iporá
Itabuna
ItaJubá
Ituiutaba
Januária
Jataí
Jequitinhonha
Joazeiro
Juiz de Fora
Lapa
Lavras
Maceió
Machado
Manhuassú
Monte Carmelo
Montes Claros
Morrinhos
Passôs
Patos
Patrocínio
Pedra Azul
Petrolina
Pirapora
Pires do Rio
Piumhi
Poconé
Ponta Porã
Ponte Nova
Pouso Alegre
Poxoréu
Recife
Remanso
Rio Verde
S. J. Del Rei
S. Lourenço
Salvador
Teófilo Otoni
Tupaciguara
Ubá
Uberaba
Uberlândia
Vitória
Xique Xique

NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS

Agência de Passagem — Rua Santa Luzia, 685-B — Tel. 32-6119 e 32-7399
Agência de Carga — Avenida Beira Mar, 514 — Tel. 42-9850 e 32-9455

FILHO, MEU FILHO

Texto e ... DO MARTINA

...AGENS:

JEAN	RENATO SCANZINI
MARIO	FRANCO FAB...
ZAIRA	LUIZA A...
SOLANGE	LICIA ...
DUPUIS	...MO ALTAVILLA
JOANA	NIETTA ZOCCHI

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

1939 — Resistem os poloneses à invasão alemã. O súdito francês Geo Dupuis, sua espôsa e um filhinho, são constrangidos a ficar em Varsovia. Obrigados a socorrer os refugiados, deixam o filho na companhia de Maria, quando os nazistas invadem Varsovia. Maria, a doméstica da familia Dupuis vai para o abrigo da praça, conforme recomendação da mãe de Jean. Depois do bombardeio, o tenente Mario, da Cavalaria Polonesa, salva a criança quando um estilhaço prostrou sem vida a empregada dos Dupuis.

O TENENTE EMPREGA UM GRANDE ESFÔRÇO PARA PROTEGER A CRIANÇA E NEM EMPREGADA DOS ACOTOVELAMENTOS DAQUELA GENTE EM PÂNICO...
AS BOMBAS CAEM CONTINUAMENTE...

VENHA PARA AQUI! A PORTA LHE PROTEGERÁ!
SENHOR, AJUDAI-NOS!

VAMOS! ALCANÇAREMOS A SAIDA DE EMERGÊNCIA!
SE PUDESSE... TENHO O PEITO OPRIMIDO!
O TENENTE CONSEGUE SAIR DAQUELAS RUINAS, E SE ENCAMINHA NA DIREÇÃO DA PORTA SUSTENTANDO UM VELHO GRAVEMENTE FERIDO.

NÃO SE PODE SAIR FÓRA HÁ UM INFERNO DE BOMBAS!
DEPRESSA! O "ABRIGO" ESTÁ PARA DESABAR!
É MELHOR MORRER OLHANDO PARA O CÉU DO QUE PERECER NESTA ESPELUNCA!...

ROMPENDO AQUELA MULTIDÃO ESPAVORIDA CONSEGUE O TENENTE CHEGAR À PRAÇA...

SOCORRO!...
NAQUELE MOMENTO...

SENHORA!... MINHA SENHORA!
SALVE A CRIANÇA... SALVE... EU... MORRO...

CORAGEM! AQUI ESTAMOS!
...E DEBAIXO DE UMA SARAIVADA DE ESTILHAÇOS, PROCURA SE ACERCAR DE UM PORTÃO...

SEGURE A CRIANÇA... E SE AGACHE! VOLTO AO "ABRIGO"!
DEUS LHE PROTEJA, TENENTE!

A CRIANÇA ESTÁ SALVA; ESTÁ COMIGO!... COITADINHA... MORREU!
ANDREA... ANDREA...

5

SALVEMOS AO MENOS SEU FILHO, ANTES QUE O "ABRIGO" DESABE!

É TARDE DEMAIS!

6

TARDE DEMAIS! UM PETARDO ATINGIU DE CHEIO O "ABRIGO", DESTRUINDO-O COMPLETAMENTE. TODO SOCORRO SERIA DEBALDE!

MALDITOS! AINDA NÃO SE CANSARAM DE SEMEAR A DESTRUIÇÃO!
FOI COMO SE AQUELA FOSSE A ÚLTIMA BOMBA: O BOMBARDEIO TERMINOU. MAS UMA ESQUADRILHA SOBREVÔA A POUCOS METROS DE ALTURA DA PRAÇA, METRALHANDO.

LEVANTE-SE: JÁ CESSOU O BOMBARDEIO!...

MORTO!...

OCUPARAM A ESTRADA KRAKOWSKIE PRZEDMIESCIE!
POSSÍVEL, EU OS VI!
SIM, ESTÃO NA PRAÇA ZAMKOWY.
POSSÍVEL QUE OS ALEMÃES JÁ ESTEJAM AQUI?!

SUBA! DEPRESSA!
NÃO POSSO FUGIR! PRECISO FAZER ALGUMA COISA! DEVO LUTAR!
MAS AQUELA GENTE TRANSTORNADA PELO PÂNICO NÃO ADMITE DESCULPAS...

ENQUANTO O TENENTE PROCURA CONSOLAR A CRIANÇA QUE CHORA CONVULSAMENTE, ESCUTA UMA GRITARIA DESESPERADA AO LONGE...

SÔBRE VARSÓVIA CAIU A MAIS PESADA DAS DESVENTURAS: AS TROPAS AVANÇADAS INIMIGAS INVADIRAM OS QUARTEIROS DA ZONA SUL DA CIDADE...

NÃO VÊ QUE NÃO PODE LUTAR SOZINHO, AQUI NÃO HÁ MAIS SOLDADOS!
NÃO PERCAMOS TEMPO!
MOTORISTA, PODE ZARPAR!
DEPRESSA!

DURANTE O BOMBARDEIO, A SENHORA SOLANGE, PERMANECEU NO "ABRIGO" DO DEPARTAMENTO; SUA INTENÇÃO ERA ESTÁ PERTO DO FILHO, DEFENDENDO-O DO PERIGO. AGORA, ANSIOSA, VOLTA A CASA...

JEAN NÃO ESTÁ! MARIA NÃO ESTÁ!...
NÃO SE AFLIJA, QUERIDA! NÃO PENSE E NENHUMA DESGRAÇA: O INIMIGO ESTÁ INVADINDO A CIDADE... E MARIA TALVÊS NÃO ACHOU PRUDENTE SAIR DO "ABRIGO"!

OS ALEMÃES!
OS ALEMÃES!

7

NO ENTANTO MARIO SEGUE INSTINTIVAMENTE A MULTIDÃO EM FUGA PARA A ZONA NORTE DA CIDADE.

SEGURE A CRIANÇA E LEVE-A PARA ALGUMA CRECHE! PRECISO ME ENCONTRAR COM NOSSOS SOLDADOS.
CRECHE!! A CIDADE ESTÁ TÔDA INCENDIADA!
NOSSOS SOLDADOS SE DIRIJIRAM PARA O VISTULA!

GEO! GEO!! O NOSSO JEAN...
MEU DEUS... DAI-ME FORÇAS PARA NÃO DESESPERAR!
MAS, CHEGADOS PERTO DO "ABRIGO"...

8

DÊ-ME A MÃO! É INÚTIL QUALQUER TENTATIVA DE SOCORRO!
JEAN... MEU FILHO!... JEAN
BAIXO!
PASSADO O PRIMEIRO INSTANTE DE ANGÚSTIA QUE IMOBILIZARA, GEO, ANIMADO POR UMA ÚLTIMA ESPERANÇA, REUNE E CONCITA OS PRESENTES.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — EM QUAL DESTAS CIDADES FUNCIONA UMA BIBLIOTECA PÚBLICA FEMININA, COM OBRAS DE ESCRITORAS BRASILEIRAS:

— Rio de Janeiro?
— Uruguaiana?
— Recife?

2 — EM QUE ANO FOI A CALIFÓRNIA, QUE ERA DO MÉXICO, ANEXADA AO TERRITÓRIO DOS ESTADOS UNIDOS:

— 1780?
— 1808?
— 1848?

3 — DURANTE A GUERRA DE SECESSÃO NORTE-AMERICANA, ONDE FOI INSTALADA A CASA BRANCA DOS SEPARATISTAS:

— Em Montgomery, Alabama?
— Em Dallas, Texas?
— Em Charleston, Carolina do Sul?

4 — EM QUE DATA COMEÇOU A GUERRA CIVIL DOS ESTADOS UNIDOS:

— 3.12.1860?
— 12. 1.1776?
— 19. 4.1861?

5 — EM 1885 HOUVE NO RIO UM CONCURSO PARA SABER-SE QUAL O MAIOR POETA DO BRASIL. QUAL DÊSTES O QUE VENCEU:

— Castro Alves?
— Luís Delfino?
— Gonçalves Dias?

6 — POR ONDE SE ALIMENTA UM EMBRIÃO NO VENTRE MATERNO:

— Pela bôca?
— Pelo umbigo?
— Pelo nariz?

7 — QUAL A SIGNIFICAÇÃO DE «PENUMBRA»:

— Quase sombra?
— Escuridão?
— Claridade?

8 — QUANTOS MINUTOS LEVA A LUZ PARA PERCORRER 300 MILHÕES DE QUILÔMETROS:

— 16?
— 30?
— 5?

9 — A QUANTOS GRAUS CENTÍGRADOS FUNDE O ZINCO:

— 500?
— 750?
— 230?

10 — O ENXÔFRE É:

— Metal?
— Metaloide?
— Ambas as coisas?

11 — EM QUE LÍNGUA HÁ UMA PALAVRA COM TÔDAS AS VOGAIS:

— Na francesa?
— Na portuguêsa?
— Na italiana?

12 — EM QUANTOS TRIBUNAIS ESTÁ DIVIDIDO O PODER JUDICIÁRIO DO BRASIL:

— Três?
— Sete?
— Cinco?

13 — QUEM APROVA A NOMEAÇÃO DE UM MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, FEITA PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA:

— O Presidente do Supremo Tribunal Federal?
— O Senado Federal?
— O Congresso Nacional?

14 — QUANTOS SÃO OS MINISTROS DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL:

— Quinze?
— Sete?
— Onze?

15 — DE QUANTOS ANOS É O MANDATO DE UM DEPUTADO FEDERAL

— Três?
— Quatro?
— Oito?

(Respostas na página 47)

CONVERSA DE MULHER

PERNAS



A vista de um par de pernas bem feitas é um prazer cujo equivalente a de um rosto raramente provoca. Com suas pinturas, vermelhos e prêtos, cílios postiços, meios-sorrisos e vagos ares de estrêla um rosto bonito de mulher é hoje coisa bem pouco expressiva.

● O rostinho que se dizia delicioso da parisiense tende a se tornar impessoal. Os artifícios, as receitas de beleza, os ensinamentos do cinema formam máscaras freqüentemente estranhas, às vêzes agradáveis, mas incertas, equívocas. Não se pode mais confiar nos bustos, igualmente. Ouvi dizer que fabricam atualmente corpinhos com armações metálicas, contornos lisonjeiros e pontas em duralumínio.

● As pernas, no entanto, permanecem de confiança. Impossível sofisticá-las. Nem o esporte, nem as massagens, nem as pomadas depilatórias conseguirão jamais alterar sua fisionomia. As pernas das mulheres conservam uma linguagem garantida, autêntica e direta que os homens, aliás, compreendem muito bem, e as pernas das parisienses de saia curta foram sempre objeto de vivo interêsse.

● Não tenho muita certeza de que as pernas das parisienses possuam características especiais que as distingam de tôdas as outras. O fato é que são de muitos moldes. A dar crédito acs nossos figurinos e às nossas revistas semanais femininas, as pernas mais bem aceitas e de melhor porte seriam uns gravetos frágeis pousados sôbre pés magros de lance quase masculino. Por mim, não é assim que as aprecio.



● Se fôsse obrigado a opinar, daria por tìpicamente parisiense as pernas de uma jovem empregada de bar que vi ontem e que acabava talvez de chegar de sua província. Tinham, essas pernas, um perfil muito esbelto; o pé era pequeno, fortemente arqueado; a canela fina, mas nada sêca; o tornozelo roliço com relêvo dos músculos apenas aparente e não sei que de vivo e arrebitado, de acôrdo com o narizinho da moça. Tôdas as linhas eram muito puras e portanto roliças e flexíveis, e a subida do tornozelo à cova do joelho, que terminava o traçado, de um modelado ao mesmo tempo firme e suave.

● E' inútil procurar pernas assim nas revistas americanas, mas são achadas em alguns desenhos de artistas parisienses dos séculos dezoito e dezenove. — **MARCEL AYMÉ.**

ROTINA DE BELEZA

NÃO BRINQUE COM FOGO... NEM COM SOL

O sol é rancoroso. Talvez por ter sido por muitos séculos temido pelas mulheres queima com seus raios cruéis as que agora tomam com êle muitas liberdades. O célebre e temível "coup de soleil" das francesas é um mal do gênero dos resfriados provocados pelos sapatos molhados em dias de chuva ou de uma crise de urticária conseqüente à ingestão de alimentos a que se é alérgico. Institutos de beleza e redatoras especializadas voltam constantemente ao tema dos cuidados que as mulheres já conhecem para evitar que o sol traga malefícios à cútis.

● E' preciso confessar que não faltam meios às mulheres para se preservarem dêsse dano. Antigamente nossas avós, que faziam questão de ter a tez muito branca, só conheciam para isso o uso da sombrinha. Hoje as mulheres conseguem muitas coisas aparentemente incompatíveis: passear ao sol semi-nuas sem se queimarem. Ou então bronzear intensamente a pele mantendo intacta a epiderme. Para tanto trabalham grandes químicos de nossos dias, empregados por diversas emprêsas que lançam no mercado produtos destinados a favorecer os dois casos: conservação de uma pele branca de cidade na praia ou na montanha, filtragem dos raios solares para escurecer a epiderme.

● Entretanto, nunca é demais aconselhar bem. Há mulheres de pele extremamente sensível à luz e ao calor. Como também para a saúde em seu conjunto cabem muitas advertências. Quem tiver brônquios delicados não deverá permanecer imóvel ao sol, mas agitar-se moderadamente, fazer exercícios brandos. Quem tiver sinais ditos de beleza precisará acautelar-se de que não inflamem ao sol.



● As veias de suas pernas são salientes, tendem a inchar? Não as exponha em excesso ao sol, ,pois poderiam se transformar em varizes. Se seu fígado é fàcilmente irritável ponha sôbre êle uma toalha úmida enquanto toma o seu banho de sol.

● Nunca deixe de proteger os olhos pelo uso de óculos de lentes escuras de boa qualidade. Por mais que você aprecie uma fricção de Água de Colônia em todo o corpo, renuncie a êsse prazer, pois o limão que é a base comum dêsse produto predispõe a pele às queimaduras.

● Finalmente, observe seus nervos: é possível que o banho de sol os ponha sèriamente à prova, fazendo com que você perca o sono e o bom humor.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.° 10

A	Coisas de que se não falam em casa de enforcado →	126	5	32	84	55	23	
B	Doença, processo mórbido →	40	92	2	102	15	16	125
C	Sofre, tem pesar →	57	76	3	113	79		
D	Posses, bens, haveres →	12	27	83	111	66		
E	Acidente geográfico cercado de água →	128	94	54	100			
F	Contendas, pelejas →	59	107	21	11	69		
G	Cantos em louvor dos heróis →	60	29	14	123	77		
H	Pessoas que não largam outras →	6	119	75	103	38	101	
I	Belo, formoso →	1	35	89	130	98		
J	Que nasce com o indivíduo (pl.) →	52	74	114	106	131	7	
K	Existe, reside →	28	104	72	49			
L	Fazei ronda →	80	120	63	99	93	73	
M	Soçobrou →	33	39	26	20	90	70	50
N	Recomeçar; tornar novo →	108	22	36	64	115	42	132
O	Vazio, oco, fútil →	31	43	129	96	13		
P	Existe em abundância →	34	118	71	53	44	109	
Q	Pura, inocente →	8	116	18	122	82		
R	Vagaroso, demorado →	41	19	124	51	56		
S	Caminhar →	87	81	46	117	127		
T	Sujo, imundo, porcalhão →	112	24	78	45	62	17	
U	Semelhante à sêda →	65	30	97	9	110	47	
V	Número de anos que se tem →	88	37	105	4	67		
W	Espécie de carvão →	48	58	25	68	85		
X	Amargos →	91	10	95	121	61	86	

■	■	I 1	B 2	C 3	V 4	A 5	■	H 6	J 7	■	Q 8	U 9
X 10	■	F 11	D 12	O 13	G 14	B 15	B 16	T 17	■	Q 18	R 19	M 20
F 21	N 22	■	A 23	T 24	■	W 25	M 26	D 27	■	K 28	G 29	U 30
O 31	A 32	M 33	■	P 34	I 35	N 36	V 37	H 38	■	M 39	B 40	R 41
N 42	O 43	P 44	T 45	■	S 46	U 47	■	W 48	K 49	M 50	■	R 51
J 52	P 53	E 54	A 55	■	R 56	C 57	■	W 58	F 59	Q 60	X 61	T 62
■	L 63	N 64	U 65	■	D 66	V 67	W 68	F 69	■	M 70	P 71	K 72
L 73	J 74	H 75	C 76	G 77	■	T 78	C 79	L 80	S 81	Q 82	D 83	A 84
W 85	X 86	■	S 87	V 88	I 89	M 90	X 91	■	B 92	L 93	E 94	X 95
O 96	U 97	I 98	■	L 99	E 100	H 101	■	B 102	H 103	K 104	V 105	J 106
F 107	N 108	P 109	U 110	■	D 111	T 112	C 113	J 114	N 115	Q 116	■	S 117
P 118	H 119	L 120	X 121	Q 122	G 123	■	R 124	B 125	■	A 126	S 127	E 128
O 129	I 130	J 131	N 132	■	■	■	■	■	■	■	■	■

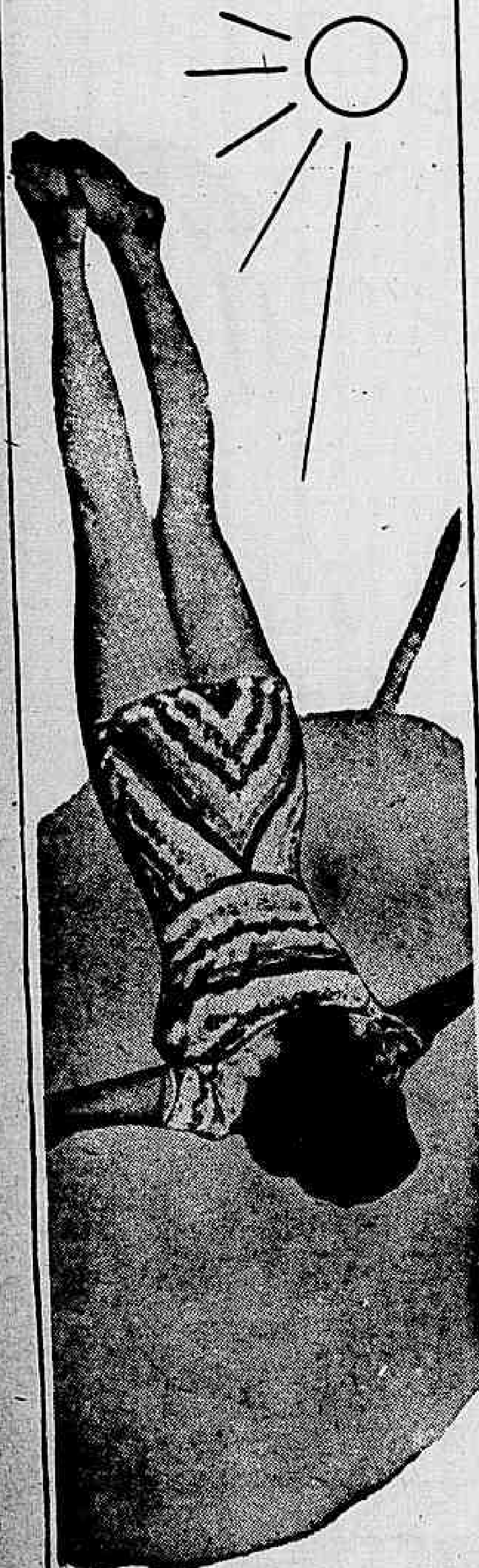
EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do **LIDERGRAMA**, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à sua frente, cada letra numa casa. Depois transportam-se para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. E, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 9: HERCULANO. LENDAS E NARRATIVAS — «De hoje a quatro meses podeis voltar aqui, senhor rei; e, ou eu morrerei ou a casa capitular da Batalha estará firme, como é firme a minha crença na imortalidade e na glória».

CORRESPONDÊNCIA — **DOMINGOS ALVES FOGAÇA**, Sorocaba: — Confessando a nossa ignorância quanto à existência de publicações de passatempos iguais ao **LIDERGRAMA** em outras revistas, com diferentes nomes, agradecemos a sua preciosa informação.

BENEDITO ARAÚJO BARROS, Paraisópolis: — Gratos pelas palavras de aplauso ao **LIDERGRAMA**. Aguardamos sua colaboração.

Uma cousa...



exige outra:



Polvilho Antisséptico

GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE

UM PÃO DO OUTRO MUNDO!

E' fácil de fazer...



VINHO, pão... e você!" disse o poeta. A terceira quantidade é imponderável. A primeira é questão de gôsto, não de dificuldade, que muitos vinhos da França, os melhores do mundo, andam por aí à venda. A segunda... ai, ai! COFAP e padarias dos nossos pecados! Mas há um jeito a dar: é fazer o nosso pão em casa, pelo menos de vez em quando para matar um desejo. E sem complicações, no forninho de qualquer fogão. Vamos dar às nossas leitoras uma receita que merecerá a admiração das experientes e será apreciada, por sua simplicidade, pelas marinheiras de primeira viagem. E o pão que resulta é dourado por fora, alvo e fôfo por dentro, uma delícia!

• PÃO DO OUTRO MUNDO

- 2 xícaras de leite
- 4 colheres de sopa de açúcar
- 4 colheres de chá de sal
- 5 colheres de sopa de manteiga
- 2 xícaras de água
- 2 tabletes de fermento
- 12 xícaras de farinha peneirada

• Aqueça o leite até que se forme uma película em sua superfície, mas não deixe que ferva. Junte o açúcar, o sal e a manteiga, dissolvendo-os. Ponha de lado para esfriar até ficar môrno. Depois amorne um pouco de água e desfaça com os dedos sôbre a água duas tabletes de fermento. Mexa até dissolver, o que leva de 5 a 10 minutos. Junte as misturas do leite e da água e mexa por meia hora. Junte a metade da farinha e bata bem. Junte a seguir o restante da farinha e leve para o mármore para amassar com as mãos, salpicando de vez em quando o mármore e a massa com mais farinha, porém sem exagêro para que o pão depois não fique pesado.



• Quando a massa estiver bem lisa, ligada e se deixar esticar ponha-a numa vasilha forrada de manteiga, passe manteiga sôbre a massa na parte de cima, cubra-a e deixe descansar em lugar abrigado e mesmo um pouco aquecido (nunca diretamente sôbre o fogo) até que a massa dobre de volume, que é quando conserva as marcas feitas ràpidamente com as pontas dos dedos. Nesse ponto vire a massa fazendo com o punho fechado um furo no centro e puxando as duas partes de fora para dentro.

• Leve a forno moderado por mais ou menos uma hora, até que o pão fique dourado. Quando a massa está no ponto solta-se com facilidade das fôrmas, que soam ôco quando nelas se bate pelos lados ou no fundo.

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO

Remessas pelo Reembôlso.

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

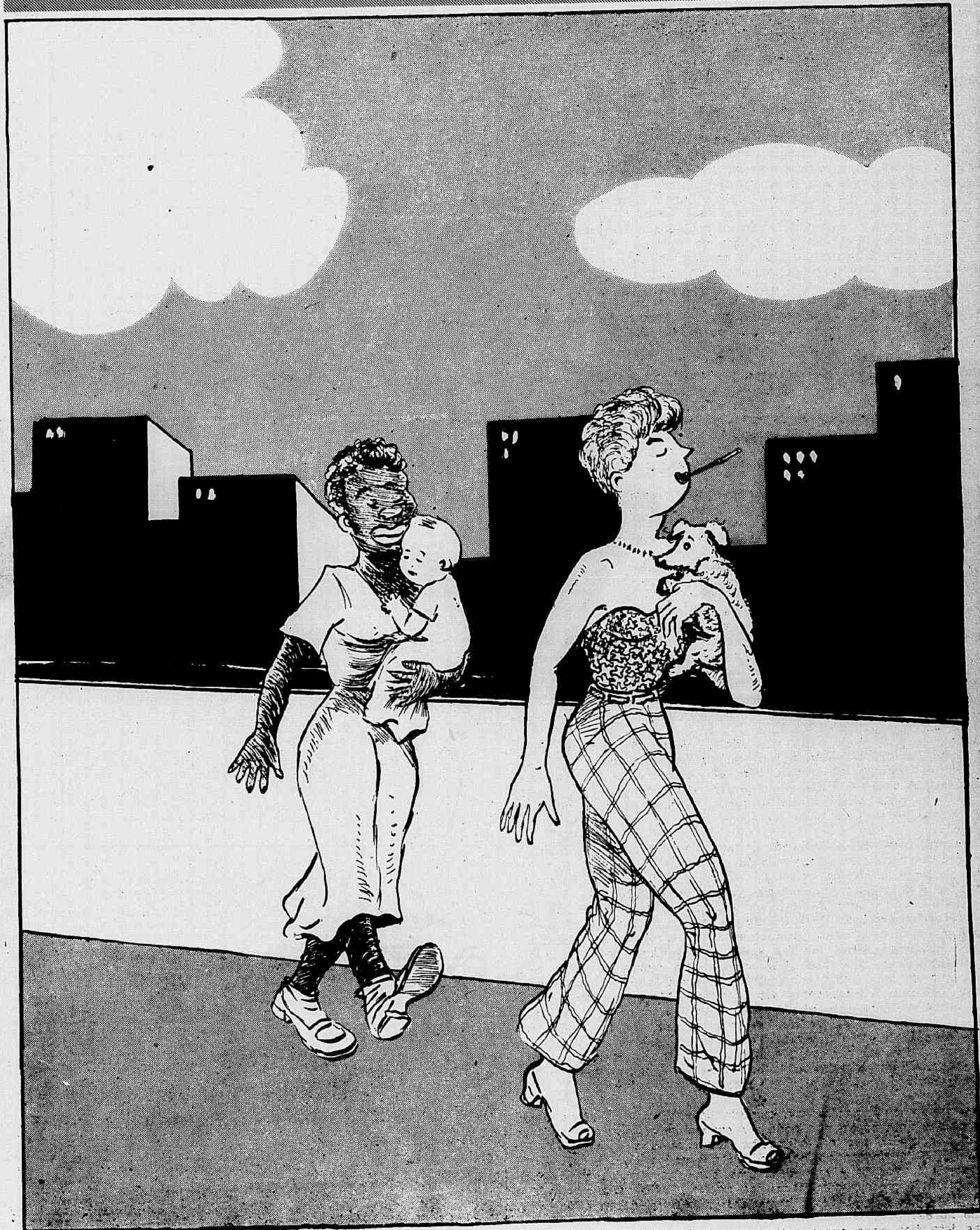
ESTE MUNDO E O OUTRO

Criação de DARCY

FISIONOMIA DA CIDADE

1.º COPACABANA

MAMÃE E A BABÁ



A SAÚDE DO BEBÊ

PRIMEIRO MÊS E SEUS PROBLEMAS

DR. SABOIA RIBEIRO

Os sinais de maturidade aparecem no menino nascido a termo por certas caraterísticas de pêso, comprimento e medidas das circunferências do crâneo e do torax. A cabeça apresenta-se com uma ossificação perfeita, apenas fazendo exceção o lugar da **moleira** as unhas excedem um pequeno nada a polpa digital.

Os seguintes dados precisam as cifras do recém-nascido, que podem naturalmente oferecer certas variações de um menino para outro.

Pêso 3.250 — Cumprimento 50 cm. — Circ. craneana 34 cm. — Idem do torax 31 cm. (tomam-se as medidas com uma fita métrica).

O umbigo deve ser tratado, nos primeiros dias, abstendo-se de certas práticas, que podem ocasionar perigo para a criancinha. Emprega-se, simplesmente uma atadura de gaze esterilizada, sêca, que enrola o coto, e depois, imobilisando-o junto à parede abdominal, fazendo algumas voltas pela cintura, sem apertá-la demasiado para não prejudicar a circulação. O uso de pomadas e substancias úmidas são condenadas, hoje, no tratamento do umbigo. E, de um modo geral, também, hoje, não se dá o primeiro banho senão depois da queda do coto (o que comumente se dá para o fim da primeira semana).

— Quando, após a queda do coto, persiste uma leve exsudação, bastará pincelar, aí, com uma solução de azotato de prata a 3 %, após o banho diário (montar um pouco de algodão num palito, para isso).

Entre as **descobertas** que se costumam fazer no primeiro mês de vida está a chamada **língua pregada**. Não ligar a isso. E' uma insensatez mandar cortar a língua da criancinha, ante a tal **língua pregada**.

A questão das roupas do nenem deve ser bem conhecida, devendo-se reter que o hábito de agasalhá-lo demasiado, sem atenção à temperatura, é um êrro tremendo, pois a roupa deve variar com o ambiente. A regra é a seguinte: "Pouca roupa no calor, muita roupa no frio".

Combate ao suor e não deixar a criança com a fralda úmida de urina. Aquêle leva aos resfriados, baixando a temperatura à sua evaporação, ou ante um golpe de ar. A urina enxarcando a fralda macera a epiderme e abre a porta às infecções das regiões vizinhas, ou seja anal e genital.

Ter idéias precisas sôbre a exoneração do intestino da criancinha. Quando o bebê não evacua diàriamente todos acreditam que o bebê está com prisão de ventre. Ora, o número de evacuações do bebê varia de um para outro. Uns evacuam 2 a 3 vêzes ao dia, e outros apenas uma vez, e mesmo dia sim, dia não. Não se dirá que o menino está com prisão de ventre senão quando as fezes são duras, expulsas com esfôrço e o bebê se acha com o pêso parado ou até diminuido. (Pensar nela principalmente se a criancinha está a leite de vaca e sem farinha).

Na maioria das vêzes, sendo o leite animal, a prisão de ventre reconhece esta causa, ou a falta de vitamina B (complexo B), excitante do intestino.

Quando o leite é de peito a prisão de ventre é aparente. Ou o leite está sendo aproveitado sem deixar quase resíduos fecais (e por isso a criança está muito bem de pêso, muitas vêzes), ou o leite é que é pouco e então a prisão de ventre é atestado de fome. (Sòmente o leite materno muito gordo, nalguns casos, pode fazer uma prisão de ventre; neste caso, as fezes são duras, saem com esfôrço).

As evacuações raras simulando prisão de ventre representam, também, muitas vêzes, um dos sinais da neuropatia. (Neste caso tratase de crianças sujeitas a crises de cólicas e o mecânismo da prisão de ventre é devida a espasmos das vias intestinais baixas).

As causas do chôro da criança constituem também motivo de interpretações errôneas de que cumpre advertir. No recém-nascido e logo após o nascimento, um chôro fraco, prolongado, gemido, é sempre um sinal sério; êle faz supôr alguma lesão celebral (caso de encefalopatia). Pode ser também um dos sinais da sífiles congênita quando a criança solta gritos imprevistamente, como uma pontada dolorosa, muitas vêzes até dormindo. Na neuropatia o chôro é um elemento constante não menos, e, aqui, a criança vive-se torcendo e espremendo, atirando-se de um lado para outro, solta pequenos gemidos e grunhidos, ora cacareja, ora soluça, desanda, sem motivo aparente, em um chôro continuo de irritação, esperneia continuamente, esfrega as mãos nos olhos. enfia os dedos na bôca e suga frenèticamente na sua chupeta (Chiaffarelli).

★

No primeiro mês, porém, um cuidado deve prevalecer sôbre todos os demais e uma noção não pode ser esquecida, aliás, extendendo-se a todo o primeiro ano da criancinha. O cuidado é o modo de alimentá-la, (seja quanto ao horário, ou quanto ao leite e seu modo de preparo); a noção é que, sem uma boa alimentação, não existe saúde infantil, motivo porque muitas crianças crescem e vivem doentes, pagando caro os êrros cometidos, não raro, datando das primeiras horas.

Mas isto fica para outro artigo: a criação do bebê no primeiro mês.

MAÇARICO, O . . .

(Cont. da pág. 26)

No princípio tudo fêz para dissolver o engano que a sua presença provocara. Falou com bons modos, negou o que lhe perguntaram. Por fim, já irritado com o casal de velhos e tôda aquela gente que o rodeava, fêz menção de ir embora. Aquilo era de mais!... Ninguém acreditava em suas palavras. Parecia que haviam ficado loucos para o receberem daquela forma! Todos falavam ao mesmo tempo sem lhe deixar ocasião de explicar. Resolvido a partir, desesperado com a confusão que criara, veio-lhe a idéia de que aquêle engano bem poderia ser a sua autêntica oportunidade.

Então não relutou mais. Aceitou os fatos como se apresentaram. Deixou que o tomassem por João Luís, o filho do velho casal de fazendeiros que, havia nove anos, abandonara o lar paterno sem dar notícias.

Sua chegada pós em alvorôço o pessoal da casa e a distante vizinhança. Todos queriam ver o filho pródigo que regressara para a alegria do casal de velhos.

Organizaram festas, bailes e outras manifestações em que o novo João Luís recusava tomar parte, alegando cansaço. Na verdade o que Maçarico temia era cometer algum engano que despertasse suspeita. Antes de se expandir, queria estar mais seguro do ambiente. Não pelos velhos que se lhe afiguravam serem as criaturas mais ingênuas que conhecera. Mas, os fazendeiros dos arredores, os colonos, êstes o olhavam com uma espécie de admiração que o deixava confuso.

Passado o entusiasmo do regresso, voltando tudo ao normal. Maçarico ficou radiante com a sua perspectiva! O casal de velhos tudo conservara para o seu filho único. Até a noiva de João Luís, uma fazendeirinha matuta e bonita, lhe coubera como herança. Devia casar-se o quanto antes, pois a moça esperava pelo noivo havia quase dez anos.

Vivendo num manancial de carinhos e atenções, Maçarico esquecera até o seu apelido. Decidira ser integralmente João Luís. Estava convencido de que êsse felizardo, há tanto tempo ausente, sem dar notícias, por certo já teria morrido.

A certeza dêste fato chegou com a revelação muito imporatnte de um colono da própria fazenda.

Era noite e Maçarico chegava de seu passeio à casa da noiva. Os velhos já estavam deitados e dormiam, provavelmente. O colono vendo-o apear-se para entrar no alpendre aproximou-se trêmulo, com um jeito todo confidencial:

— Patrãozinho, vance me adiscurpe... Mais tava 'sperando sua chegada pra lhe avisá. O Juca Barduino vai chegá hoje pra matá vancê outra veis. Ele num querdita qui vance tenha vortado... O homi qué ve pra mode crê!

Numa atitude mista de surprêsa e receio, Maçarico interrogou por que êsse Juca Barduino queria matá-lo e que história era aquela de assassiná-lo outra vez?

— Mas patrãozinho, intão vancê já num se lembra que saiu fugido pra mode ele num lhe matá?

— Espere, conte-me isso direitinho.

....

E assim a história de João Luís foi revelada a Maçarico.

O moço fazendeiro seduzira a espôsa do administrador. O marido ultrajado deixou a fazenda e prometeu voltar para lavar em sangue a sua honra. O rapaz, atemorizado, fugira . Dias depois, Juca Barduino relatava na tendinha do arraial, quantas facadas havia dado no cretino e que depois atirara o corpo na Lagoa Preta. Quem duvidasse que fôsse verificar!

Ao saber, na mesma tendinha em que relatara a façanha, que o sedutor de Malvina havia resuscitado, e estava vivendo junto com os pais, o rude homem combinara com os dois cunhados que o ajudaram no serviço, para virem certificar como podia ter acontecido tal absurdo.

Diante desta revelação, restava a Maçarico uma única alternativa: fugir. Não achou muito agradável esta decisão. Êle se havia adaptado tão bem aquela vida! Mas não tinha outra solução. Sua semelhança comparada com os retratos de João Luís, era uma coisa espantosa! Seria loucura enfrentar o inimigo do sósia. Tinha bastante enlêvo pela vida para arriscar-se a perdê-la.

Nessa mesma noite êle resolveu fugir. Sabia onde os velhos guardavam a chave do cofre. Tinha certeza que lá existiam jóias e dinheiro. De qualquer forma seu futuro estava garantido.

Meia-noite já estava preparado para deixar a casa. Pé ante pé, atravessou os aposentos e saiu sem fazer ruido. O cavalo ficara amarrado no esteio do alpendre. Rápido montou-o e partiu pela noite a dentro, certo de ser ainda um vitorioso!

Um tiro se fêz ouvir. Outros pipocaram no ar despertando os que dormiam. Acorreu gente para ver o que tinha acontecido.

Gravemente ferido, tendo o cavalo morto sôbre as pernas, jazia caido na estrada o aventuroso Maçarico!... Em suas roupas foram encontrados os roubos que fizera para fugir. Ligando um fato ao outro, enquanto êle era socorrido e levado para a cidade, chegaram à conclusão de que não era o João Luís e sim um malandro fugido da capital, depois de haver cometido várias estrepolias.

No modesto hospital da cidadezinha do interior, Maçarico se debateu entre a vida e a morte. A perna esquerda foi amputada, o braço direito quase teve o mesmo fim. A única visita que recebeu foi da polícia, encarregada de recambiá-lo tão logo êle pudesse viajar.

Foi nesse hospital que Maçarico se conformou que não nascera para vitorioso. Aceitou covardemente a situação de vencido e, assim envelheceu sem realizar nada de louvável pela vida.

OS ARIGÓS . . .

(*Cont. da pág. 34*)

de tenores de banheiro, armam uma função intima e alegre, que se prolonga pela noite a dentro. Nos intervalos, corre a pinga para molhar as gargantas. Com isso, êles suprem a necessidade humana de alegrar a vida, de fazer o que tôda gente faz, com dinheiro, lá fora.

OS JOVENS QUEREM "BICOS" PARA AUMENTAR A RENDA

Mas, nem todos os Arigós se conformam com o pouco que ganham na "obra". Muitos dêles, jovens ainda e de boa presença, procuram tarefas extraordinárias para encher as horas vagas e aumentar a "féria". Daí, muito ajudante de pedreiro que larga às quatro, passar, dessa hora em diante, a ser porteiro de cinema, vigia de garagem, olheiro clandestino de automóveis, nas proximidades das casas de diversões. São pequenos "bicos" que melhoram, consideràvelmente, a renda de pobres moços cheios de energia, mas sem instrução. Se fôsem bem orientados, quantos dêsses jovens não trocariam a precariedade dêsses "bicos" pela aprendizagem noturna, pela instrução indispensável a um futuro melhor? Mas, infelizmente, êles não encontram quem lhes aponte um caminho, já estão cansados de sofrer e só vêem o imediato.

O RIO VERTICAL

São, pois, êsses modestos Arigós, oriundos de todos os recantos do Brasil que, sob a orientação de técnicos e o comando dos "mestres", vão invertendo, assustadoramente, a cidade.

Diàriamente, êles se entregam, aos milhares, à faina heróica de verrumar o espaço. Com vigas de ferro, cimento e tijolo, vão arrumando lajes sôbre lajes, andares sôbre andares, em direção ao infinito. Às vêzes, quando, perigosamente, fazem ginástica nos andaimes, um infeliz se despenca para baixo, traído por uma vertigem banal ou por uma séria "panne" do coração. Nesses dolorosos momentos a "obra" faz uma pausa. Todos lamentam a perda do companheiro. Vem a Justiça do Trabalho. A tragédia vira indenização. E a pobre vítima é enterrada como viveu, anònimamente, na vala-comum do Cemitério, som uma tôsca cruz feita pelos amigos e que nunca mais será visitada.

Mas isso, na vida dos Arigós, é apenas um ligeiro parêntesis. A "obra" continua...

OS ARIGÓS AMEAÇAM OS CÉUS

Tôda essa cidade vertical e ciclópica que, diàriamente, se vai renovando aos seus olhos, leitor amigo, é produto dos Arigós. Foram êles que acabaram com as residências solarengas de Copacabana, com os "cortiços" de Botafogo(com as "vilas" bucólicas de Laranjeiras. Agora vão caminhando para Ipanema. Leblon já começa a tremer nos seus alicerces. Diz-se que nesses recantos a Prefeitura armou a tesoura urbanística para aparar-lhes as asas. Os Arigós, porém, sorriem. Êles sabem que os magnatas do cimento-armado podem tudo. Não há tesouras que cortem o seu vôo para os céus. O Exército Nacional é muito mais forte e, no entanto, tem sido burlado em áreas do Leme e Copacabana, cujos edifícios, por medida de defesa militar, não deviam ultrapassar de oito andares e, ostensivamente, têm dez. Não adiantam protestos nem mandados de segurança. Enquanto existirem áreas construíveis e financiadores, os Arigós estão certos de que ameaçarão os céus.

A INSATISFEITA

"Mesmo agora estou atordoado, sem poder crer que sua carta me tenha trazido a verdade. Eu a li, reli, tornei a ler e ainda a releio, e sempre a o faço, vou encontrando um senso novo, uma nova esperança. E hoje ela está em minha secretária, precioso documento que me dá a tentação de dizer coisas que, talvez, não devesse dizer, de rogar por coisas que não devesse pedir.

"Minha bem amada. Que tenho eu para oferecer-lhe? Nada mais do que uma casinha aqui nestas colinas arenosas, uma pequenina igreja que, em breve, vai ser erguida entre pinheiros, uma vida de trabalho ao pé do pequenino templo, pois os seus sonhos, — seus e meus — vão realizar-se e a igrejinha será construída dentro de um ano.

"Além disso haverá meu jardim. Um jardim de almas. Virá você para reflorí-lo como fêz reflorir minha vida? Tudo o que sou, devo-o a você. Quando eu estava desesperado lá nas "Chambres de la Tour", foi você que me deu esperanças. Quando perdi a confiança em mim, vi a fé a brilhar em seus olhos. Quando eu vi o seu ânimo de moça, minha coragem renasceu também. Foi você quem me disse que eu tinha uma mensagem a entregar.

"E estou a ponto de cumprir essa mensagem, embora tenha a impressão de que é muito pouco o que tenho a oferecer-lhe: minha obra evangelizadora.

"Outros homens poderiam oferecer-lhe castelos, outros podiam oferecer-lhe uma vida de opulência, enquanto eu lhe ofereço uma vida em que ambos nos consagraremos um ao outro e ao mundo. Não importaria a que mulher tivesse eu de oferecer isto, mas você é diferente. Desde a primeira vez que a vi, com sua cabeça erguida, seus gestos francos, notei que se tratava de uma criatura diferente do restante das mulheres. Uma mulher franca e corajosa, forte e decidida, a pedir à vida outra coisa além da acomodação fácil. E agora, quer entrar na luta ao meu lado, ombro a ombro, até à vitória?

"Algo me diz que receberei esta resposta; "Sim". Será esta a atitude correta para um homem em tais condições? Mas eu tenho o dever de encontrar o caminho de seu coração. Sua carta mo diz.

"Se pareço muito seguro de mim mesmo, perdôe-me. Mas sei o que desejo para

(Continuação do número anterior)

mim, e o que desejo para você. Já não sou mais aquêle Roger Poole das "Chambres de la Tour", alquebrado, vencido. Sou o Roger Poole no jardim de almas, marchando triunfalmente ao ritmo do universo.

"Ao escrever-lhe, tenho a visão de pequenina casa muito branca, ao lado da igrejinha branca, em meio de florestas de pinheiros novos, uma casinha que terá um vergel aos fundos e que se cobrirão de rosas em abril, com violetas sôbre os muros e rosas que vão de maio a dezembro. E eu continuo a vê-la assim, nessa visão benfazeja, até que você me diga alguma coisa que destrua o meu sonho. Mas estou certo de que não o destruirá. Um dia você ouvirá os pássaros noturnos a cantar ao clarão da lua, como eu os ouço neste instante, em que estou sòzinho, dentro da noite silenciosa.

"Mary, eu tenho precisão de você, quero-a a meu lado, e espero que isto não seja um brado egoísta. Sua carta também me diz que você deseja estar comigo. Que quer dizer isso? E' o amor, Mary querida, o amor e a vida.

"Roger"

CAPITULO XXVI

A região das areias brancas e dos troncos calcinados está marcada pelos sulcos no leito da estrada de barro sólido. Quando os automóveis das cidades e das estações climatéricas começaram a invadir os pinheirais, verificaram que as antigas pistas para carros a cavalo não serviam absolutamente a veículos de pneus. E foram feitas estradas que cortavam rotas côr de laranja a entrecruzar-se através do imenso deserto.

Foi por um mês de abril, que, nos caminhos que conduzem às colinas, que se viu um dos estranhos veículos de região puxado por dois animais que andavam molemente e que pareciam arrastar o veículo sem ninguém. Entretanto estavam guiados por mão oculta dentro do carro, pois que, de súbito, mudaram de rumo e penetraram na pista sob os pinheiros.

Penetraram cada vez mais na floresta, seguindo uma vereda que se estendia floresta a dentro, sem fazer nenhum ruído,

(Cont. na pág. 50)

CAÇADAS HUMANAS

(Cont. da pág. 19)

e de um bando de contrabandistas das duas nações? O resultado aí está. O crime impera na fronteira."

O Dr. Renato Costa, Subchefe de Polícia do Estado, designando para dirigir as investigações na fronteira, quando interrogava alguns patrícios das margens do Uruguai, encontrou um índio velho da região, que lhe mostrou várias cicatrizes de bala pelo corpo dizendo serem as marcas de um contrabando.

— Mas o senhor ainda vive disto? — perguntou-lhe aquela autoridade.

— Agora mais do que nunca, doutor. Como é que vou pagar as despesas com o tratamento?

COLONOS METRALHADOS

Esta reportagem estava sendo escrita quando chegaram notícias de novos atentados na fronteira, ocorridos dia 9 do corrente. Lanchas da gendarmeria argentina, fortemente armadas com metralhadoras e outras armas modernas, metralharam as casas de colonos brasileiros situadas próximas às margens do Uruguai. Dois colonos, que cavalgavam pela margem do rio, tinham sido acossados pela fuzilaria e obrigados a abandonar suas montarias, embrenhando-se pelos matos para fugir à morte. Não houve, contudo, vítimas. O delegado de polícia da localidade comunicou o fato ao chefe de polícia do Estado, enquanto que a população, dizem as notícias chegadas a Pôrto Alegre, justamente revoltada, está disposta a revidar as agressões sofridas. Como pode ver-se, a situação na fronteira Brasil-Argentina assume aspectos sombrios. O Govêrno de nosso país não parece, contudo, muito preocupado, nem parece, mesmo, ter reclamado a Buenos Aires. Se o fêz, entretanto, o país vizinho é que não prestou a devida atenção às reclamações feitas, pois os gendarmes argentinos continuam agindo como se nada houvessem recebido de seu govêrno, isto é, continuam obstinadamente a caçar brasileiros pelos matos das margens do rio Uruguai.

Respostas ao teste

1—Rio de Janeiro
2—1848
3—Em Montgomery (Alabama)
4—19.4.1861
5—Gonçalves Dias (146 votos. C. Alves, 108, e L. Delfino, 74)
6—Pelo umbigo (cordão umbilical)
7—Quase sombra
8—16
9—500
10—Metaloide
11—Na francesa (Oiseau — Pássaro)
12—Cinco (Sup. Trib. Federal, Trib. Federal de Recursos, Tribunal Militar, Trib. Eleitoral e Tribunal do Trabalho)
13—O Senado Federal
14—Onze
15—Quatro.

À LUZ DA PSICANÁLISE

TIMIDEZ

DR. LUIZ FRAGA

(Trecho dum relatório de José de Ramos)

"Ainda sinto que o meu processo de cura acha-se longe da meta Persistem reações depressivas que continuam me acompanhando, apesar de todos os esforços. As sensações de nervosismo, pavor, inquietação, continuam lançando sombras na minha vida, impedindo-me de levar uma existência feliz. Um dos principais motivos de frustação e amargura é o problema mulher. Assisto ao desembaraço dos companheiros cada qual com a sua eleita e eu apenas me faço cercar de amigos do mesmo sexo, sentindo cada vez mais a ausência dum ente feminino. Dìàriamente, de cada dez indivíduos com quem converso, nove me falam de mulheres, com entusiasmo. Não tenho ânimo de dizer a minha fraqueza. O senhor vem chamando a isto timidez. Tenho receio de sentir, para o futuro, orgeriza às mulheres.

De referência ao lugar em que trabalho, não consigo ficar à vontade com o meu chefe, que é, aliás, delicado e atencioso. Meu acanhamento deve produzir uma impressão má. Mesmo sôbre assunto de serviço, tenho, para com o chefe, uma sensação de mêdo, embora injustificada.

As refeições quedo-me isolado da palestra geral, por não encontrar assunto. Sou pouco comunicativo e sofro muito com isto. Se vou à bailes, tenho acanhamento de convidar as jovens para uma contra-dança".

José de Ramos sofre de uma inibição e um recalque, provenientes de sua educação, com excessos de mimos, por um lado e um rigor demasiado, por parte de seu pai, segundo êle próprio relata em seus exames. Tornou-se, então um hábito, em sua vida, o retraimento e a falta de coragem em si. O hábito não é apenas uma segunda natureza. Wellington dizia que é "dez vêzes natureza", tanto quanto diz respeito à vida adulta. Êle sufoca grande parte das tendências naturais impulsivas que existem originàriamente. Nossa atividade é automática e habitual, da manhã à noite. A repetição caracteriza tudo o que fazemos: desde o levantar, o banho, o mastigar, o andar... Temos sempre uma resposta automática para cada sorte de impressão.

Somos criaturas estereotipadas, imitadoras e copistas dos nossos "eus" passados. Devemos, porisso, enraizar a série de hábitos que nos sejam mais úteis, corrigindo, **mas não recalcando** os que nos pareçam prejudiciais. A educação forma o comportamento e os hábitos são o material em que consiste o comportamento. E' preciso fazer o nosso sistema nervoso nosso aliado, ao invés de nosso inimigo.

A custódia do automatismo passivo devemos entregar as particularidades de nossa vida passiva, para que consigamos deixar livres os altos poderes do espírito e para que realizemos o nosso próprio trabalho. A indecisão amesquinha o ser. Devemos acumular as circunstâncias que tendem a forçar os motivos justos e comprometer-nos, conosco mesmos, numa resolução decisiva. Isto nos dará fôrça para a consecussão do que objetivamos.

CORRESPONDÊNCIA

Marilia — Copacabana — Meu consultório é Rua Senador Dantas, 76 — 4º andar — Dìàriamente, à tarde. Sim, é fácil.

Justo — São Paulo — Envie um relatório.

Mauro — Minas — O nome é J. S. Mill.

Evandro — Salvador — Procure um oculista.

COUPON

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... Profissão ....

Residência ....

ARTE



MARIA de Vasconcelos, sem dúvida um dos expoentes da pintura portuguêsa, vai expor nos salões da Associação Brasileira de Imprensa, de 1 a 8 de Julho. Artista por temperamento, possuidora de uma sensibilidade extraordinária, as suas obras, de um desenho seguro e forte técnica de pincel, dão por vêzes a impressão visual de escultura, tal a firmeza com que modela.

Curiosíssima a sua vocação. Guiada desde os seis anos pela mão do mestre português Artur Loureiro, Maria de Vasconcelos assimilou com os ensinamentos ministrados e, estudando sempre e cada vez mais, descobriu parte de si própria. Retratos, paisagens, ilustrações para livros, saíram-lhe do lápis e do pincel ricos de pormenores e exuberantes de vida. E' porém no retrato que, ela o confessa, se sente verdadeiramente feliz. A sua primeira exposição foi um poderoso estímulo, que Maria de Vasconcelos soube acolher. As que se lhe seguiram não foram mais que a justa consagração do seu valor.

Dentro da escala convencional dos valores, ao contemplarmos as suas obras, vem-nos à lembrança os famosos retratistas que fizeram e fazem época. Jovem ainda, Maria de Vasconcelos atingiu de há muito o estrelato. Não pomos em dúvida o sucesso da sua exposição. E os seus quadros, melhor que ninguém, serão a prova insofismável do seu valor na arte tão difícil de retratar.



CERTAME FOTOGRÁFICO

A REVISTA DA SEMANA quer interessar os seus leitores fotógrafos em reportagens e, desta forma, se propõe selecionar, nas condições indicadas, alguns entre os melhores trabalhos que lhe forem enviados. A seleção será feita por uma comissão de cinco pessoas idôneas e os trabalhos aprovados serão publicados e remunerados como colaborações de qualidade excepcional.

Os pretendentes a tal gênero de colaboração só têm que observar escrupulosamente as condições do regulamento que damos a seguir, escolher seus assuntos e fazer funcionar suas máquinas. O resto ficará a cargo da comissão julgadora do mérito dos trabalhos apresentados.

1. Qualquer leitor do Brasil ou do estrangeiro, profissional ou amador, pode participar desta competição, desde que observe o Regulamento e remeta seus trabalhos dentro do prazo de noventa dias, começando de 26 de abril de 1952. Nos trabalhos expedidos por via postal se tomará em consideração, para efeito do prazo, a data do carimbo da repartição postal expedidora.

2. A remuneração aos trabalhos classificados pela Comissão Julgadora será de duas naturezas: **a)** remunerações-prêmio para reportagens fotográficas e **b)** remunerações para fotografias isoladas.

3. Considera-se reportagem fotográfica a série ou seqüência de fotos, relacionadas com um mesmo assunto que, acompanhadas de legendas breves, contem por si sós uma história. Por exemplo: a história de um embarque no pôrto, com a seqüência das cenas de despedida no cais; do viajante na amurada do convés; dos lenços acenados pelos que ficam; do navio que se afasta; atitudes interessantes dos que vão e dos que ficam, etc.

4. Considera-se fotografia isolada tôda aquela que satisfizer as exigências de técnica fotográfica e apresentar interêsse jornalístico, realizando, sob êsses dois ângulos mencionados, uma unidade completa.

5. As remunerações para as melhores reportagens fotográficas são: 1ª classificada — Cr$ 10.000,00; 2ª classificada — Cr$ 5.000,00; 3ª classificada — Cr$ 3.000,00; 4ª classificada — Cr$ 2.000,00.

6. As remunerações para as melhores fotos isoladas serão: duas de mil cruzeiros cada, para as primeiras classificações; e quatro no valor de quinhentos cruzeiros, para as classificações seguintes.

7. As fotografias enviadas pelos pretendentes à colaboração estabelecida neste Regulamento não serão devolvidas e as classificadas, não premiadas, poderão em qualquer tempo ser publicadas, ficando o autor com direito à remuneração habitualmente paga pelos trabalhos de rotina.

8. Os nomes que compõem a Comissão Julgadora serão revelados juntamente com os resultados do Certame, em seguida ao julgamento.

9. O envio de trabalhos deve ser feito com observância das especificações seguintes: **a)** o pretendente remeterá conjuntamente negativos e cópias; **b)** as cópias devem ser esmaltadas e tiradas no tamanho 13x18; **c)** cada cópia deve ser acompanhada de legenda explicativa, com a extensão exigida pelo assunto que se explica.

10. O material deve ser metido em sobrecarta, com pseudônimo do candidato. Dentro da mesma sobrecarta deve ser incluído um envelope menor, fechado, sôbre o qual se escreverá o pseudônimo e dentro do qual se darão as indicações seguintes: nome, nacionalidade, idade e domicílio.

11. No julgamento serão considerados tanto os elementos técnicos (luz, foco, composição, etc.) como os jornalísticos: movimento, ação, singularidade, curiosidade, oportunidade, ineditismo do assunto, etc.

12. Qualquer omissão dêste Regulamento será suprida pela própria Comissão Julgadora, que fará constar o fato, e sua explicação, no laudo final do julgamento.

13. Os pretendentes devem enviar seus trabalhos para: "REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Certame Fotográfico". Convém escrever no envelope, com clareza, em lugar visível, o seguinte: — "Pede-se não dobrar".

ONDE AS VIOLAS GEMEM...

Por LUIZ CRISTOVAM DOS SANTOS

PARECIA brincadeira a luzinha elétrica de São José do Egito, piscando na rua, sob o luar poderoso, clareando tudo, as serras e as casas, a cidade tôda, com ares de sono, logo cedo. Foi quando um sujeito deu a notícia:

— Chegaram dois cantadores e vão tocar viola no café de "seu" Zé Bento.

A notícia me interessou, abalei-me para o "mosqueiro", em cuja frente havia uma placa mal feita, ostentando um letreiro pior:

CAFE' VENCEDOR
Ambiente familiar e com hospedaria

No meio da sala acanhada os cantadores estavam sentados, de pernas cruzadas, afinando as violas. Em redor "seu" Zé Bento dispusera cadeiras e tamboretes. Várias pessoas, inclusive mocinhas risonhas, já se encontravam à espera da cantoria. Alguém me ofereceu uma cadeira:

— Sente doutor, o senhor falou muito no júri de hoje, por sinal gostei muito.

Agradeci a gentileza da professorinha. Sentei-me e esperei também o desafio. Então com mais fôrça, os cantadores repinicaram as violas. Um era alvo, de óculos claros, cabelos para trás, ostentando certo ar de superioridade sôbre o outro, que era um moço moreno, atarracado de corpo, com alguns anéis nos dedos e um broche ordinário rutilando na gravata. Primeiro cantaram uns versos de saudação "ao distinto auditório enfeitado por tanta donzela bonita". Depois o martelo. O galope a beira-mar. As palmas reboaram. "Seu" Zé Bento serviu quinado aos menestréis. Recolheram o dinheiro que se avolumava, no chapéu de massa, colocado em cima de um tamborete, no meio da sala. Alguém pediu que êles cantassem uns versinhos de amor. E, no silêncio que se fêz, os cantadores prestaram uma grande homenagem a um "irmão da opa", também como êles poeta do povo, menestrel dos sertões, cantador afamado, ostentando na viola enfeitada de fita, a alma da terra lendária do Pajeú e cantaram uns versos do grande Zabelê, que diziam assim:

"Não sei se Deus fêz os home,
Mas porém fêz as muié:
Uma só morena dessas
Tem tudo que a gente qué".

As palmas reboaram, um curto-circuito incendiou a assistência, as violas repinicaram de novo:

"Outras vez essas caboca
Tudo dão e com fartura:
A noite de seus cabelo
E o luá da formusura."

A professorinha olhou para mim, os olhos brilhando, o belo sorriso sadio, como se entre os lábios frescos prendesse um cravo branco.

"As tristezas vão-se embora
Do peito da criatura;
Inté mesmo é um prazê
Um tiquinho de amargura.

As moça do meu sertão
E' um céu e um cabedá;
Deus me mandando uma delas
Pode o mundo se acabá.

Tem lá dentro da garganta
O canto dos passarinho
E nas denguice da fala
Os dengo que hai nos ninho.

Tem a noite nas pestana
Tem na luz dos óio o dia,
Na boniteza do corpo
Tem as maió maravia...

Então olhei para a professorinha e dei um suspiro tão do íntimo que o coração parecia querer falar, dizer versos, uma cantiga, qualquer coisa para aquêles olhos de veludo negro, para aquêle sorriso irmão dos cravos que florescem nos sertões, mais belos do que os lírios de Salomão. Não disse nada, mas a professorinha me entendeu, naquele minuto de poesia selvagem escorrendo das violas, na noite enluarada.

"Quem já correu muita terra
Moças iguá não achou
A fôrma em que Deus fêz elas
Logo depois se quebrou.

Pode havê pulas Oropa
Muita riqueza e brancura,
Mais é aqui no sertão
Onde mora a fermusura.

Aos amô dessas morena
Ninguém, ninguém arreseste
Elas tem todo os encanto
Todo o calô do nordeste."

Os rapazes que ouviam a cantoria fizeram um barulho tremendo quando os poetas cantaram:

E mesmo que se arresorva
Vivê-se no caritó,
Cai-se um dia na arataca
No cipoá de um chodó.

"Seu" Zé Bento serviu mais um gole. A saleta não comportava mais ninguém. O som das violas se derramava pela rua. E com êle a doce voz dos cantadores, irmãos das asas-brancas e das juritis:

"Se a raça dessas muié
Mandasse Deus acabá,
O só perdia o calô
O céu perdia o luá.

"E o sertão dos imbuzeiro,
Dos velame prefumado,
Ficava sendo um deserto,
Medonho, amardiçoado.

Pode o mundo pegá fogo,
Pode a terra se arrazá;
Tendo o amô de uma morena,
Tenho a terra, o céu e o má.

Quando penso nessas coisa,
Nesses milagre do amô,
Cada vez mais acredito
Nos pudê do criador.

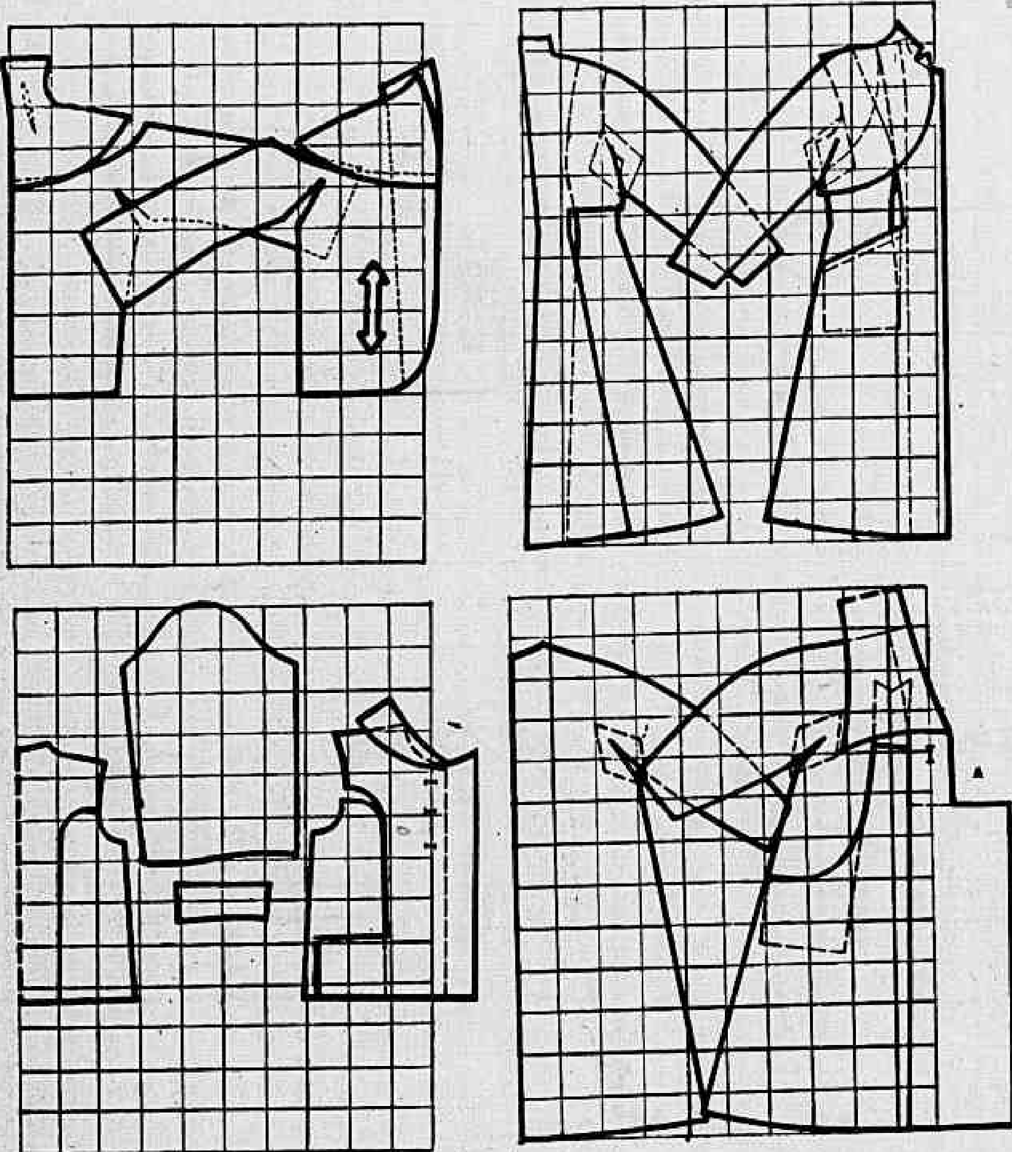
As muié tão delicada
Só com a voz e com os oiá,
Põe êste mundo às avessa
E às vez de perna pro à.

Elas faz de paraíso
Um inferno abrazadô,
De um inferno um céu aberto
Entupido de fulô."

(Cont. na pág. 50)



FRIO e NOVISSIMAS CREAÇÕES



Êstes são os diagramas dos modelos apresentados nas páginas 35, 36 e 37 dêste número.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

ONDE AS VIOLAS . . .

(Cont. da pág. anterior)

No fim, os poetas disseram em quatro versos, a razão de ser das violas e dêles mesmos, cantando por aquêles mundos, não dormindo nas noites de lua, alheios a tudo, sem certeza do pão de cada dia, vagando pelas fazendas e vilas, enchendo de poesia os terreiros limpos nas festas dos casamentos, espalhando por tôda parte a riqueza que Deus lhes deu que é a poesia, pura e limpa como água da palma dos gravatás:

"Ah! Morenas feiticeira,
Que Deus um dia inventou!
Se não fôsse os oiá delas,
Não havia os cantadô."

Noite alta encerram a cantoria. Eu é que fiquei olhando a cidade adormecida sob o manto da lua, que é pecado se dormir numa noite daquelas, com violas e cantadores. Lembrei-me da professorinha amorável — estranha flor morena — alma romântica, de olhos de veludo líquido, de sorriso brincando nos lábios e de meigo coração sonhador, que coração de moça donzela, nas noites de lua, é irmão das violas, gemendo baixinho, pedindo noivado, pedindo beijos, pedindo casório.

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 47)

como se marchassem sôbre um mar de esmeralda. Por fim chegaram a uma clareira entre as árvores, iluminada de sol e onde havia a mais pura tranqüilidade.

Então aparece um homem e salta do veículo. Veste uma roupa cáqui. Descobre-se, olha um momento para os pinheiros e chama docemente:

— Mary.

Ela aparece e êle a segura entre os braços.

— Aqui está a minha catedral. Aqui estão os mais altos pinheiros.

Mary se apóia de encontro a êle e observa em derredor. Êle a enlaça amorosamente. Ela vestia blusa de sêda fina, com saia branca e seus cabelos bem penteados batiam em suas faces.

— Roger, diz-lhe ela, pôde você sonhar, algum dia, com uma lua de mel semelhante à nossa?

— E jamais pôde um homem imaginar-se ao lado de uma mulher como você, de uma companheira semelhante a você?

Ficaram em silêncio. Não precisavam de palavras. Roger forrou o chão e foi acender o fogo para cozinhar o repasto. Os animais do veículo estavam à sombra das árvores, tranqüilamente felizes.

Depois, o estranho veículo tornou a viajar, a seguir milhas e milhas daquela rota côr de laranja, atravessando, de quando em quando, prados floridos, salpintados de touças brancas sôbre o fundo arenoso a brilhar como neve sob os ofuscantes raios de sol. E assim viajaram até ao fim do dia. E quando caiu o crepúsculo, quando as estrêlas luziram na noite morna, e quando a lua ergueu seu disco de ouro, então os pássaros noturnos começaram a cantar...

FIM.

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.

S E N H O R A S E S E N H O R I T A S

que amam a praia . . .

Não deixe que a queimadura do Sol, roube a sua maior atração. A beleza de sua pele. Queime-a, porém, mantenha sempre fresca, assetinada e juvenil. A Água de Junquilho, com atestado insuspeito do grande dermatologista professor Aleixo de Vasconcellos, corrige e evita as sardas e manchas da pele, principalmente os chamados «pigmentos», parasitas que tiram a graça aos ombros e braços das nossas sereias. As espinhas, cravos, acnes e dilatação dos poros desaparecem com o uso da maravilhosa Água de Junquilho, que previne, trata e preserva a pele dos males próprios. Nas farmácias, drogarias e perfumarias.



F U M E

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes, apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

N I C O T A N

A REVISTA HÁ 50 ANOS

CRÔNICA

DECIDIDAMENTE, e apesar de quanto se tem escrito em contrário, opera-se nos nossos costumes uma transformação no sentido da bondade suave de que parecíamos andar esquecidos há um bom par de anos. Dir-se-ia que acordamos de um pesadelo vermelho, renascendo para a vida do trabalho, da paz e da civilização. Oxalá não afrouxemos de velocidade arrepiando carreira. E' sempre arriscado confiar nos repentes dos povos impulsivos: confiar, descon fiando sempre.

Mas não sofre dúvida que a vesânia liberticida e sanguinária que por largos meses obcecou parte do nosso povo, vai sendo proscrita por ideais mais nobres de verdade, justiça e clemência e que de novo as puras criações da inteligência e do sentimento empolgam esta nossa gente, tão arredia e esquiva às lindas cousas do mentalismo.

Assim, uma salutar atmosfera de bondade e de bom senso envolveu a semana que hoje finda, interessando o povo em uma série de acontecimentos qual dêles mais estranho às flutuações do mercado de câmbio, à crise do café e às manigâncias da compra e venda. Andaram em jôgo nestes abençoados sete dias cousas de alta linhagem mental: a arte, as belas letras e até a liberdade de pensar, falar e escrever. Chegou e estreou a Réjane, e encheu-se o vasto casarão do Lírico; continuou o público, e do melhor, a honrar com a sua presença e os seus aplausos a Companhia Dramática Portuguêsa; finalmente, a opinião criteriosa e humana conseguiu excluir do préstito cívico em homenagem à memório do Marechal Floriano o andor de Francia, ditador do Paraguai.

E que alta significação moral tem para nós essa medida! Imensa, incalculável como sinal da melhoria dos tempos. Entre as várias invenções bizarras e macabras que a mudança de regime nos trouxe, êsse endeusamento da ditadura, personificação em um dos seus mais implacáveis corifeus, era uma das mais perigosas pela sua ação dissolvente na consciência nacional. Entre essa memória e o passado brasileiro não pode haver congraçamentos festivos.

Nós representamos na anarquia sul-americana a tradição do direito contra a fôrça, da legalidade contra as surprêsas da ambição. Enquanto por dilatados anos, as nacionalidades hispano-americanas se estraçalhavam e devoravam umas às outras ou se debatiam em horríveis crises internas, liquidadas pelo binário conjugado da espada e da falência nós prosseguíamos em paz no nosso caminho, conforme aos preceitos da moral e do direito, dando ao mundo notáveis exemplos de honestidade administrativa e liberdade política, assimilando o estrangeiro pelo carinho e pela efetividade das garantias constitucionais. A simples idéia da ditadura, a invocação da sua fórmula fatídica carregavam o sobrolho dos conservadores mais ferrenhos, desgostavam sinceramente o próprio imperador que entendia que a violência era um princípio estranho ao direito público americano. Além das fronteiras, o cárcere, a tortura, o extermínio sem forma de processo, o arbítrio, o bel prazer do imperante; aqui, o respeito da Constituição liberal a sua rígida observância dentro das inevitáveis paixões humanas. Quem há dez anos houvesse ousado glorificar, em nome do Brasil, a memória de Francia, encontraria dentro de si, a execração geral.

Tudo isso foi possível em um interregno de maldade e de demência que muitos pensaram fôsse eterno, subvertendo de um jato a civilização brasileira. Parece, porém, que o não será. Já o andor de Francia passou para o necrotério dos falsos deuses. Não é ainda tudo; mais é já muito.

JACQUES BONHOMME

FRAGMENTOS

O juàzeiro é um símbolo da esperança. No mais intenso verão — lá para os últimos meses do ano — o viajante que percorrer os vastos sertões do Ceará notará a profunda desolação que reina na mata reduzida ao esqueleto; as árvores despidas de sua túnica esmeraldina com gradações de tons, à corrente aérea que passa, inclinam os ramos esfolhados sem vibrarem a inimitável e augusta sinfonia que a natureza entoa.

Fôlhas sêcas voam aos bandos levadas pelo vento, modulando uma triste e incompreensível canção que é como a saudade da olorosa estação que findou, saudade dos segredos da espessura, de idílios de passarinhos, que só sabem amar cantando...
quem vos protege os cé'oCHMR..DUkNUk
"Colibris mimosos, belas flores aladas, quem vos protege os ninhos feitos de macio e alvo algodão?"

Dir-se-ia que exalam perfumes as fôlhas caídas quando as arrasta a ventania... Nessa altivez que o sol espalha em torrentes de luz cáustica, nessa morte aparente das plantas ressequidas, o juazeiro com o verde-alegre de sua folhagem surge como a concretização de um formoso ideal: a alegria incansada repousa com uma espécie de volutuosidade que irradia e acalenta, e o corpo exausto das grandes caminhadas anseia pela sombra salvadora que lhe oferece descanso e frescura. Dali pode-se contemplar à vontade êste céu cearense, de um azul sem mancha, incomparàvelmente lindo, tão alto, tão longe da terra adusta que se estende, se estende...

Mas a chuva regue êsses campos dez, vinte dias e ver-se-á, como por encanto, ressurgir vegetação opulentíssima que alcatifa o solo, antes nu e áspero; as árvores vão pouco a pouco perdendo o aspecto sombrio para se tornarem com as galas vicejantes que lhes envia o inverno. Então pássaros trinam alegremente nos ramos, insetos multicores borboleteiam inquietos e os leitos estanques dos rios ocultam-se sob ondas mansas que rumorejam... — **ALBA VALDEZ**



Fac-símile dos títulos emitidos pela sociedade anônima de economia e seguros "A Econômica", que realizou quarta-feira última o seu primeiro sorteio. Êsses títulos foram feitos sôbre desenho de Julião Machado e executados nas oficinas gráficas do JORNAL DO BRASIL e REVISTA DA SEMANA. Dêsses títulos, os de ns. 5 e 12 foram ofertados ao JORNAL DO BRASIL e REVISTA DA SEMANA e formarão parte do patrimônio dos nossos pobres.



LIDO... VISTO...

CAVALHEIRO DE INDÚSTRIA

JOSÉ Alexandre Barbosa Lima, republicano histórico, discípulo de Benjamin Constant, positivista como o mestre, foi eleito muito jovem para o govêrno de Penambuco, alto cargo mais tarde ocupado também por parente seu, de igual nome, Barbosa Lima Sobrinho

Não é da vida agitada daqueles tempos, que vamos tratar, mas de pequeno episódio ocorrido numa das manifestações provincianas feitas ao chefe do govêrno, aliás uma das maiores cerebrações que tem passado em nosso Parlamento e dos mais eloqüentes oradores.

Certa feita, num banquete, numa localidade do interior do Estado, o orador exaltava as suas qualidades de administrador e querendo dar mais fôrça aos elogios, exclamou, à certa altura, na maior boa fé, pensando agradar em cheio:

— Enfim, meus senhores, o governador Barbosa Lima, êsse homem empreendedor, êsse verdadeiro cavalheiro de indústria...

Houve risos. E Barbosa Lima não se contém e aparteia o orador:

— Muito obrigado pela intenção!

RESPONDA ESTAS

6 Que é acarajé?

7 Quem inventou o "yoyô"?

8 Como se chama o Visconde de Abaeté?

9 Quantas vértebras tem o pescoço de uma girafa?

10 Qual foi o rei em cujo corpo, depois de morto, se descobriu uma tatuagem com esta inscrição: "morte aos reis"?



RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS DO NÚMERO ANTERIOR

1 — 6 de Janeiro de 1502. 2 — Desde os egípcios, há 4.000 anos. 3 — Freddericksteat. 4 — Chapeleira. 5 — Nome diferente.



SE V. RESPONDER... Tôdas... cotação: subiu de cotação. Metade: fique contente, diga aos amigos. Nenhuma? Não desanime: o seu dia chegará...

Na bôca do leão...



Na bôca do leão não é mais expressão para assustar, mas proeza realizada por um "ás" do circo europeu, Julio Dola, que introduz o crânio nas fauces da fera, enquanto a bela irmã, dêle e não da fera, monta no rei dos animais... e sorri, gloriosa.

A MULHER DIAN

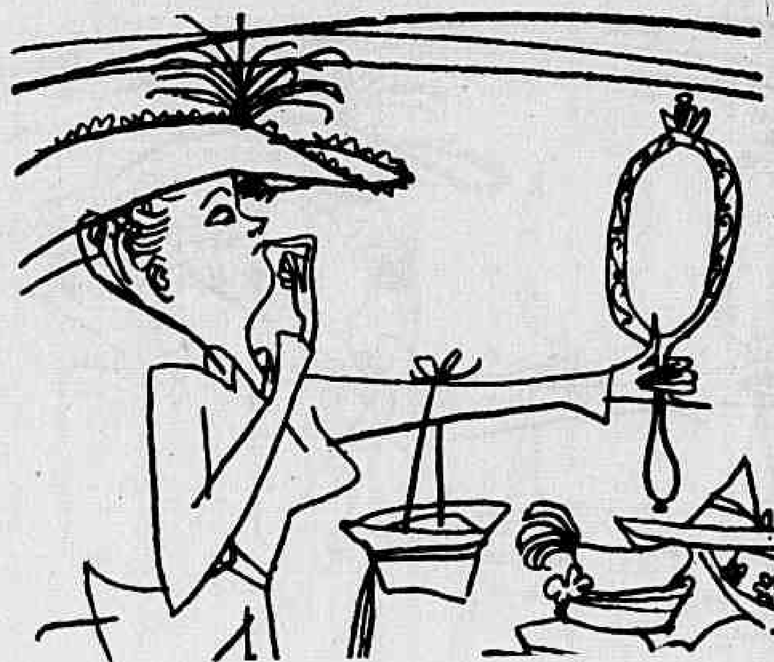
● ESTATÍSTICA

Quanto tempo demora, por dia, uma mulher diante do espelho? Depende da idade... E um americano, em vez de discutir, à nossa moda... fêz estatísticas. Com êle é nos números.

Conclusão, que êle diz matemática: antes dos dez anos as meninas perdem 10 minutos por dia a remirar-se e a acertar a fita nos cabelos. Depois... pelo menos 40 minutos de auto-contemplação, dos 18 aos 20 anos. Dos 20 aos 30, uma hora mínima de narcisismo... Dos 30 aos 40 — a idade das Balzaqueanas — período áureo para os Institutos de Beleza e os cosméticos, é o apogeu do espelho: a média é de 1 hora e 15 a 1 hora e 20...

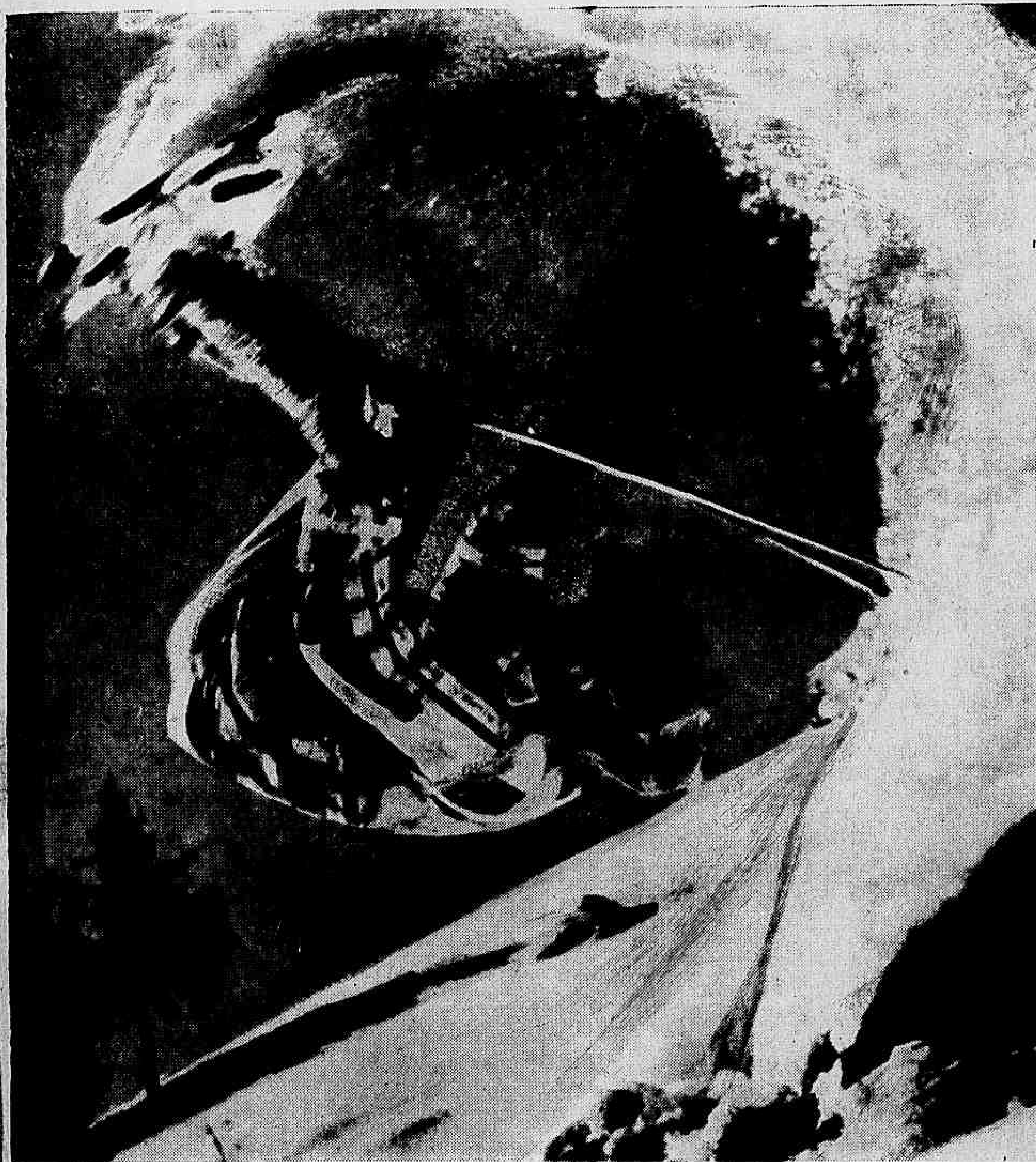
Daí em diante — idade das simpsonianas... — com rapidez impressionante, a média cai vertiginosamente.

Parece que o espelho, não se sabe por que, passa para elas a ser um grande mentiroso.



OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

Salto mortal... imortal...



O ski não é um sporto esquise... mas algo às vêzes violento... Mas se v. pensa que êste skiador caiu... do trapézio, quem caiu foi você. Porque Jeannot é um campeão e êste é o seu salto mortal, que mesmo se o matar um dia já o imortalizou...

TE DO ESPELHO

● **COMA... E EMAGREÇA!**

Uma dançarina, Carolina Hall, saiu de dentro de si mesma, isto é do "hall" do Hotel e passou para o restaurante, conta o "Time". Isso em Boston.

E Carolina senta-se, vai pedindo, comendo e bebendo:

1. 20 torradinhas
2. 1 litro de cidra
3. 24 pedacinhos de manteiga
4. uma salada tríplice
5. uma omeleta de 4 ovos
6. uma dupla porção de batatas fritas
7. 4 torradas grandes
8. um pedaço de bôlo de chocolate
9. um pedaço de doce de queijo
10. uma torta de pêra
11. um sanduíche de queijo
12. um sanduíche de ovos com salada
13. duas porções de bôlo de nozes e moca
14. duas porções de bôlo de morango
15. uma sobremesa de pêssegos e queijo.

Depois ao café (uma média) recusa terminantemente leite e açúcar, alegando "que isso faz engordar"... Carolina, Caro... Caro... como na canção carnavalesca, como devem custar caro ao teu caro os teus 22 anos de bailarina que não deseja engordar... E ela pesa só 70 quilos: é que não põe açúcar no café...

POUCAS E BOAS...

● **AINDA HÁ JUÍZES... EM PARIS**



Todos conhecem a famosa frase do moleiro de Sans Souci, nome francês de um castelo real, na Alemanha: — ainda há juízes em Berlim!

Mas em Paris também os há — **et comment...** Êste que deu razão a Paul Schneider, quanta finura demonstrou em sua decisão. Schneider notara que a linda espôsa, ao sair à tarde, tinha a meia furadinha atrás da perna esquerda e quando volta ao doce lar... o buraquinho passara para a direita.

Paul Schneider pediu divórcio e o juiz o concedeu. Por isso? Por isso...

● **MAIS VELHOS...**

Para contrabalançar, um garôto de seis anos, em New Jersey, mostrou-se velho veterano do crime, quando prêso em flagrante, em Irvington, durante um assalto a uma salsicharia.

Calmo, confessou à Polícia ter dois companheiros "mais idosos", de 10 e 12 anos...

Além de salsichas, engoliram 19 dólares... e comeram cadeia.

● **REINCIDÊNCIA**

Loran Clark e Alice Clark, êle com 69 anos de idade, ela com 67 desejam casar... E casam-se em Murray, no Utah...

Até aí... Acontece, porém, que os dois já se haviam casado em 1906, divorciado em 1908 e daí para cá viviam um na vizinhança do outro, sem dar pela coisa. Há alguns meses atrás, Cupido andava sôlto... Viram-se de novo e de novo se casaram...

Já é ser reincidentes!

Filantropia — "Restituir com estardalhaço, pequena parte do que se surripiou de mansinho"...

QUEM DISSE ISTO?

6 **Delenda Carthago!**

7 **"O resto é silêncio".**

8 **"E' mais que um crime, um êrro".**

9 **"A razão do mais forte é sempre a melhor".**

10 **"Eu vou gritando: paz, paz, paz!"**



RESPOSTA ÀS PERGUNTAS DO NÚMERO ANTERIOR

1 — o poeta inglês Pope. 2 — La Rauchefoucauld. 3 — O General Lafayette. 4 — Napoleão Bonaparte. 5 — D. Pedro II.

O RECANTO PARADISÍACO DA TRAGÉDIA

(Continuação)





Verdadeiramente sensacional foi a captura dos

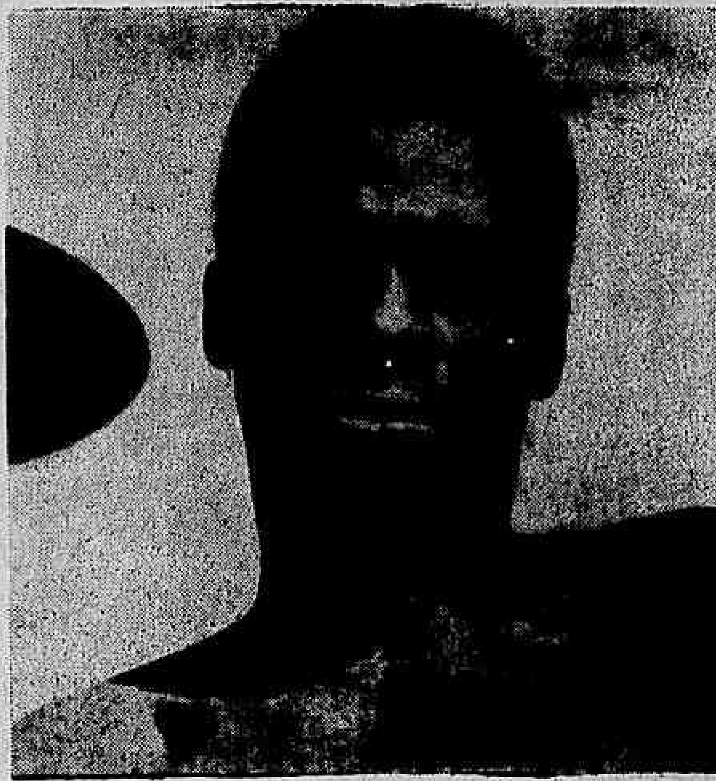
UM panorama do trágico epílogo dos mais fortes episódios da revolução de presos da ilha de Anchieta. O cofre arrombado por uma rajada de metralhadora e um dos corredores do presídio, entulhado de objetos destroçados. Um dos soldados feridos e um dos detentos na luta desigual da Lei contra o crime. Cenas lancinantes de feridos vieram se confudir com os estertores dos que tombaram de ambas as partes. Fisionomias transtornadas pelo ódio, aqui aparecem, como uma reprovação impotente dos que buscaram debalde a liberdade através do caminho rubro da morte. E foi tudo o que restou no final da tragédia do presídio de Anchieta. Para os detentos que não sucumbiram, fechar-se-ão para sempre os portões à liberdade. Para os que morreram no cumprimento do dever, na defesa da ordem, resta sòmente a gratidão à memória de suas vidas imoladas à JUSTIÇA!

Aspecto de um dos soldados sendo transportado ferido, após lutar com os amotinados de Anchieta.



evadidos durante a caçada organizada pelas fôrças da Polícia e do Exército. Na foto, um dos detentos ao ser recapturado, apesar de sua tenaz resistência.







Tipos anormais como êstes, viram-se de uma hora para outra donos de uma situação, levando o pânico e o desassossêgo aos habitantes dos vizinhos municípios de Ubatuba, Caraguatatuba, no Estado de S. Paulo; Parati e Itaverá, no Estado do Rio. São espécimes característicos da delinqüência...



Êste soldado saiu gravemente ferido nas primeiras refregas de captura dos bandidos. Graças ao serviço de socorro, foi êle recolhido à enfermaria do próprio presídio.



Um dos presidiários que tombou ferido na luta com a polícia. Teve o peito varado por uma ra-

jado
coll
outi



Êste cofre arrombado a tiros de metralhadora ficou neste estado após o saque de cêrca de mais de Cr$ 150.000,00. São bem evidentes os sinais de violência.

O RECANTO PARADISÍACO DA TRAGÉDIA



jada de metralhadora e foi recolhido em estado grave. Muitos outros morreram de fome na fuga.

tombou
polícia.
uma ra-

a tiros de
este estado
rca de mais
ão bem evi-
e violência.



Um dos aspectos da depredação, vendo-se um dos corredores internos do presídio, logo após a evasão dos detentos. Note-se o estrago causado numa hora apenas.

ÚLTIMO *Flash*





O Sr. H. S. Vahali, Adido de Imprensa da Embaixada da Índia no Brasil, durante a recente entrevista concedida à imprensa brasileira, aprecia a reportagem da REVISTA DA SEMANA, publicada com o título de "Um Rajá no Brasil".

MÓVEIS E DECORAÇÕES



Projeto e execução da CASA NUNES

MÓVEIS AVULSOS

TAPÊTES E PASSADEIRAS agora, a PREÇOS DE ARRASAR!

GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas



65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

o mais procurado em sua classe!

O prestígio ímpar
dos cigarros Hollywood
é o resultado
da consagração unânime
das pessoas
de bom gosto... amantes
da arte e dos
esportes aristocráticos.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.093